

a granja

A REVISTA
O LÍDER RURAL

**Trate bem
a sua
madeira**

**Rondonópolis, MT:
a riqueza que
vem da terra**

**Planalto: uma
fazenda
onde todos
ganham**

**Em Londrina,
5.000 animais
mudam de
dono**

**TRIGO: a interrogação
que se repete a cada ano**



Máquinas para colher milho



eficiência comprovada
há mais
de 30 anos.



COLHEITADEIRA DE ESPIGAS DE MILHO

GEM JH/SV

A mais nova e perfeita Colheitadeira de espigas de milho VERDE para industrialização ou consumo in-natura. Colhe com proteção total das espigas e aproveita totalmente os grãos. Colhe também espigas de milho secas para estocagem ou para posterior

debulha. Esta máquina é também a grande aliada dos produtores de milho para sementes básicas ou comerciais.

Regulável na altura a 0,85 m, a meia altura e rente ao solo, colhe em lavouras de diversas condições.

A distância entre as linhas é regulável de 0,75 a 1,00 m.

Produtividade, 6 a 12 toneladas/hora, com rendimento maior nas lavouras em melhor estado.

Acoplável a tratores Ford, Massey Ferguson, Valmet e Agrale, é um equipamento muito versátil e de fácil manejo.



PLATAFORMAS COLHEITADEIRAS

PCM M/S

Vigorosas, com o mecanismo das unidades colhedoras extremamente aperfeiçoado, asseguram uma colheita completa e com alto rendimento.

Disponíveis em modelos para 2, 3 e 4 linhas, com distâncias entre as linhas reguláveis de 0,80 a 1,00 m.

Os modelos para 5, 6 ou mais linhas, são os únicos fabricados no Brasil com regulagem para 0,60 a 0,70 m. de distância entre as linhas, ou conforme as especificações do usuário.

Acopláveis as Colheitadeiras automotrizes Ford-New Holland, Massey Ferguson, John Deere, Maxion, Lavrale, SLC, Ideal e outras.



INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS MANTOVANI LTDA.

Rua João Pessoa, 392 - Ituverava - SP - Brasil

Cx. Postal, 108 - CEP 14500/000

Telefones: (016) 729.2722, 729-2039, 729.2150 - FAX (016) 729.2648

Telex (16) 5114 MAMV - BR End. Telegráfico "MANTOVANI"

DEPOIMENTO

A galinha dos ovos de ouro

A busca incessante da máxima qualidade como caminho para o desenvolvimento é trilhado, desde 1962, por Alfredo Júlio Rezende, fundador da Rezende Alimentos, em Uberlândia/MG. Naquela época, em uma pequena granja avícola era implantado o embrião do atual complexo agroindustrial, direcionado à produção de alimentos e ponto de referência universal quanto à qualidade de vida e de seus produtos.

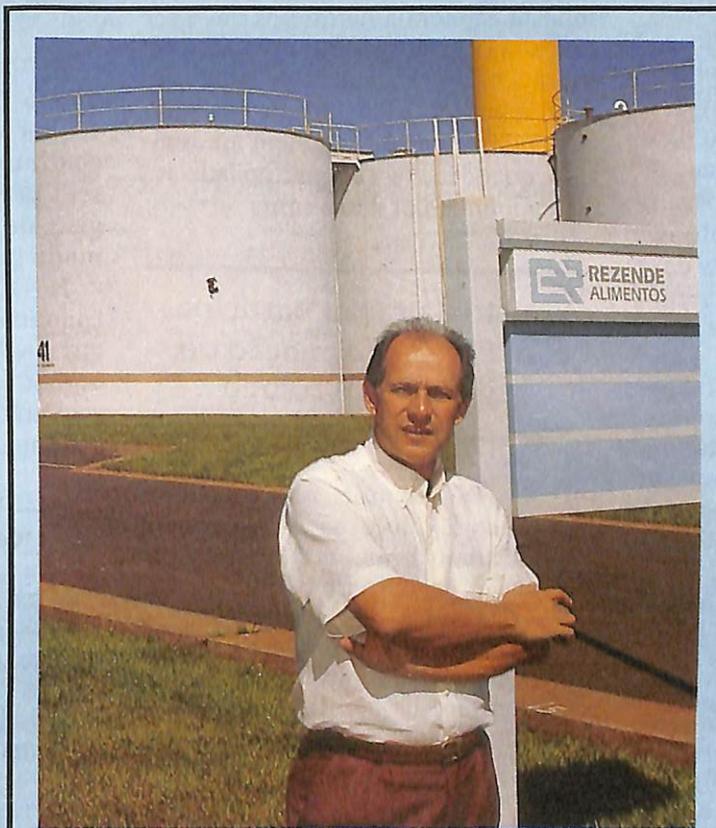
A Rezende Alimentos dispõe de uma área de 16.200 hectares, e é mundialmente reconhecida pelo seu desempenho na avicultura de corte. O crescimento no criatório foi tão exuberante que, de cada dois frangos produzidos no Brasil, um tem origem no aviário mineiro. Atualmente, o plantel é superior a 400 mil aves-avós e mais de 1,8 milhão de aves-matrizes, gerando 1,5 milhão de toneladas de carne de frango, anualmente.

A capacidade dos incubatórios ultrapassa 18 milhões de pintinhos/mês, enquanto o abatedouro de frango pode atender 32.000 cabeças/hora. E, numa demonstração dos esforços dispendidos em qualidade, a empresa é a única no País a produzir ovos SPF (specific pathogenic free), isto é, livres

de agentes causadores de doenças. Com um volume de 2,5 milhões, eles são empregados em laboratórios de diagnósticos e pesquisas, para a produção de vacinas humanas e veterinárias.

Nesta entrevista, Roberto de Mello Pinto, vice-presidente de Operações revela ainda que está em franco processo de implantação um projeto de diversificação das atividades do complexo agroindustrial, que passa por fábrica de rações (450 mil t/ano); indústria de óleo de soja (1.000t de grãos/dia); programa de melhoria genética de gado de corte, com 10.000 cabeças de nelore; e desenvolvimento de uma linha própria de matrizes de suínos. Para suprir o parque industrial, foi elaborado um programa de parceria integral, junto a avicultores locais.

A Rezende Alimentos conquistou, em 1992 e 1993, o prêmio FGV de Excelência Empresarial, conferido pela Fundação Getúlio Vargas. E, nos últimos seis anos, os investimentos corresponderam a mais de US\$ 100 milhões, capital próprio, gerando mais de 2.000 novos empregos, com um total de 4.500 pessoas. No ano passado, o faturamento líquido atingiu US\$ 65 milhões, e a previsão, até dezembro, é chegar a US\$ 100 milhões.



Roberto de Mello Pinto,
da Rezende Alimentos: "Crescemos com
honestidade, tecnologia e reinvestindo lucros"

A Granja — Primeiramente, gostaríamos de saber o que levou a família Rezende a investir em avicultura? Como começou esse negócio?

Roberto Pinto — O fundador do empreendimento é Alfredo Rezende, diretor-presidente das empresas, hoje

denominadas Rezende Alimentos. Após formar-se na Escola Técnica de Viçosa/MG, ele concluiu que a avicultura era a melhor opção para se aplicar tecnologia e obter produtividade. Assim nasceu o pequeno negócio no final da década de 50, e, em 1962,

foi fundada a Granja Rezende S.A.

P — Quais foram os grandes princípios adotados pela granja, para se tornar uma potência dentro da avicultura brasileira?

R — Aplicação de tecnologia, com destaque para os aspectos sanitários,

manejo e nutrição; atento acompanhamento das evoluções do setor na genética e, sobretudo, rígida política de reinvestimento de todos os resultados, na própria atividade. Nas relações com seus parceiros e colaboradores, sempre predominaram os valores de qualidade, honestidade, integridade e informalidade.

A avicultura de corte encontrou seu caminho na produção integrada

P — Dos primeiros tempos até hoje, o que o mercado avícola fez para se tornar um grande concorrente do segmento bovino? Foi o marketing de consumo?

R — O segmento avícola vem ganhando espaço sobre o de carne bovina por uma série de ações desenvolvidas nos últimos anos, sendo que nem todas elas resultam de um planejamento de marketing orientado para o mercado consumidor. O ambiente interno recessivo dos últimos anos exigiu das empresas do setor que melhorassem seus controles de custo e buscassem elevar a produtividade, para que cada vez mais o preço do frango fosse se tornando atrativo aos consumidores. Isto serviu como um fator de quebra de resistência à carne avícola e propiciou um novo hábito de consumo. Destaque-se ainda uma atitude pró-ativa de algumas empresas, buscando conhecer os diversos públicos e prováveis consumidores, bem como o potencial reservado aos produtos derivados de carne avícola.

P — O senhor acha que o futuro do setor está na integração com os grandes abatedouros, como forma de diluir custos de produção, ou ainda é possível fazer o ciclo completo na propriedade?

R — Em diversas partes do mundo, a avicultura tem optado pela integração como forma ideal de produção. Os grandes abatedouros e a indústria fazem investimentos na transformação dos produtos, na comercialização e marketing e se encarregam ainda de fornecer o capital de giro para a criação. O integrado assume o investimento nas instalações e se encarrega da administração do criatório. Parece-nos ser esta, realmente, a alternativa

mais indicada para a avicultura continuar sua marcha, na busca de oferecer produtos cada vez melhores e a preços mais atraentes para os consumidores.

P — O Brasil tem condições de produzir as suas matrizes-avós? O que isso representaria na economia de divisas para o País e na redução do custo final do frango?

R — Do ponto de vista tecnológico, o Brasil teria condições de produzir as suas aves-avós, o que demandaria um alto investimento inicial, principalmente em treinamento de pessoal, pesquisa e aquisição de material básico (nem sempre disponível). Por outro lado, teria de concorrer no mercado mundial de avós, para justificar o investimento, o que está fortemente associado à demanda. A suposta economia de divisas deve ser analisada num aspecto mais amplo, envolvendo a eficiência de produção de frangos de corte, tendo em vista que, atualmente, o Brasil tem apresentado qualidade e competitividade no mercado mundial dessa carne.

Custo da ração participa com 62% na formação do preço de um frango

P — Detalhando um pouco o item custo: quais os fatores que mais influenciam na composição do preço do frango de corte?

R — O principal fator de custo que influencia a formação do preço do frango de corte é a ração, que corresponde, em média, a 62% do custo de produção, partilhando 50% para o milho, 34% para a soja e 16% para as outras matérias-primas e vitaminas. Outros fatores que contribuem são plantel, salários, produtos veterinários, impostos, etc.

P — Qual sua expectativa com relação à atual safra de milho? Existe alguma preocupação com o abastecimento?

R — Conforme estimativas do IBGE divulgadas na carta HM, a previsão para a próxima safra de milho é de 31,551 milhões de toneladas. Ainda segundo a carta HM, há um consumo previsto de 32 milhões de toneladas e um estoque de passagem de cerca de 3 milhões de toneladas. Os números são um pouco justos, mas não preocupantes.

Em 93, o Brasil faturou quase US\$ 500 milhões com a exportação de aves

P — Com o crescente empobrecimento do brasileiro, que receita o senhor dá às granjas avícolas, para continuarem produzindo frango sem prejuízo, uma vez que as margens de lucro são pequenas, de um modo geral?

R — Os avicultores do País já encontraram a resposta, na medida em que melhoram a eficiência, adotam a economia de escala e atuam de forma cooperativada, permitindo ao setor contínuo crescimento nos últimos anos.

P — Voltar os olhos para mercado externo não seria uma garantia contra as oscilações do preço de frangos no mercado interno?

R — O setor avícola brasileiro já o fez, tendo iniciado as exportações através das grandes integrações do Sul, desde o final da década de 70 e ao longo dos anos 80, atingindo os exigentes padrões de qualidade do Primeiro Mundo. Em 1993, foram exportadas 415 mil toneladas, com ingresso de divisas de US\$ 465 milhões.

P — Considerando que o frango já representa mais de 5% no movimento dos supermercados, em que outros nichos a carne de aves poderia deslanchar mais?

R — O mercado de produtos de carne avícola, se visualizado como um espectro que variasse dos produtos com menor valor agregado para os de maior, teria o frango resfriado na primeira extremidade. Isso porque ele,

hoje, nada mais é do que uma commodity, e os consumidores não procuram marca, mas, sim, preço. Por isso, o investimento em construção de marca para esse segmento é extremamente proibitivo, em função das reduzi-díssimas margens. Todo o esforço, então, deve ser orientado para os produtos que permitem que se agregue valor. Aqueles que ficaram na outra extremidade do espectro. Trata-se, então, de investigar profundamente o mercado e identificar os nichos e segmentos que forem mais promissores, desenvolvendo os produtos que possam satisfazer as suas necessidades. Inevitavelmente, surgirão diversas alternativas. Seja um trabalho de merchandising em locais tradicionais de vendas, ou em outros, além dos auto-serviços (açougues, padarias, vendas, mercearias, pequenos supermercados, etc.), para valorizar as apresentações de carne de frango; seja a criação de produtos de conveniência para lojas 24 horas; e ainda o desenvolvimento de *fast-foods* especializados ou com pratos diversificados de frango; boutiques de carnes; incremento de intercâmbio com cozinhas industriais, etc.

O produtor precisa dar conforto ao seu criatório, principalmente no verão

P — Voltando um pouco a Minas Gerais: é difícil produzir aves no clima quente do Brasil Central? Qual o índice de perdas no plantel?

R — O município de Uberlândia apresenta ótimas condições climáticas para produção eficiente de aves, com média de temperatura anual máxima de 24°C e mínima de 18°C. As variáveis que afetam a temperatura ótima são a umidade, a ventilação e a densidade de aves por m²; assim, por mais favoráveis que sejam as condições climatológicas, os avicultores devem compensar o efeito do estresse calórico mediante as melhorias das condições da granja. A temperatura ideal deve ser conservada o mais uniforme possível dentro do galpão, pelo manejo adequado das cortinas, uso de ventiladores, nebulizadores, pintura do telhado, grama ao redor dos galpões, altura das instalações, entre outros, que

auxiliam a manter as aves mais confortáveis nos meses quentes do ano.

Criamos um sistema de vacinação específico para cada situação

P — Que doenças são mais comuns nos criatórios de Uberlândia?

R — O controle das enfermidades aviárias, durante os últimos 20 anos, tem sido feito através do emprego correto de medidas sanitárias e de higiene, acompanhado de programas de vacinações cuidadosamente elaborados. Nas reprodutoras pesadas, deve ser realizado com o objetivo de proteger as aves contra a doença-demarek, boubá aviária, gumboro, encefalomielite aviária, newcastle, bronquite infecciosa e, dependendo do desafio regional, coriza infecciosa. Não existe um programa de vacinação único, pois ele precisa ser elaborado para cada situação específica, variando em diferentes regiões, empresas ou mesmo entre técnicos, devendo ser avaliado através de monitoria sorológica.

P — A Granja Rezende desenvolve algum tipo de pesquisa na área genética, ganho de peso, manejo, etc? Quais são, em suma, os resultados?

R — Sim, a nossa empresa é difusora de material genético, com grande responsabilidade na produção avícola nacional, considerando que fornece aves-matrizes para mais de 50% do mercado brasileiro, desenvolve pesquisas principalmente nas áreas de manejo e nutrição de aves, com o objetivo de proporcionar a seus clientes informações que lhes possibilitem melhorar o desempenho zootécnico e econômico dos plantéis de matrizes e frangos de corte. Além disso, a Granja Rezende, uma empre-

sa com objetivos de produção de alimentos, também desenvolve pesquisas, na área de genética, com suínos e bovinos de corte. O programa visa, por um lado, obter matrizes de suínos com elevado potencial de produção de carne magra e de qualidade superior, alta eficiência produtiva e reprodutiva, bem como livre das principais doenças de impacto econômico. Com relação a bovinos, mantemos, há cerca de 20 anos, um plantel básico de 10.000 cabeças de gado nelore, cujo ganho genético, na última década, tem sido da ordem de 1,5% da média fenotípica da nossa população, acima do obtido em outros rebanhos de seleção, que gira em torno de 1,0%. Nos últimos cinco anos, a Granja Rezende iniciou um programa de cruzamento industrial, utilizando as raças simental e limousin, para a produção de animais 1/2 sangue e tricross, respectivamente, com pleno sucesso. Os animais atingem 16,50 arrobas aos 13 meses, e prenhez das novilhas aos 14 meses de idade.

Sabedoria popular: carne de frango é *light*, sem tornar-se enjoativa

P — A pesquisa oficial tem ajudado os avicultores, ou existem grandes deficiências nessa área?

R — Tem havido um grande esforço das universidades e da Embrapa com resultados relevantes para os avicultores, principalmente nas áreas de sanidade, desenvolvendo metodologias para diagnóstico, vacinas, monitoramento e manejo sanitário. Na área de nutrição, as contribuições encontram-se principalmente na avaliação de disponibilidade de nutrientes das principais matérias-primas usadas na formulação de rações e na pesquisa de exigências nutricionais.

P — Para finalizar, o que o senhor diria em favor da carne de frango, em comparação a outras proteínas de origem animal?

R — A sabedoria popular elegeu a carne de frango como naturalmente *light*. Somam-se a isso o fato das diversas opções que existem para servi-la e a possibilidade de ser consumida repetidas vezes sem tornar-se enjoativa. ■

ÍNDICE

NOSSA CAPA

A grande interrogação hoje é saber que caminhos trilhará a nossa triticultura. O País vai continuar subsidiando os produtores de fora ou vamos resolver de vez a questão do trigo? Dúvidas a que só uma matéria especial pode responder



NESTA EDIÇÃO

- 12** Madeira tratada
- 20** Tecnologia do campo
- 22** Como aplicar injeções

- 24** O trigo balança
- 36** 22ª Exposul
- 47** Zebu no Pantanal
- 55** Expo/Londrina
- 58** O clima da Fenasoja
- 59** Plantas que curam
- 61** Manga sem mosca

SEÇÕES

- Aconteceu..... 7
- Caixa Postal 2890..... 8
- Aqui Está a Solução..... 9
- Eduardo Almeida Reis..... 10
- Porteira Aberta..... 11
- Flash..... 61
- Agribusiness..... 64
- Hortas e Pomares..... 65
- Mundo da Lavoura..... 66
- Mundo da Criação..... 67
- A Granja Leilões..... 68
- Escolha seu Trator..... 70
- Novidades no Mercado.. 72
- Ponto de Vista..... 74



48 Fazenda Planalto, MS: aqui, todos ganham



Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretor de expansão:
Léo I. Stürmer
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

GERÊNCIA

Eduardo Hoffmann.

REDAÇÃO

Jomar de Freitas Martins (editor), Luiz Fernando Boaz (repórter), Iara Salin Gonçalves (revisão), Aneise T. Ata (secretária). Colaboradores: Carolina Bahia, Jorge Duarte, Ana Paula Rodrigues, Monica Martinez Luduvig, Najar Tubino, Paulo Mello, Jandira Feijó, Cláudio Paiva, Marta Watanabe, Marcos Muzzi e Luiz Fernando Lemmert.

COMPOSIÇÃO

Renato Fachel (supervisor), Paulo Nobre (composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Amália Severino Bueno (coordenadora).

PUBLICIDADE

Contato: Fábio Torcato.

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, fax (011) 220-0686, CEP 01045-001, São Paulo/SP. Gerente: Alexandre Ortiz. Contato: Moacyr Francisco Caralli.

Representantes/Publicidade

PARANÁ - DPC - Direção de Produção e Comercialização de Publicidade Ltda., Av. Cân-

dido de Abreu, 427, conj. 306, fone (041) 253-3137, fax (041) 254-3348, CEP 80530-000, Curitiba/PR; RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 834, fone (021) 256-8724, CEP 22031-070, Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - José Maria Neves - Av. do Contorno, 8.000 conj. 1.107, fone (031) 291-7008, CEP 30110-120, Belo Horizonte/MG.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (051) 233-1822, fax (051) 233-2456, Cx. Postal 2890. CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: 4,5 URVs.

Os nossos 50 anos

Nossos cinquenta anos precisam ser pautados com avanços. O leitor, seguramente, está notando esse esforço permanente, acrescido edição por edição. Agora, por exemplo, as primeiras oito páginas, assim como as últimas oito páginas, também são impressas a quatro cores, como, de resto, todo o miolo da revista. Uma ampla pesquisa junto aos assinantes mostrou que as cores dão uma atração maior à leitura. Claro, trata-se de um custo a mais para a revista, o qual não estamos transferindo ao leitor, que não pagará nenhum valor adicional. Quem é assinante continua a receber **A Granja** pelo preço que já pagou, e quem comprar a revista daqui para frente não terá acrescido esse custo. Hoje, a gente come pelo sabor e pelos olhos. Uma revista, para ser lida, tem que ter conteúdo, mas também deve ser atraente.

O pão nosso de cada dia poderia ser mais gostoso

O leitor que nos acompanha neste pé de página, nos últimos anos, lembra que volta e meia abordamos o problema trigo. Problema abordado, porém jamais resolvido. Há mais de trinta anos, os sucessivos governos não conseguem, não prevêm ou simplesmente não foram suficientemente esclarecidos, para tentarem incentivar o plantio do trigo. De fato, existem os que pensam o contrário: é mais fácil e barato importar o cereal. Seja dos Estados Unidos, seja da Argentina. Para nós, trata-se de uma posição simplista, pouco criativa e que envolve, necessariamente, alguns interesses que não são exatamente os interesses dos produtores.

Numa avaliação grosseira, a auto-suficiência do Brasil, em relação à sua principal safra de inverno, é simplesmente incomensurável. A visão maior é a do agribusiness. Pois movimentam-se mão-de-obra, máquinas, implementos, combustíveis, insumos modernos, como calcário e fertilizantes, sementes, defensivos agrícolas, além do setor financeiro e do transporte. A maior produção de trigo vai irrigar, pelo processo de vasos comunicantes, os mais diferentes setores da produção e serviços. Realmente, não dá para medir os benefícios diretos e indiretos que o Brasil teria, inclusive pelo aumento de arrecadação, com a explosão da safra do pão nosso de cada dia.

Imprevidência

Em 1991, o Brasil exportou o equivalente a US\$ 150 milhões de algodão. Hoje somos importadores. Aliás, no ranking mundial, no ano passado, figuramos como o segundo, apenas ultrapassados pelo Japão. Assim, o país que se situa como o segundo maior exportador de frangos, é, em contrapartida, o segundo maior importador de algodão. Dá para entender? O pior é que não se vê nenhum esforço sério, nem sequer mental, por parte do governo, para tentar reverter essa situação.

Impostos e mais impostos, só para alguns

Uma série de percalços, fatores limitantes, burocracia e problemas de toda a ordem podem ser facilmente resolvidos com a racionalização de impostos ou mesmo com a sua sumária

eliminação. Veja-se, por exemplo, o setor de carne bovina. Calcula-se, por alto, que a sonegação atinge mais de 60% da comercialização. Ora, se o abate clandestino, que não paga imposto de qualquer espécie, concorre com os frigoríficos, que são fiscalizados em termos de saúde e receita, essa atividade econômica torna-se simplesmente inviável. Assim, para um observador atento e isento, não constitui surpresa nem espanto que o Frigorífico Swift Armour, do grupo Bourbon, tenha solicitado concordata, com dívidas declaradas de US\$ 143,5 milhões. Trata-se da maior empresa brasileira de abate e industrialização de bovinos. Também é a maior empresa exportadora de carne bovina do País.

O contribuinte paga para o governo fiscalizar. Mas o governo é preguiçoso: só fiscaliza o óbvio e o que está nas suas barbas. Ou seja, os frigoríficos de grande porte que estão junto às cidades. Os pequenos abatedouros ficam simplesmente ao bebeléu. Bem, se essa é a realidade, então vamos encará-la como ela é e dar uma solução de imediato.

Na cesta básica o que mais pesa é o imposto

Recentemente, com certo restardalhão e como se fosse um gesto de generosidade, a receita fazendária do Rio Grande do Sul isentou de ICMS a batata, a cebola, as hortaliças, as verduras, as frutas frescas e o leite. Ainda, nos vinte demais produtos da cesta básica baixou alguns de 17% e outros de 12% para 7%.

Como a fiscalização é difícil e precária, conseqüentemente a sonegação é grande e, sendo o poder aquisitivo da população terrivelmente baixo, cabe a pergunta: não é uma ganância inqualificável cobrar ICMS na cesta básica? 

Escravidão leiteira

“Foi nestes dias que andei pensando muito na situação atual das pequenas e médias propriedades, fundamentadas no leite tradicionalmente, na região Nordeste do Rio de Janeiro e Leste de Minas Gerais.

A escravidão do leite, na versão do produtor, está baseada na baixa remuneração do produto junto a cooperativas e laticínios, em relação ao preço de venda ao consumidor, que tem se mantido entre quatro e cinco vezes mais, e da matéria-prima se extraindo ainda a valiosa gordura. Na grande maioria das propriedades, o pasto está exaurido de suas naturezas nutritivas devido à extração profunda, consecutiva e ininterrupta de nutrientes pelo gado, ao longo dos anos, sem reposição alguma.

O produtor, por ignorância ou incapacidade financeira, nunca repõe fósforo, cálcio e magnésio. Assim, a infra-estrutura do pasto já vem abalada há muito tempo, quando inúmeros criadores pararam de tratar vacas no cocho porque não podiam mais comprar ração ou similares. Sem alimentação, todos os caracteres zootécnicos das criações foram caindo de produção. O intervalo entre partos é grande, os bezerros assemelhando-se a ‘cachorros-de-pasto’, com baixo peso ao nascer. O leiteiro é obrigado a tirar o leite da mãe, tendo em vista que precisa de capital, ainda que irrisório. O bezerro só tem direito a ‘puxada’ de dez segundos (quando não há algum perdido por mamite).

A mortalidade de bezerros é alta, não por pestes ou doenças incuráveis, mas, sim, por falta de leite, gerando a inanição. Um ventre que devia produzir um bezerro por ano, ou quase isto, não consegue nem a metade, e sua vida útil é duramente afetada. A bezerrada, que deveria constituir o lucro do produtor, é pequena em número e em qualidade. Existe meio de não utilizar ração para atingir os bons parâmetros da criação sadia, porém é preciso plantar bastante, e a roça anda

sem mão-de-obra, cara por dia trabalhado e instável no clima. O produtor cria sua família com venda de gado, de leite, entre outros. Porém, não tem capacidade de expandir seus negócios para o comércio.

O produtor de leite de que estamos falando não consegue sequer fazer uma greve de entrega do produto por um mês, se encontra descaptalizado, sem fundo de reserva algum. Vive com menos do que o salário pago para seu retireiro, se tornando absurdamente empregado do próprio empregado. Alguns dizem que ele é o dono do patrimônio. Mas de que adianta muita vaca magra se dela não pode se desfazer? E como falar em queijo e iogurte, se muitos não sabem sequer conservar o produto tirado à tarde, para entregá-lo de manhã, na ausência de refrigerador? Não aventuram a possibilidade de suplementação com sal mineral, já que o pasto não fornece? Lamentam muito o clima e o preço, mas não plantaram cana e sorgo, nem mesmo uma moita de milho, para dar poeira de fubá para a criação na seca. Sem mencionar o importante controle leiteiro, realizado em baixa porcentagem de propriedades.

Então, as regiões de tradicionais bacias leiteiras do Rio de Janeiro e Leste de Minas procuram solução para a baixa produção e produtividade. E, de acordo com aspectos edafoclimáticos e sociais, começa-se a confeccionar um panorama de viabilização da fruticultura como fonte de renda para o produtor e com utilização dentro da própria agropecuária.”

Rodrigo Thomé
Aperibé/RJ

Lugar ao sol

“Na condição de administrador de fazenda de gado de corte, procuro propriedades para trabalhar em qualquer parte do País ou exterior. Tratando-se de bovinos, tenho amplo conhecimento prático em manejo, sanidade e alimentação. Na parte de equinos, possuo experiência em doma racional

e técnicas de produção. Os interessados podem solicitar o currículo enviando correspondência para a caixa postal 181, CEP 96170-000, São Lourenço do Sul/RS, fones (053) 251-1697 e 225-3983.”

Nede Amilton Goulart Nunes
São Lourenço do Sul/RS

Asbia com nova diretoria

“Eleito por unanimidade em 4 de março último, Marco Antonio Carvalho Volta, Volta Industrial Agropecuária Ltda., é o novo presidente da Associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia), sucedendo a Luiz Carlos da Veiga Soares. Desde 1974, Volta é membro da entidade e participa de sua direção há 12 anos. A diretoria também é integrada por Hélio Dias Santos Duarte, Pecplan Bradesco Inseminação Artificial, vice-presidente; Dorival da Cruz, Yakult S.A. Indústria e Comércio, diretor-secretário e José de Castro Rodrigues Neto, Lagoa da Serra Inseminação Artificial, diretor-tesoureiro.”

Dorival da Cruz
São Paulo/SP

Paulada não respondida

“Com referência à matéria *Paulada não respondida*, veiculada na edição 543, de janeiro/94, na seção ‘Porteira Aberta’, cumpre-nos inicialmente parabenizá-los pela excelência da matéria, que, de modo elegante, buscando ouvir a resposta, fez referência à agressão, sem polemizar. Aproveitando o ensejo, juntamos cópia de outro ‘a pedido’ da Empresa Menegaz S.A., datado de 11.03.94 e publicado nos jornais Diário da Manhã e Zero Hora, onde reconhece a lisura do Banco do Brasil S.A.”

Luis Maurmann Cafruni
Passo Fundo/RS



Devagar e sempre

“Lendo a revista **A Granja** encontrei uma reportagem sobre a criação de escargô que me despertou muito interesse. Assim, para pôr em prática o projeto, desejo orientação quanto ao local onde posso adquirir os caramujos, preços, forma de envio para minha cidade, entre outras informações.”

*Claudete de Souza Lopes
Conchas/SP*

R — *Existem muitos criatórios espalhados pelo Brasil que poderiam dar as respostas solicitadas. Porém, para que fique mais prático, indicamos, no Estado de São Paulo, o helicicultor Carlos Alberto da Fonseca, fone (011) 255-7386, ou a própria Casa de Agricultura e Abastecimento de sua região. Caso prefira outro Estado, no Rio de Janeiro pode contatar com José Ramirez pelo fone (021) 551-7304.*

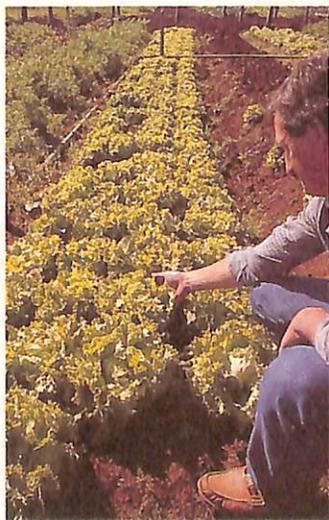
Alface sulista

“Tenho interesse em saber que variedades de alface poderiam ser cultivadas no Sul do País, tanto no verão como no inverno, já que pretendo produzir o ano inteiro. Recorro a vo-

cês porque recebi ótimas referências da revista.”

*Jaime Lúcio Machado
Gravataí/RS*

R — *O Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças (CNPH), da Embrapa, em Brasília, dispõe de pesquisadores altamente qualificados para indicar com segurança a variedade ideal para sua região. Uma dessas pessoas é o agrônomo José Amauri Buso, chefe-adjunto do CNPH, que pode ser contatado no seguinte endereço: KM-09, BR-060, Rodovia Brasília-Anápolis, CEP 70359-970, caixa postal 0218. Ou pelo fone (061) 556-5011, e fax (061) 556-5744.*



Investindo em noz

“Gostaria de receber informações a respeito da reportagem sobre noz macadâmia, veiculada na edição 543 desta conceituada revista. Tenho um sítio na cidade de Birigüi, interior paulista, e, ao ler a referida matéria, vislumbrei a possibilidade de cultivar a noqueira na propriedade. Certos de sua atenção, desde já agradeço.”

*Sérgio Martins Villela
Birigüi/SP*

R — *A matéria intitulada “Nogueira australiana conquista produtores brasileiros”, veiculada em ja-*

neiro, na edição especial de A Granja, realmente tem despertado enorme interesse nos leitores. Todo o tipo de informação que o produtor desejar sobre a cultura ou a respeito de como conseguir mudas pode obter diretamente com Associação dos Produtores de Macadâmia do Estado de São Paulo, com o engenheiro-agrônomo Pedro Luís Toledo Piza. O endereço da entidade é Fazenda Santo Antônio, caixa postal 35, CEP 17300-000, Dois Córregos/SP. O fone é (0146) 52-1144, e o fax, 52-2288.

Posso plantar arroz?

“Na condição de leitor, tomo a liberdade para dizer que possuo uma pequena propriedade rural, a qual tem, ao fundo, um pequeno riacho. Na cabeceira, há uma chapada de 12.000m² de área, cujo terreno é argiloso. Visto que esse solo se mostra bastante impermeável às águas pluviais, pensei em fazer uma lavoura de arroz irrigado. Isso é possível? Em caso afirmativo, como seria? Qual a vazão de água necessária e o volume do reservatório? O local pretendido oferece condições? A localização

da propriedade é ao norte do Estado do Paraná, no município de Rolândia. Agradeço pela atenção e fico no aguardo.”

*Emerson Marino
Rolândia/PR*

R — *Uma solução para este tipo de questionamento se torna difícil, tendo em vista que não há um maior detalhamento da região e do clima. Além desses dados, o ideal é apresentar resultados de análise do solo, para que sejam evitados equívocos. Mesmo assim, houve um contato com o engenheiro-agrônomo Assis Morais, do departamento técnico do Instituto Rio-grandense do Arroz (Irga), que se colocou à disposição para quaisquer esclarecimentos através do fone (051) 226-5797 ou do fax 226-1567.*



Exercício de futurologia

Existe queijo mineiro gostoso? Existe. Basta fazer bem-feito, com leite integral e quantidade certa de sal. Sem sal e sem gordura tem gosto de isopor. É uma ilusão pensar que emagrece, porque o sujeito acaba comendo mais do que comeria de um queijo digno, na esperança de encontrar algum prazer gustativo. Digno...aí está o adjetivo adequado: falta dignidade ao queijo frescal.

Outra maneira de produzir queijo supimpa, que recomendo aos leitores de **A Granja**, consiste em errar na fabricação, cortando a massa antes da hora certa. O produto resulta cremoso por dentro, com um tiquinho de acidez, como se fosse um requeijão de copo delicioso, e não dos requeijões-isopores que existem por aí. Experimente, você que faz queijo na roça, cortar a massa de um deles antes da hora, e depois fazer tudo direitinho, como de hábito. Levado à geladeira, o queijo forma, depois de alguns dias, uma casquinha que envolve o interior cremoso, de arrepiar os pêlos de qualquer sujeito que se amarre numa cervejinha.

Parece que a Nestlé e a Parmalat, juntas, já controlam 70% do mercado brasileiro de laticínios. Leio num jornal que a "Parmalat esmaga cooperativas". Aqui? Não, em Portugal, onde os produtores "estão todos a fugir para a Parmalat".

A não ser no programa "Globo Rural", onde as coisas costumam ser muito fáceis, e todos os fazendeiros têm lucros fabulosos, a realidade é diferente. Se não fosse, um dos bambambãs da própria Globo, que produz 2.000 litros de leite por dia, não estaria querendo vender as vacas, para entrar no gado de corte, desgostoso com os preços do leite e com as demandas trabalhistas.

Ainda outro dia, a tevê nos mostrou reprise de um programa focalizando produtor que fatura US\$ 32 mil por ano, com escassas 20 vacas leiteiras. Por que, então, não dobrar o faturamento para US\$ 64 mil, com 40 vacas apenas? Na prática, a teoria é outra, já dizia o jardineiro do grande

Nelson Palma Travassos.

Voltando ao "Diário de Notícias", vejo que é grande a confusão das cooperativas do Centro-Sul de Portugal, que receiam pelo seu futuro a médio prazo. O medo tem um nome: Parmalat.

Na matéria assinada pela repórter Margarida Cabeleira, lê-se que a multinacional italiana é acusada pelas cooperativas de aproveitar a fragilidade do setor, para negociar transferências de produtores.

Receiam as cooperativas que seus maiores produtores se transfiram para a Parmalat, deixando-as com os pequenos, chamados em Portugal produtores "de bilha". A razia é mais notória no sul do País, onde atua a multinacional. Há produtores que não esperam e já "estão a sair", como diz a repórter do jornal português.

Num exercício de futurologia, de resto autorizado por lei, permito-me dizer que o controle do mercado brasileiro por duas ou três multinacionais resultará em algo parecido com o que se vê na produção "integrada" de porcos, perus ou frangos.

A multinacional fornecerá rações, medicamentos, assistência técnica, financiamentos e reprodutores, garantindo a compra do leite, de ótima qualidade (e isso é fundamental), por um preço que permita a sobrevivência do produtor. É maneira inteligente de ter milhares de fazendeiros trabalhando

para ela, sem qualquer vínculo trabalhista. Os vínculos continuarão existindo entre os fazendeiros e seus empregados, com todas as reclamações resultantes do fato de empregado brasileiro ter ódio de patrão.

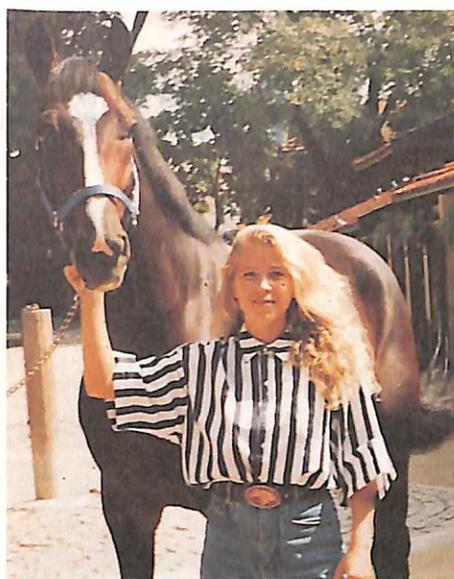
Resta saber se o negócio vai piorar muito. Penso que não. Mesmo porque era difícil ficar pior. Que acontecia no sistema cooperativado? Com raras e honrosas exceções, como a da Cooperativa Argirita/MG, durante anos presidida por um abnegado, voltado apenas para o progresso de seus cooperados, produzindo excelente ração para vender a preço de custo, mantendo veterinário excelente, para assistir os produtores, tendo o cuidado, até, de fazer duas leituras da acidez do leite, antes de meter o pau no produto. Explico: às vezes, o leite que chega "ácido" à plataforma, perde a acidez depois de algumas horas de frigorífico. E só aí, depois de uma segunda análise, a cooperativa mineira refugiava o produto.

No resto do sistema, o que se via eram os donos das linhas mandando nas cooperativas: leite do maior produtor de uma linha nunca dava ácido. A cooperativa, por sua vez, também tinha "donos". Um deles, por sinal meu amigo, foi à Europa 43 vezes em onze anos, por conta da cooperativa. Pode?

Resta-nos tirar o chapéu para a eficiência, para a competência, para o profissionalismo das multinacionais. Na década de 70, por exemplo, a Cooperativa Central dos Produtores de Leite, do Rio, fazia excelente iogurte, talvez o mais gostoso já fabricado no País. Tinha a matéria-prima (leite de dezenas de cooperativas, reunindo milhares de produtores) e fazia ótimo iogurte. Ainda assim, associou-se a uma empresa francesa de laticínios atrás de uma "tecnologia" que não chegou até hoje.

Agora, ao menos, o "inimigo" não é do meio, não é colega nosso, não tem fazenda vizinha: é um italiano abstrato, pessoa jurídica, que a gente pode xingar à vontade. Já é um consolo. 





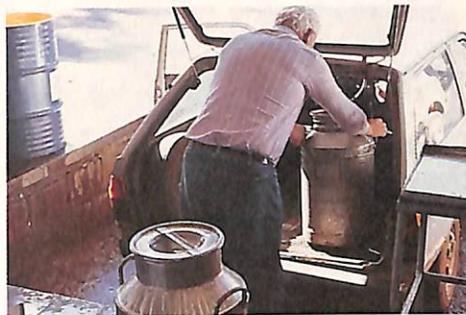
A "Xuxa" country

Um novo talento foi descoberto pela rede de televisão CNT, no centro do País, para promover o quadro *Top Horse*, que vai ao ar após às 23 horas de sábado. Trata-se da franco-brasileira Anne Louise Vinson, que sempre conta uma história gostosa e atrativa envolvendo equinos e seus proprietários. A *show-woman*, no entanto, não é uma simples apresentadora: é zootecnista, pecuarista, se apresenta em leilões e ainda administra a Associação Brasileira dos Criadores de Gado Canchim, em São Paulo. Com tanto fôlego assim, além de ser bonita e meiga, já ganhou um apelido dos seus milhares de admiradores, que não lhe dão sossego. Na hora do programa, entusiasma-se: "Lá vem a Xuxa dos Cavalos".

De bem com o nome e com a profissão

Quem poderia imaginar que uma inocente "estrelinha" pudesse ser o estágio final de uma temível doença? Pois é, nos últimos três anos, a moléstia assim denominada tem sido uma grande dor-de-cabeça para o citricultor paulista. O fungo *Goesporioides colletotrichum*, responsável direto pela doença, impede o desen-

volvimento dos frutos. O agrônomo Francisco Laranjeiras, com sobrenome que tem tudo a ver com a atividade, disse que a denominação "estrelinha" foi dada porque, ao caírem as pétalas, fica nos galhos a base da flor, com formato arredondado e várias pontas. Os frutos chegam a nascer, mas tombam tão rápido quanto uma estrela cadente.



Elementar, meu caro Funari

O município de Taquaritinga/SP tem uma produção de 5.200 litros de leite por dia. Na cidade existe apenas um laticínio que industrializa o produto, porém ele só consegue captar 2.000 litros. Que fim levaram, ou melhor, levam, diariamente, 3.200 litros? Essa pergunta quem está tentando responder é o promotor público local, Marcos Roberto Funari, que decidiu dar uma de policial e saiu em busca do leite perdido. Porém não precisa ser nenhum Sherlock Holmes para encontrar o desvio, já que dos 165 produtores somente 20 são fiéis à indústria. O restante decidiu parar de ser explorado e está negociando a produção diretamente na padaria da esquina ou no supermercado, à vista, por CR\$ 390,00. Em vez de receber CR\$ 170,00 da usina, 22 dias depois, valor que chega a ser CR\$ 6,00 inferior ao custo de produção, estipulado em CR\$ 176,00, e, ainda por cima, defasado. O Sindicato Rural de Taquaritinga está entrando na luta do tambeiro e vai viabilizar uma miniusina em conjunto com os órgãos oficiais, para legalizar a situação. Assim, a investigação de mr. Funari não irá muito longe!

Chega de mamata

A Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (Ceagesp), em Jaguaré/SP, é o terceiro maior centro atacadista da América Latina. Só ali circulam 30% da produção hortícola nacional ou 70% do abastecimento da Grande São Paulo. Com todo esse *know-how*, não é à toa que é conhecida como pólo formador e informador de preços, por excelência, no País. Nos bastidores, para variar, quem carrega nas costas, de sol a sol, o fardo do dia-a-dia é sempre quem produz. Esse homem, talvez amedrontado com o gigantismo de uma Ceagesp, acaba sendo atraído pelo velho e inebriante canto da seireia, incorporado na figura do atravessador, que, apenas na aquisição da mercadoria junto à fonte, abocanha cerca de 40% dos rendimentos do produtor, pois este só verá a cor do dinheiro 30 dias depois. E é claro que o esperto atravessador negocia à vista.

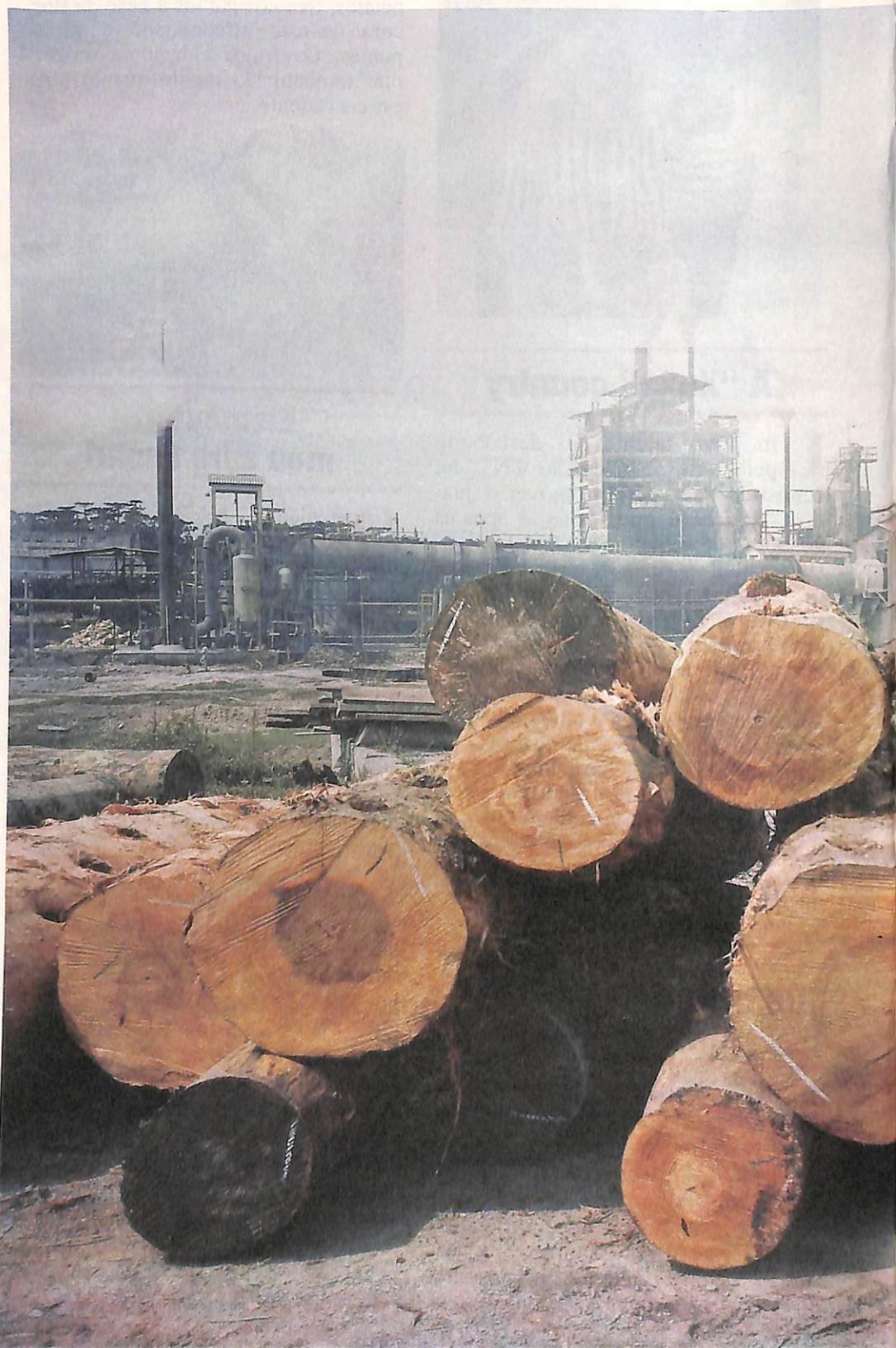
Na tentativa de dar um basta a essas perdas, o presidente da Comissão de Agricultura e Pecuária da Assembleia Legislativa paulista, deputado Junji Abe, busca uma forma de impedir tal prática. "Esse procedimento kamikase virou uma espécie de lei de sobrevivência. O consumidor final não usufrui das vantagens repassadas ao varejo. Além disso, a URV está aí para ser utilizada como índice. Queremos é uma operação justa, num simples escudo contra a inflação galopante".



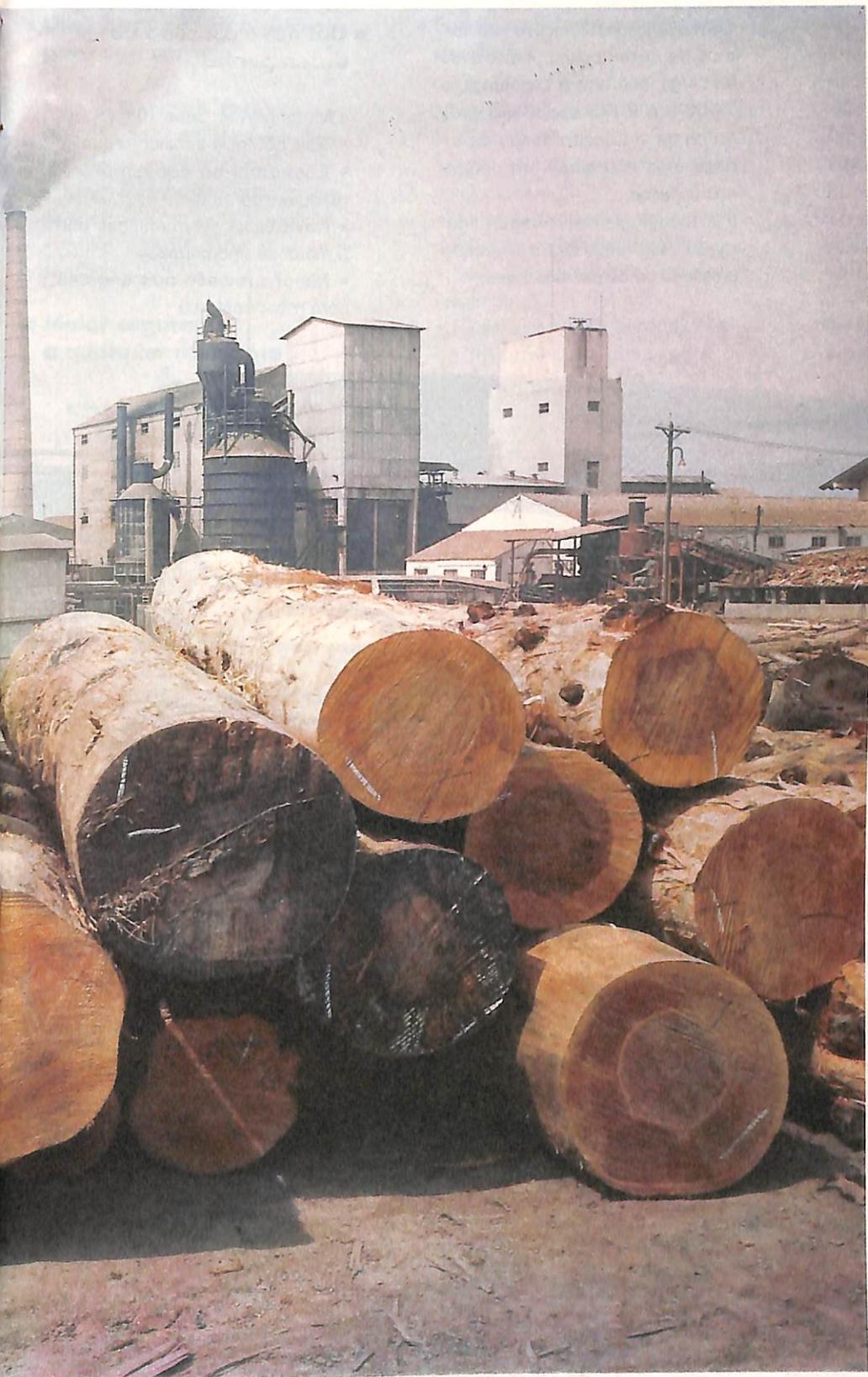
A defesa das florestas começa

A química, hoje, faz milagres no tratamento de madeiras. Com ela, é possível não apenas prolongar sua durabilidade, mas dar um "refresco" às matas nativas, tão castigadas pela mentalidade do extrativismo predatório. Tecnologia para isso é o que não falta. Além do já conhecido Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT, de São Paulo, com seus técnicos experientes, pode-se consultar uma série de empresas e até uma associação nacional dos preservadores de madeira

Marta Watanabe



com o tratamento da madeira



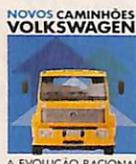
Madeira de puro cerne é madeira para toda a vida. Expressões como essa revelam a preferência pelas madeiras duras nas instalações rurais do Brasil. Porém, hoje, o homem do campo enfrenta a necessidade de modificar a tradição. A aroeira, madeira dura preferida pelos produtores rurais, é uma alternativa cada vez mais remota, não só porque a escassez se torna maior a cada dia, mas também por causa das portarias do governo, que proíbem o corte, transporte e comercialização de madeiras nativas. A solução é a madeira preservada. Adotada pelos países desenvolvidos, essa alternativa ganha espaço crescente porque vai ao encontro das raízes da tradição.

Não é à toa que o homem do campo passou de geração a geração a preferência pelas madeiras duras. Elas são muito mais resistentes aos agentes físicos, químicos e biológicos que causam deterioração. Sob a ação do tempo, de poluentes ou de produtos ácidos, a madeira pode sofrer alterações significativas na sua coloração e estrutura. Mas os inimigos responsáveis pelos maiores prejuízos são os agentes biológicos, ou seja, os biodeterioradores, que podem ser microrganismos, insetos ou perfuradores marinhos. Entre eles, os mais preocupantes para o proprietário rural são os fungos e os cupins. O ataque normalmente começa pelo alburno, ou seja, o círculo mais claro da madeira que envolve o cerne, que é o miolo mais escuro. Através do uso de produtos químicos e processos corretos de preservação, pode-se “vacinar” o alburno contra seus inimigos. Dessa forma, o eucalipto, madeira de comprovada ►

A Granja

Novos Caminhões Volk

A dupla de leves que



Desenvolvidos através da Engenharia Simultânea, que permite a Volkswagen analisar e incorporar ao projeto as sugestões dos frotistas, caminhoneiros e fornecedores de equipamentos, os Novos Caminhões Leves 7.100 e 8.140 oferecem um novo conceito de eficiência, economia e rentabilidade nas tarefas do transporte urbano de carga.

Com avançadas soluções em termos de desempenho, capacidade de carga, conforto e segurança, o 7.100 e o 8.140 são ideais para enfrentar o trânsito denso da cidade e as manobras em pequenos espaços.

É a tecnologia Volkswagen liderando mais uma vez o mercado brasileiro de caminhões leves.

■ Um novo conceito de desempenho

- Motor MWM, Série 10.
- Mais potência e maior torque.
- Economia no consumo e na manutenção.
- Nova caixa de mudanças com 5 marchas sincronizadas.
- Maior precisão nos engates, com menor esforço.



Volkswagen 7.100 e 8.140. pega firme no pesado.

■ Uma base sólida e estável para sua carga

- Novas longarinas retas, em material de maior resistência e flexibilidade.
- Nova suspensão com molas parabólicas e molas semi-elípticas.
- Mais estabilidade e maior conforto.

■ Maior segurança a qualquer momento

- Novo sistema de freios tipo "S" Came, totalmente a ar comprimido.
- Mais confiabilidade e maior vida útil.

■ Funcionalidade e conforto ao dirigir

- Novo painel de instrumentos, de fácil leitura.
- Novo sistema de ventilação com 3 velocidades.
- Novas saídas de ar, para perfeito desembaçamento do pára-brisa.
- Novo teto moldado e novos revestimentos.
- Rádio toca-fitas e ar-condicionado integral (opcionais para o 8.140).

■ Chame Volks Caminhões

Com os Novos Caminhões 7.100 e 8.140, você pode contar com o "Chame Volks", um sistema de atendimento 24 horas, inclusive aos sábados, domingos e feriados. É só ligar, gratuitamente, para 9-011-411-4028 (da Grande São Paulo) ou para (011) 800-4028 (de outras localidades), e você receberá toda orientação necessária em casos de emergência.



VOLKSWAGEN
Você conhece, você confia.



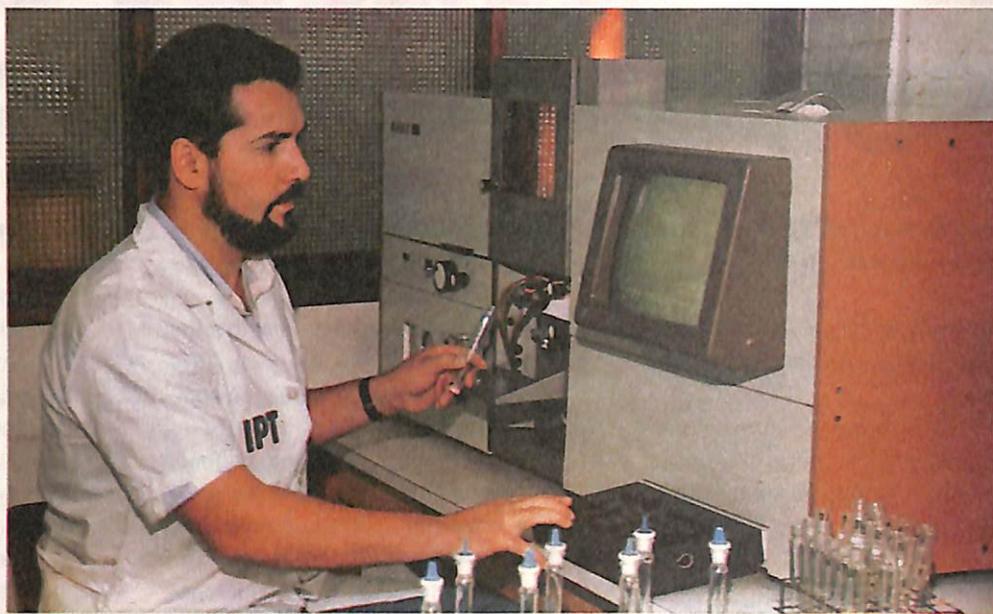
Mais de 90% dos preservantes ainda se destinam a dormentes, postes e cruzetas

resistência mecânica, porém de média a baixa resistência natural ao ataque de fungos apodrecedores e cupins, dura cerca de 15 anos, se submetido ao tratamento.

Como a tecnologia do tratamento de madeiras é pouco difundida no Brasil, os proprietários rurais ainda olham a alternativa com certa desconfiança. Muito pouco do que se produz de madeira tratada no País atende ao setor agropecuário. João Luís Fernandes, pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), informa que 90% a 95% desse material se destina à produção de dormentes, postes de eletrificação e cruzetas. “Quase a totalidade da madeira preservada ainda é dirigida à área de transporte e energia, sendo os números brasileiros totalmente inversos aos de países que têm tradição florestal, como Estados Unidos, Canadá e Suécia. Nos Estados Unidos, por exemplo, 75% da madeira tratada vai para a construção civil.

O apego à tradição também conta. Para segui-la, o produtor rural muitas vezes ignora a lei. Segundo Flávio Geraldo, da Associação Brasileira dos Preservadores de Madeira (ABPM), alguns proprietários rurais continuam comprando a aroeira cortada e comercializada clandestinamente. “Por isso, muitas vezes, compram gato por lebre. Pensam estar adquirindo mourões de aroeira, mas, na verdade, estão comprando material de qualidade inferior. Além disso, por ter se tornada muito escassa, essa árvore é cortada muito mais jovem, o que diminui sua dureza e resistência. Ainda há a crença de que um mourão de aroeira dure 40 anos. Isso é verdade para os que foram tirados de árvores mais velhas, de décadas.”

Já com o produto tratado é diferente. Quando a opção for pelos mourões de madeira preservada é possível exigir as condições impostas pela NBR 9480, que possui todas as especificações do produto. Para garantir níveis mínimos de qualidade em relação a preservantes, métodos de tratamento e produtos de madeira preservada, o



João Luís, do IPT: garantia de qualidade passa pela normatização

Brasil já possui sete normas, e duas estão sendo elaboradas. O pesquisador do IPT, João Luís, coordena hoje uma comissão técnica junto à ABPM, para a elaboração de um texto base sobre as condições de qualidade no tratamento de madeiras para estruturas de telhado. “O texto base, elaborado em conjunto com representantes do setor industrial e institutos de pesquisa, servirá para a criação de uma norma brasileira. A norma técnica é um fator que disciplina, consolida e amplia mercado, porque é o primeiro instrumento de garantia de qualidade.”

O Brasil está engatinhando na questão das normas técnicas

O IPT realiza ainda, em convênio com a ABPM e junto às empresas associadas, um serviço de controle de qualidade nos produtos químicos destinados à preservação de madeira. Na análise de João Luís, a normatização brasileira tem um longo caminho pela frente. “Nos Estados Unidos, existem cerca de 150 normas técnicas em relação ao tratamento de madeira. Lá o uso do material preservado já é bem difundido. No Brasil, esse mercado ainda está iniciando. Há um desconhecimento de que a madeira conve-

nientemente tratada é instrumental de engenharia, possui propriedades estabelecidas e determinadas, sendo viável técnica e economicamente por causa de sua disponibilidade, facilidade de trabalho, possibilidade de pré-fabricação e boa durabilidade.”

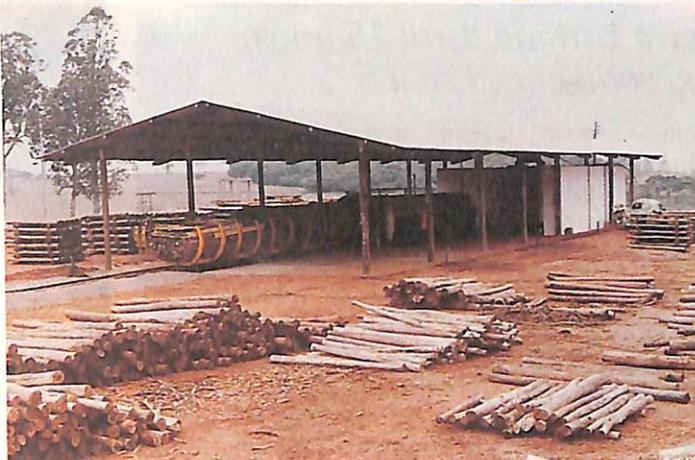
A disponibilidade é um fator para o qual o ex-presidente da ABPM chama a atenção. Flávio Geraldo informa que, no Brasil, o tratamento é feito em pinus e, sobretudo, eucalipto. Ambas são madeiras de reflorestamento. “Não saímos mais, como faziam nossos avós, com um espingarda, à caça de aves ou animais para comer. Consumimos o frango ou carne de boi comprados no açougue. Ou seja, usamos um recurso natural, porém “cultivado” pelo homem, na granja ou fazenda de corte. O produtor rural está passando por esse processo de transição, ao trocar a madeira nativa pela cultivada, de reflorestamento. E, quando decide pela madeira preservada, lança mão de um recurso natural renovável e de reposição rápida. “Em 15 anos, o eucalipto fornece madeira para mourões de cerca, enquanto que uma aroeira demoraria 200 anos.”

A diferença de custos também é grande. A construção de um galpão, de uma mangueira ou de uma cerca elástica sempre representa um investimento. Segundo o presidente da

ABPM, um mourão para cerca de aroeira custa CR\$ 1.200,00 "Por outro lado, um mourão de cerca de eucalipto tratado sai por CR\$ 450,00."

Eucaliptos e pinus foram as que melhor se adaptaram ao nosso mercado

Diferença de custos também é apontada por Roberto Magnani, da Montana Química, empresa que atua na área de produtos preservantes para madeiras. "Uma dúzia de mourões de eucalipto tratado pode ser adquirida no mercado por US\$ 25, enquanto que, para adquirir a mesma quantidade de lascas de aroeira, faz-se necessário desembolsar US\$ 60. É uma diferença de 58%, com a qual o proprietário pode investir diretamente na sua produção. Se considerarmos que, numa cerca, o custo da madeira representa 60% do valor total, o uso



Tratamento por vácuo-pressão: ideal para madeiras que seguram estruturas

do material preservado torna-se ainda mais vantajoso."

No Brasil, informa João Luís, há uma tendência maior do uso do eucalipto do que do pinus, como madeira tratada. "O mercado brasileiro trabalha com essas duas opções porque se adaptaram muito bem ao País. Podem existir outras, mas não há experiências nesse sentido. O reflorestamento com eucaliptos

permite a organização de povoamentos. Por exemplo, se o produtor quer atender ao mercado de madeiras para postes, planta determinada área com uma distância menor entre as árvores, para que cresçam finas e compridas. Se tem finalidades diversas, pode reservar outra área e cultivar o eucalipto de maneira diferente. Com as nativas, esse povoamento seria inviável. O eucalipto acaba sendo mais usado também porque é muito utilizado para a produção de energia, além de ser matéria-prima para as indústrias de papel e celulose e ter crescimento rápido."

A Flosul Indústria e Comércio de Madeiras trabalha com três etapas no uso de material preservado. Atendendo às regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, a Flosul fornece madeira de reflorestamento, faz o tratamento, e, na serraria, produz os componentes.

A FLOSUL SEGURA AS PONTAS PARA VOCÊ.

Especializada na preservação de madeira, a Flosul busca constantemente a melhor qualidade em todos os seus produtos. Os mourões para cercas Flosul possuem um processo de preservação que protege a madeira do ataque de fungos e insetos, o que garante uma vida útil de, no mínimo, dez anos. Por isso, são os mais duráveis e seguros para a pecuária em geral e outras atividades agrícolas. Mourões Flosul, madeira preservada com garantia de qualidade.

M O I R Õ E S

FLOSUL 

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA.
(051) 344-5577 - P. Alegre - RS / (051) 681-1404 - Palmares do Sul - RS

COMPETENCE

Enquanto a madeira tratada dura 15 anos, a não-preservada chega só a 5

Segundo João Paulo Petró, gerente-geral da empresa, são 6.000 hectares plantados, sendo 97% com eucalipto, e o restante, com pinus. Desde 82, a Flosul fabrica componentes para rede de eletrificação e postes de telefonia. "Isso representa 82% da produção da serraria. A outra parte está dentro da linha com a qual começamos a trabalhar há sete anos, tratando-se de componentes para galpões, mourões e mangueiras." Petró concorda que existe um desconhecimento das vantagens da madeira preservada, mas acredita que, daqui a 25 ou 26 anos, o mercado crescerá significativamente. Ele aponta outra vantagem: "Se fizermos um análise de custo/benefício, a melhor opção é a madeira preservada. Seu metro cúbico custa 70% mais do que o da não tratada, porém, se expusermos ambas a condições iguais, a preservada dura cerca de 15 anos, e a não-preservada, em torno de 5 anos".

A durabilidade, afinidade com o meio rural e facilidade para trabalhar são características imbatíveis da madeira no campo. A norma técnica específica para mourões, a NBR 9480, prevê também a pré-fabricação: mourões pré-furados e chanfrados.

Mangueiras pré-fabricadas: uma solução da Embrapa e iniciativa privada

Aproveitando essa possibilidade, a Tramasul, empresa que faz tratamento de madeiras, apostou nos produtos pré-fabricados. Dennis Deffense, diretor-comercial da empresa, considera que o homem do campo precisa de soluções prontas e práticas. "Por isso, a Tramasul desenvolveu, em conjunto com o Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte de Campo Grande/MS (CNPGC), órgão ligado à Embrapa, uma mangueira módulo 500, ou seja, para 500 cabeças. O projeto foi da Embrapa, em convênio com uma empresa da Nova Zelândia. Criou-se uma mangueira com bretes, corredor estreito em forma de "V", que imobiliza o animal e o coloca em fila, destinado a operações rápidas, como aplicação de vacinas, vermífugos de contato e pequenas observa-

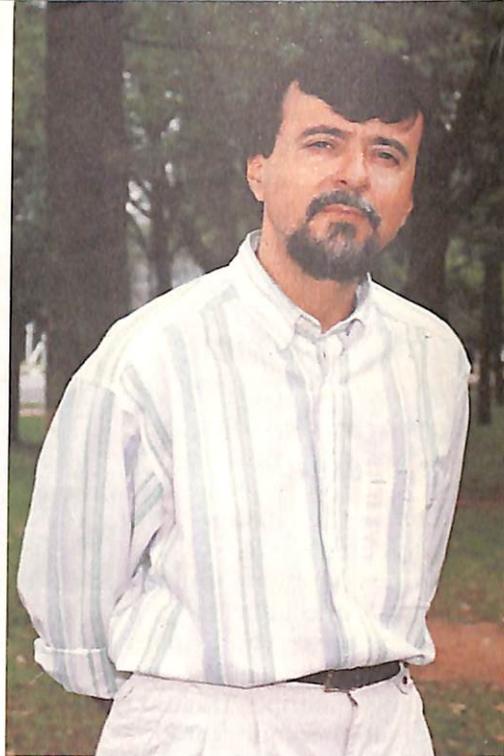
ções. Baseada nesse projeto, a Tramasul produz também mangueiras pré-fabricadas para 250 e 125 cabeças. Os componentes vêm prontos para encaixar, com peças numeradas, palanques com furação e mapa de montagem."

A praticidade e a economia de tempo são as maiores vantagens apontadas por Deffense. "Para a montagem da mangueira, por exemplo, não é necessário mão-de-obra especializada, pois o montador trabalha praticamente sem ferramentas, com a ajuda dos peões da fazenda. Uma equipe monta o módulo 500 em duas semanas. No método tradicional, a mesma equipe demoraria um mês e meio e não contaria com as técnicas avançadas que usamos nas pré-fabricadas.

A Tramasul tem ainda outros projetos em pré-fabricados, como galpões para a agricultura, aviários, cercas, alguns desenvolvidos em parceria com empresas.

Tratamentos caseiros malfeitos deixaram o produtor "com o pé atrás"

Deffense aponta vantagens no uso da madeira preservada, em relação ao concreto. "O galpão de madeira custa menos da metade, levando-se em conta transporte, manutenção e outros re-



Antônio Frazão

Flávio Geraldo, da ABPM: "cozinhar" a madeira não adianta

curso ferramentais necessários. Ele permite maior facilidade na colocação posterior de peças de apoio e tem maior resistência aos impactos."

Uma das maiores fontes de resistência é que muitos produtores rurais conhecem experiências frustradas com a madeira tratada. Mas Flávio Geraldo, da ABPM, lembra que, muitas vezes, o proprietário opta pelos chamados tratamentos caseiros e, mal informado, acaba utilizando as técnicas de maneira incorreta, o que torna os resultados insatisfatórios.



Direção

Serraria: aqui, o início de uma longa jornada na indústria

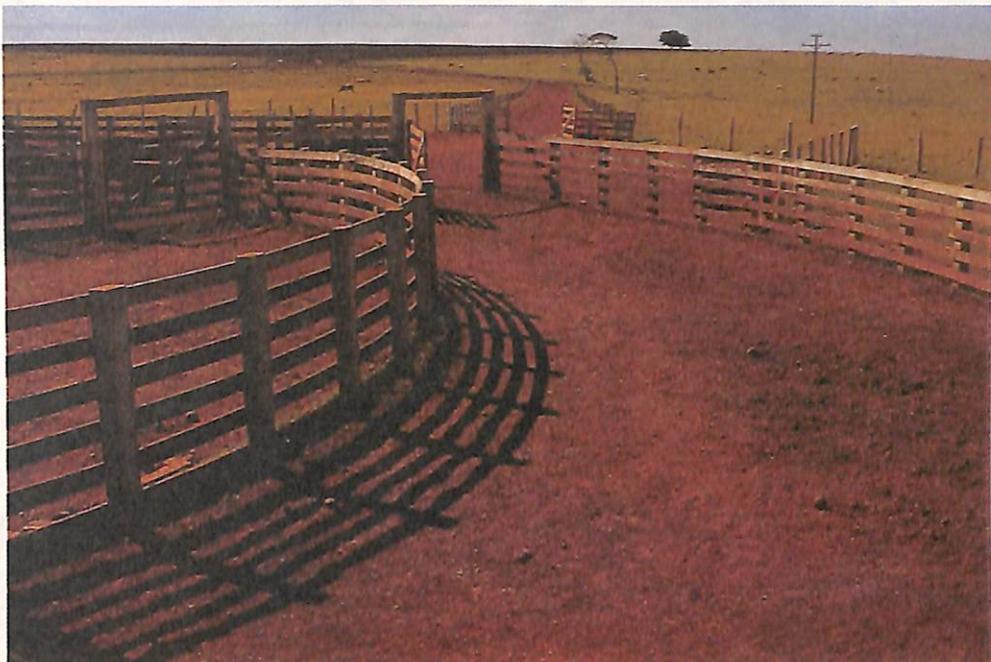
De acordo com o pesquisador do IPT João Luís, os tratamentos caseiros são uma alternativa bastante interessante quando se trata de peças que não exijam alto grau de responsabilidade. Mourões, por exemplo, podem ser tratados pelos métodos caseiros, ao contrário de um poste ou de uma peça com finalidade estrutural e em contato com o solo, que deve ser tratada através do processo industrial de vácuo-pressão, em autoclaves. Porém, desde que seguidos os níveis de retenção mínima em função de cada componente de madeira, o método caseiro em mourões traz resultados satisfatórios. “Com essa alternativa, o sítante reduz seus custos. Preserva a madeira em seu próprio campo e com o pessoal de sua propriedade. Os tratamentos caseiros são de baixa produtividade, por isso destinam-se a pequenas quantidades, que variam conforme a madeira e os recursos disponíveis.”

São dois os processos. Um é o banho quente e frio, no qual o mourão é mergulhado numa solução de creosoto, substância oleosa, a uma alta temperatura. Depois deve ser mergulhado outra vez em creosoto, em temperatura ambiente. O presidente da ABPM lembra uma certa confusão muito comum no meio rural. “Muitos acreditam que o banho quente é que trata a madeira. O resultado é que acabam cortando o processo pela metade e não dão o banho frio. Existe até um expressão muito corrente, a de ‘cozinhar a madeira’, o que é um equívoco e não traz nenhuma ação fungicida ou inseticida.”

Cuidado: o manuseio de produtos químicos exige muita cautela

O segundo processo é o de substituição de seiva, com madeira verde, recém-abatida. A tora de madeira é colocada num tambor com produtos solúveis em água, em lugar coberto

Reflorestamento com eucalipto: madeiras finas e compridas



Construções rurais: a solução mora, às vezes, na própria fazenda

e ventilado. A seiva da tora se evapora, e o produto químico penetra na madeira. João Luís salienta os cuidados necessários: “O manuseio dos produtos químicos e da madeira recém-tratada deve ser criterioso. É preciso respeitar o ‘período de cura’, isto é, o tempo de descanso pós-tratamento, para fixação dos ingredientes ativos.” O pesquisador lembra ainda o aspecto do meio ambiente, em relação aos resíduos gerados pelo tratamento, e o uso imprescindível dos equipamentos individuais de segurança.

Segundo João Luís, um mourão

não-tratado dura em torno de seis meses a dois anos. Um mourão tratado pelos procedimentos caseiros dura pelo menos dez anos. E, por último, um mourão tratado pelo sistema industrial de vácuo-pressão dura mais de 15 anos. “Isso, considerando todos os exemplos sob as mesmas condições de agressividade”, completa. 📌



Tecnologia no campo de batalha

Mais de três mil pessoas, entre produtores, empresários e agrônomos, estiveram reunidas na Fazenda Canadá, em Uberlândia/MG, para o encontro Tecnologia do Campo, realizado entre os dias 24 e 26 de março. O evento promovido pelo Grupo ABC Algar, discutiu política, economia, estratégias e tecnologia aplicada ao agribusiness nacional e ao Mercosul.

Para o diretor-presidente da ABC Inco, Marcelo Prado, o Tecnologia do Campo propiciou a todos os participantes algum tipo de contribuição para o desenvolvimento de suas propriedades. "Isso se refletirá em aumento de produtividade, de qualidade e de geração de riquezas". Segundo Prado, o encontro criou a oportunidade de união da classe responsável pelo complexo agroindustrial, que responde por 40% do PIB nacional.

Competitividade internacional — Das 17 palestras realizadas no encontro, uma das que tiveram maior repercussão foi a do presidente da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), Ney Bittencourt de Araújo, que afirmou ser o agribusiness o único segmento da economia brasileira competitivo internacionalmente e o único elemento para alavancar o desenvolvimento sustentado no País. Mas ele acredita ser necessário transpor dois "gargalos" para otimização dos investimentos no setor: agregar valor aos produtos e romper o protecionismo nos países de Primeiro Mundo. Segundo o presidente da Abag, existe necessidade de conscientização dos produtores quanto à importância da agregação de valores, para otimizar os benefícios da competitividade no agribusiness. "Não adianta plantar milho em Goiás e



O futuro do Brasil Central como produtor de grãos foi debatido por técnicos e produtores em Uberlândia/MG

Cláudio Paiva

transportar a produção até Santa Catarina, para engordar frango lá". Bittencourt defendeu também a necessidade de se processar e industrializar produtos em locais próximos à área onde são plantados.

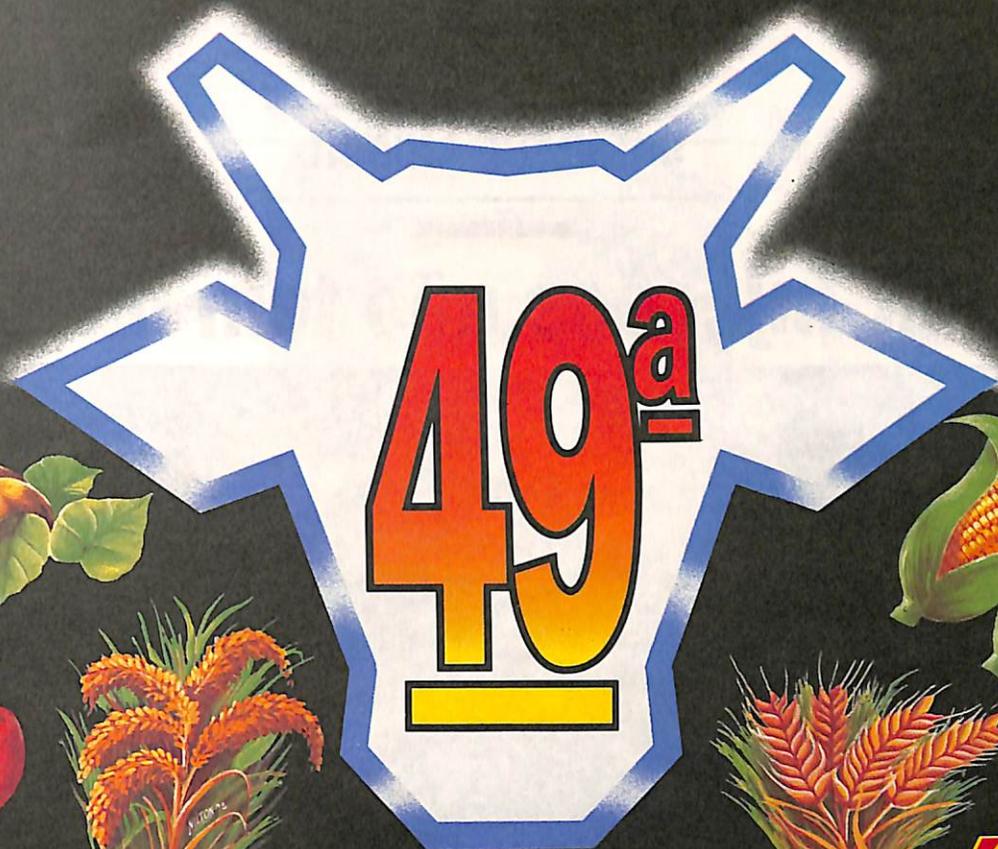
No seu ponto de vista, a sociedade brasileira tem de agir contra o protecionismo dos Estados Unidos e países da Europa, que subsidiam um agribusiness ineficiente com mais de US\$ 340 bilhões ao ano. "Por causa disso, apesar da nossa produção ter aumentado muito, os preços caíram. A sociedade brasileira tem de fazer algo a respeito. Temos todas as razões éticas, morais e econômicas ao nosso lado", declarou. Nos Estados Unidos, os subsídios somam 40% sobre o valor dos produtos. Na Suíça, de cada dólar que o produtor recebe 20 centavos são pelo seu trabalho e 80 centavos pelo subsídio.

Soja argentina — Um alerta sobre o avanço da soja argentina no Brasil foi feito pelo presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), Raul Paulo Costa,

que justifica o fato pelo produto contar com impostos menores e incentivos para exportação, além de custos mas baixos de transporte. Em função disso, a soja argentina chega à Região Nordeste do Brasil a custos inferiores ao da soja produzida na Região Centro-Oeste do País. Costa defende a adoção do Imposto sobre Valor Agregado (IVA), onde a cobrança seria feita apenas na venda do produto final. "O consumidor brasileiro, ao comprar um litro de óleo está pagando 33% de impostos."

O presidente da Abiove afirma que, apesar das dificuldades, a Região Centro-Oeste é responsável, hoje, pela produção de 45% da soja brasileira, contra os 14% que produzia em 1988. Com a soja, veio o aumento da produção de milho, tanto que o município de Rio Verde, em Goiás, é hoje o maior produtor desse grão no País. Esse desenvolvimento prova que o Brasil tem potencial para ser o maior produtor rural do mundo. "Temos uma área agricultável de 250 milhões de hectares, que está sendo subaproveitada. Todos os outros países grandes produtores não contam com área para expandir suas fronteiras agrícolas."

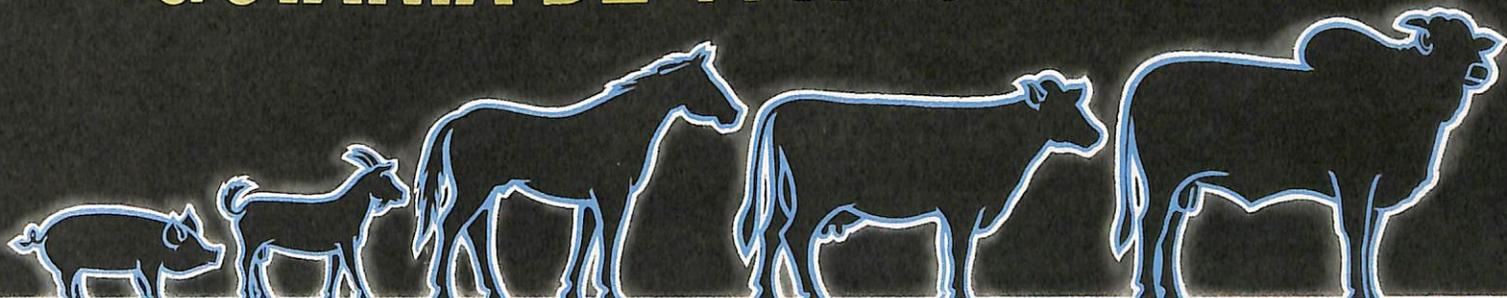
Sementes — A iniciativa privada tem uma importância significativa no desenvolvimento das sementes de soja e milho na região do cerrado, oferecendo aos produtores mais de 80% das sementes plantadas. No entanto, a pesquisa privada não conta com legislação favorável ao retorno dos investimentos nessa área. Para o agrônomo e pesquisador da FT Sementes João Luiz Gilioli, essa é uma das causas do pequeno número de empresas privadas realizando pesquisa com esses tipos de sementes. 



EXPO. AGROPECUÁRIA *do Estado de Goiás*

• 9ª INTERNACIONAL DE ANIMAIS

GOIÂNIA DE 14 A 29 MAIO 94



**A MAIOR EXPOSIÇÃO
AGROPECUÁRIA DO PAÍS**

PROMOÇÃO:



SOCIEDADE GOIANA
DE PECUÁRIA
E AGRICULTURA

PATROCÍNIO:



PRESENTE EM TODOS
OS MOMENTOS



UMA PAIXÃO NACIONAL

Aplicar injeções não tem mistério



Fotos: Luiz Fernando Lemertz

É só seguir algumas orientações básicas que o serviço estará feito. Antes de começar a operação, porém, não esqueça: limpeza total em tudo

Luiz Fernando Boaz

A sanidade no rebanho constitui fator preponderante de sucesso na pecuária. Dela dependem, diretamente, o desenvolvimento e a produção dos animais. Nesse contexto, está inserida a aplicação de injeções, prática que requer certa dose de conhecimento e um pouco de coragem. É claro que o ideal seria o produtor ter na propriedade, de plantão, um veterinário, o que nem sempre ocorre. Esse profissional fica reservado a casos mais graves, que exigem seu atendimento, deixando uma simples "agulhada" com a turma de

casa. Mesmo assim, certos critérios e cuidados precisam ser observados.

Embora existam cerca de 30 tipos de injeção, no caso específico de bovinos, no dia-a-dia pouco mais de três são utilizadas: a subcutânea, a intramuscular e a endovenosa. Essa introdução de um medicamento líquido tem por finalidade satisfazer uma necessidade terapêutica, nutritiva ou preventiva.

E, antes de sair com a seringa em punho, avisa o veterinário Cláudio Norberto Oedmann, que atua na Inspeção Veterinária da Secretaria da

Agricultura e Abastecimento, em Gravataí/RS, torna-se indispensável esterilizar o equipamento. "A assepsia de seringas e agulhas é fundamental, como medida preventiva, já que evita infecções."

A fervura é uma opção fácil e econômica, destaca Cláudio. O passo seguinte é testar o funcionamento da seringa, empurrando o pistão, para que ele deslize dentro do tubo, seja de vidro ou plástico, seja de metal. Além disso, se verifica se o êmbolo desliza bem na seringa, tendo antes tapado a cânula ou bico da seringa com o dedo;

faz-se também pressão e, caso o êmbolo volte por si, o material estará em boas condições. "As agulhas não podem estar obstruídas, tortas ou rombudas", avisa.

Via intramuscular: evita a formação de abscessos no animal

Intramuscular — Essa via é recomendada para a introdução de substâncias no organismo, que, por meio subcutâneo, acarretariam dor ou irritação, formando abscesso, como as soluções aquosas (cálcio); as que se dissolvem em veículos oleosos (óleo canforado, vacina contra a febre aftosa) têm uma pronta e melhor absorção do medicamento pelo músculo. Os locais de aplicação são a região da coxa, um pouco abaixo da bacia (somente em gado não destinado a corte) ou músculos do pescoço. Agulhas: 20/20, 25/12, 25/15, 25/18, 30/15, 30/18 e 30/20.

Subcutânea: aplicação rápida, eficiente e adequada à maioria dos casos

Subcutânea ou hipodérmica — Trata-se de injetar sob a pele um líquido, de forma que fique entre o couro e a carne. Método rápido, eficiente e adequado para a maioria das injeções existentes no mercado. Com o dedo polegar e o indicador da mão esquerda, o operador levanta a pele do animal. Com ela fixada entre os dedos forma-se uma dobra, na qual se introduz a agulha, que deve ficar sob a pele e tecidos, mas com cuidado, para não penetrar na carne. O local ideal, em bovinos é a região costal, atrás da espádua (paleta). A medicação pode, entretanto, ser ministrada em qualquer outra parte onde a pele seja mais fina e flexível. Agulhas: 10/18; 15/15; 16/15; 20/12; 20/15 e 20/18.

A endovenosa proporciona uma absorção mais rápida, mas exige cuidados

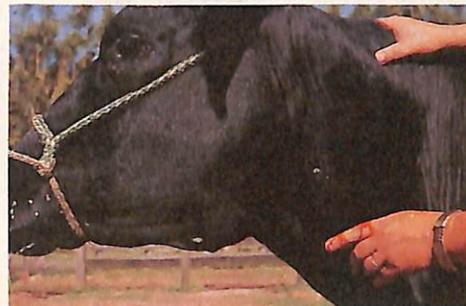
Endovenosa — Essa injeção é a introdução de um produto diretamente na corrente sanguínea, com absorção mais certa e rápida. A aplicação recai na veia jugular, situada ao lado do



No músculo: aplique na coxa (abaixo da bacia) ou pescoço



Na pele: o melhor é na região costal, atrás da paleta



Na veia: é preciso tirar um pouco de sangue da jugular

pescoço. Para que esta ela fique mais visível, é preciso fazer uma certa pressão com os dedos no canal por onde corre a veia. A outra maneira é comprimir o local com o auxílio de uma corda (garrote), provocando o inchamento. Em seguida, é introduzir a agulha em direção vertical. A indicação de que o operador acertou no alvo é a saída de muito sangue. Depois, basta adaptar a agulha à seringa, que já deve conter o líquido que se deseja administrar. Agulhas: 30/15 e 30/20.

O veterinário Cláudio Oedmann alerta que, nesse caso, a agulha precisa penetrar com perfeição no vaso, pois só assim há plena segurança de que a injeção será bem feita.

Equipo — Estes medicamentos aplicados na veia evitam que haja reação ou choque no animal. Uma outra opção na hora de aplicar é o chamado equipo, que consiste num conjunto de tubo plástico com gotejador e chapinha de metal, o qual leva a droga do

frasco à jugular. Para evitar erros na aplicação, acompanhe a seguir o passo-a-passo:

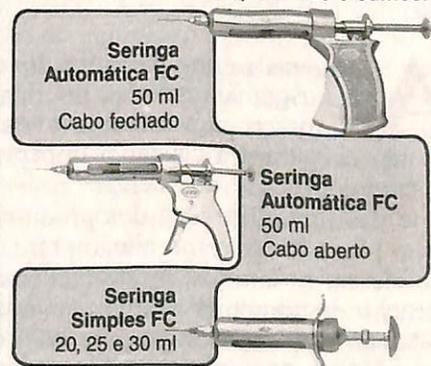
- * corte o bico do frasco;
- * engate o equipo ao bico;
- * feche a chapinha de metal e vire o frasco com o bico para baixo;
- * fure a parte superior do frasco;
- * firme a cabeça do animal e faça um garrote na base do pescoço. Aperte, puxando para trás;
- * mantenha o garrote apertado para facilitar o aparecimento da veia jugular;
- * introduza a agulha na veia. Bata com força sobre a pele, tornando-a visível;
- * verifique se está saindo sangue através do buraco da agulha. Se não pingar, tente outra vez;
- * retire todo o ar do equipo, abrindo a chapinha do metal até começar a sair o líquido;
- * novamente constate a saída de sangue pela agulha;
- * engate a outra ponta do equipo na agulha que está na veia; e
- * afrouxe o garrote e injete o medicamento, controlando sua saída no gotejamento. 

APARELHOS PARA PECUÁRIA



**renome de
qualidade há 60 anos**

As seringas FC asseguram notável eficiência na vacinação de ovinos, bovinos e suínos.



A linha FC também relaciona: seringas dosadoras, assinaladores, tatuadeiras, cachimbos, alicates castradores e demais produtos para veterinária-pecuária.

**metalúrgica
FAULHABER S.A.**

Rua Hermann Faulhaber, 292 - Caixa Postal 131 - Panambi - RS
CEP 98 280 000 - Fax: (055) 375-2302

O trigo na hora da verdade

A cada ano que passa, a triticultura parece reafirmar a sua sina: indefinição. O produtor se vê abandonado pelo governo, a pesquisa, irritada pelo desmantelamento do setor, e o consumidor final, na outra ponta, sem saber se terá pão na sua mesa. E "la nave va..."

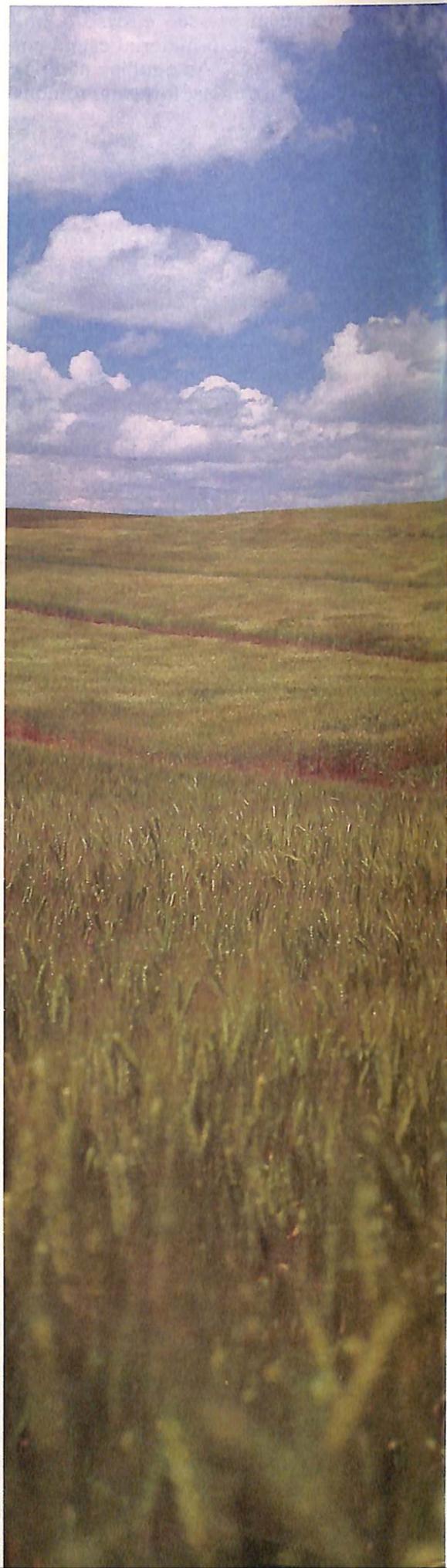
Jandira Feijó

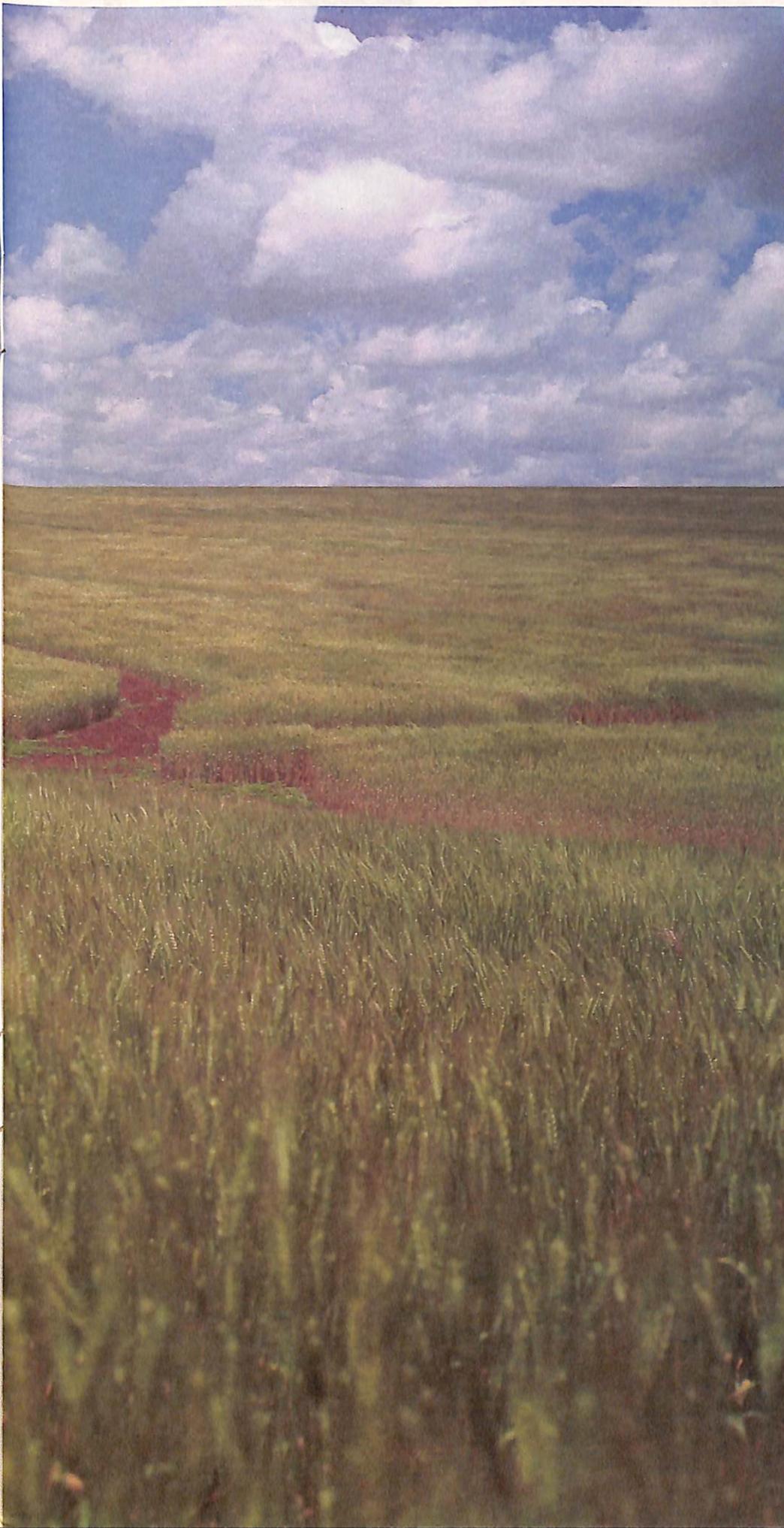
As novas regras para o cultivo do trigo, anunciadas no final de março para salvar a lavoura, não chegaram a causar o impacto esperado. Apesar de atender à boa parte das reivindicações dos produtores, o plano do governo chegou tarde, não elevou os ânimos, muito menos a intenção de aumentar a área plantada nesta safra. A expectativa para 1994 é que o Brasil, na melhor das hipóteses, obtenha uma produção de 2,5 milhões de toneladas, se o clima permitir e se, de fato, os agricultores optarem por variedades melhores. Isso significa atingir os níveis de produção da década de 70, para incredulidade de quem viu um dia o Brasil produzir mais de 6 milhões de toneladas. Assim, persiste

o ponto de interrogação que acompanha a triticultura nacional.

Na verdade, o plano ainda precisa sair do papel e, para tanto, depende de dois pontos básicos: a garantia de liberação dos recursos para a comercialização, ainda não autorizada pelo Ministério da Fazenda, e a definição, por parte do Ministério da Indústria e Comércio, do imposto sobre a importação. Com 10 milhões de hectares aptos para o desenvolvimento do trigo, o País vai, mais uma vez, abrir seus cofres para importar, no mínimo, 5 milhões de toneladas do cereal e, assim, cobrir uma demanda de consumo de cerca de 600 mil toneladas por mês.

O problema é que o plantio do trigo no Brasil deveria estar ingressando no





seu período de maturidade com certa tranquilidade, mas passa por crises existenciais típicas da adolescência, quando não se consegue com certeza saber para onde ir. Agora, por exemplo, os produtores contam com um plano plurianual, que estabelece normas para incentivar a produção e a produtividade do trigo de melhor qualidade, através de uma nova classificação e de valores básicos de custeio compatíveis com o uso de tecnologia. Tudo indica que o caminho foi encontrado. Será? O assessor-econômico da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul (Fecotri-go), Paulo Silva, faz questão de ressaltar que, até o momento, nenhuma autoridade explicou ao certo como fica a relação entre a URV e a agricultura. Defensor da idéia de que o trigo deve ser encarado em um contexto mais amplo, na visão de agribusiness, Paulo Silva garante que o produtor só vai plantar com tranquilidade quando o governo deixar de subsidiar o produto estrangeiro.

*Agribusiness quer
resgatar o conceito
de segurança alimentar*

Foi com essa intenção que a Fecotri-go, junto com a Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), lançou, no começo de abril, a campanha "Aqueça o Brasil", numa tentativa de mobilizar a sociedade para a valorização do complexo agroindustrial do trigo brasileiro. O presidente da Fecotri-go, Rui Polidoro Pinto, quer trazer para a discussão o conceito de segurança alimentar, velho conhecido dos países desenvolvidos. "Nenhum país do mundo que tenha condições de produzir seu próprio pão deixa de fazê-lo, com exceção do Brasil", observa. Estatísticas recentes demonstram que, enquanto o consumo brasileiro de trigo, por pessoa, é de 45 a 65 quilos por ano, na Argentina é de 130 quilos. Polidoro comenta que, se os brasileiros tivessem a segurança alimentar dos argentinos, o consumo anual seria de 19,5 milhões de toneladas. Ele denuncia também que os preços pagos ao produtor continuam injustos. Só para se ter uma idéia, Poli-

A Granja

Brasil deixa de criar 340 mil empregos com redução da área plantada

doro revela que o agricultor recebe por uma saca de 60 quilos de trigo o equivalente ao valor pago pelo consumidor por 4 quilos de pão.

O principal, porém, no entender dos dirigentes rurais, é provar às autoridades que o trigo deve ser considerado uma commodity e que os 3,4 milhões de hectares que não serão cultivados na safra de 1994 significa que o País vai deixar de gerar 340 mil empregos diretos e uma renda de US\$ 647 milhões. Além do mais, a redução de 1,2 milhão de hectares no Rio Grande do Sul e Paraná, em 1992, aumentou o custo da produção de soja em US\$ 76,5 milhões.

O ministro da Agricultura, Sinval Guazzelli, parece sensibilizado com essas propostas e revelou sua preocupação com a triticultura: "O Brasil não pode ficar nas mãos do mercado internacional de trigo, a exemplo do que aconteceu quando houve a crise do petróleo." Guazzelli está solicitando recursos da ordem de US\$ 150 milhões para a comercialização do produto.

De qualquer forma, os rumos da safra 1994 estão definidos, ficando no ar a dúvida quanto à continuidade do plano plurianual, em função das eleições presidenciais no próximo ano. Em 1993, o Brasil colheu 2,1 milhões de toneladas, e o Rio Grande do Sul foi o único Estado a apresentar um

leve aumento de área. Hoje, a situação é semelhante.

No Paraná, é praticamente certa a redução de 30% na área plantada, em relação ao ano passado, devendo ser cultivado algo entre 600 e 700 mil hectares, contra os 930 mil hectares de 1993. De acordo com as estimativas de Flávio Turra, agrônomo da Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar), será a menor área desde 1975, pois, além da demora de uma definição por parte do governo, as últimas três safras foram prejudicadas pelo clima, contribuindo para desestimular os produtores. Responsável por 60% da produção de trigo no País, o Paraná chegou a plantar mais de 1,8 milhão de hectares. Segundo Otmar Huebner, do Departamento de Economia Rural da Secretaria de Agricultura do Paraná, aumentaram muito os problemas com a erosão naquele Estado, em função do solo ficar a descoberto no inverno. A opção, hoje, tem sido um grande incremento no plantio da chamada safrinha de milho e o aumento de interesse pelo cultivo da canola.

Já o presidente da Cooperativa Agrícola Mista Vale do Piquiri (Coopervale), Fábio Rosso, lamenta que, nesta safra, sejam cultivadas com trigo somente 13% das terras agricultáveis em sua área de atuação. "No ano passado, foram plantados 66 mil hec-



Antônio Yargas

Polidoro, da Fecotriga: uma saca vale quatro quilos de pão

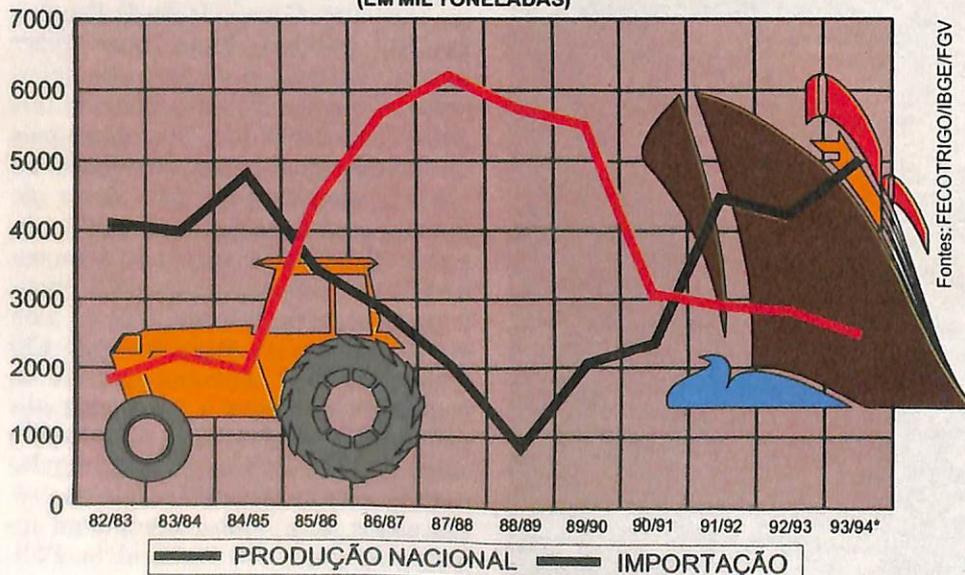
tares, atingindo-se uma produção de 79.197 toneladas. Para 1994, o plantio será restrito a 16.250 hectares, com previsão de produzirmos 32.500 toneladas." Rosso observa que a Coopervale já foi uma das grandes produtoras de sementes no Estado, com três unidades de beneficiamento, além de laboratório próprio, chegando a produzir, em 1988, meio milhão de sacas. "Para esta safra, a oferta de sementes não chegará a 35 mil sacas."

No Paraná, a canola já é uma alternativa bem mais interessante

Na Cooperativa dos Cafeicultores de Maringá (Cocamar), uma das maiores do Paraná, o plantio se limitará a 50% do que foi cultivado em 1993, quando se plantou 60 mil hectares. Os 4.000 associados da Cocamar que trabalham com trigo estão muito mais interessados na canola, segundo o presidente da entidade, Luís Lourenço. Ele comenta que muitos produtores, por tradição e pelo maquinário, acabam plantando trigo, mas sem aquele entusiasmo de antigamente. Salienta ainda que as cooperativas paranaenses estão considerando o novo plano "absolutamente inviável". Na sua opinião, o governo não percebe que as cooperativas não possuem infra-estrutura para armazenar, de forma separada, o trigo classificado em ▶

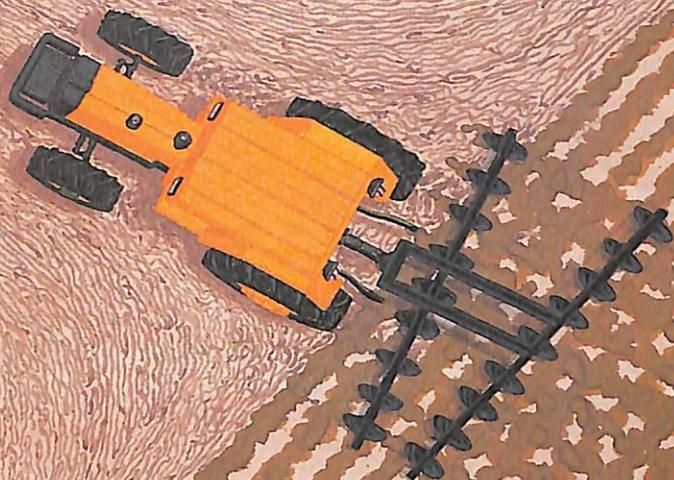
PRODUÇÃO NACIONAL E IMPORTAÇÃO

(EM MIL TONELADAS)



CHEGOU O PRIMEIRO CLUBE DE MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA DO BRASIL.

INFORME-SE
9 (011) 815-4462
(LIGAÇÃO GRATUITA)



A Valmet mais uma vez sai na frente e lança o Agriclub Valmet o 1º clube de mecanização agrícola do Brasil. Filtrar-se a esse clube não custa nada e as vantagens são muitas. Para começar você passa a receber em sua casa o jornal "O Trator" com as últimas notícias sobre mecanização e boletins periódicos com dicas e promoções exclusivas para os sócios. Além disso você terá acesso à uma linha direta com a Valmet

para tirar suas dúvidas e dar sugestões. E ainda concorre ao sorteio do direito de uso por um ano de um super Valmet 4x4* que será entregue sem nenhum custo na fazenda do sorteado. Assim se você é agropecuarista, proprietário rural, frotista, agrônomo ou estudante de agronomia, não perca tempo: preencha já o cupom abaixo ou ligue gratuitamente para 9 (011) 815-4462 e peça a sua inscrição. E seja bem-vindo.

AGRICLUB VALMET

★ SIM, quero me filiar GRATUITAMENTE ao Agriclub Valmet

Nome: _____

endereço: _____

cidade: _____ estado: _____ CEP: _____

Enviar para: Agriclub Valmet - Cx.Postal 6789 - CEP 01064-970 - São Paulo - SP



Produtor do MS prefere investir em aveia, para alimentar melhor o gado

três níveis diferentes. "Além de chegar tarde, as medidas são impraticáveis."

As perspectivas no Mato Grosso do Sul para a atual safra também não são nada animadoras. A Cooperativa Agroindustrial do Estado (Coagri), de Campo Grande, está prevendo que, neste ano, serão plantados somente 40 mil hectares, contra os 400 mil hectares que já foram cultivados em 1988, ano em que pelo menos 70% dos seus 2.500 associados plantaram trigo. "Mesmo quem tem recursos próprios não vê possibilidade de investir em uma lavoura que mais tarde será fonte de angústias", afirma Márcio Portocarrero, gerente agrotécnico da Coagri.

O desânimo é tal que, ao sul do Estado, onde se concentram 90% da área plantada, a produção de sementes foi reduzida à metade, e a aveia está sendo utilizada como principal alternativa para a ocupação do solo no inverno. O interessante, segundo Portocarrero, é que este plantio não tem fins comerciais, visando apenas manter o peso do gado. Com atuação em uma área que abrange 19 municípios, a Coagri obteve, em 1993, uma produção de 70 mil toneladas, em 64.400 hectares. Problemas com o clima fizeram com que a produtividade ficasse em 1.088 quilos por hectare, quando o normal é um rendimento de 1.800 quilos.

Com relação ao cerrado, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) revela que o trigo irrigado já atingiu 5.000 quilos por hectare nas lavouras comerciais e mais de 8.000 quilos nas lavouras experimentais. Atualmente, existem 250 mil hectares de lavouras irrigadas no cerrado, e, considerando-se uma produtividade média de 4.000 quilos, somente nessa região será possível produzir 14% do consumo nacional.

Em São Paulo, a Secretaria de Agricultura e Abastecimento está trabalhando com a possibilidade de uma redução de 37% na área plantada com o cereal neste ano, em relação a 1993. Conforme levantamento publicado pelo Instituto de Economia Agrícola, a perspectiva é de que sejam cultivados apenas 30 mil hectares, contra os 43.100 plantados no ano passado. Em 1993, a redução de área já havia sido



Irrigação no cerrado: na média, produtividade de 4.000kg/ha

de 40%, parcialmente compensada pelo crescimento de 37% na produtividade, que atingiu 2.050 quilos por hectare e resultou numa produção de 88.400 toneladas.

O plantio direto é que vem animando, um pouco, os tricultores gaúchos

No Rio Grande do Sul, o quadro é um pouco diferente. Uma vez que o plantio começa mais tarde do que nos demais Estados, os produtores terão maior espaço de tempo para analisar as últimas medidas governamentais. Mas é certo que a área desta safra não será muito maior do que a registrada em 1993. A oferta de sementes fiscalizadas é de 113.135 toneladas, o que permite projetar a ocupação de 640 mil hectares. Em 1993, os gaúchos

plantaram trigo em 580 mil hectares, obtendo, com um rendimento médio de 1.600 quilos por hectare, uma produção de 930 mil toneladas do grão. Dos principais produtos da lavoura do Rio Grande do Sul, o trigo já ocupou, no Estado, uma área de 1,2 milhão de hectares, e sua produção atingiu até 1,8 milhão de toneladas.

Nos 17 municípios em que a Cooperativa dos Triticultores de Santo Ângelo atua, a expectativa é que a área semeada seja igual a do ano passado: 40.500 hectares. No ano anterior, segundo informações do chefe do Departamento Técnico, Fernando Geraldo Martins, a área plantada foi de 34 mil hectares, e o incremento se deu porque a outra alternativa de produção, — a aveia, — não traz a mesma rentabilidade que o trigo, por pior que seja a situação deste cereal na hora da comercialização.

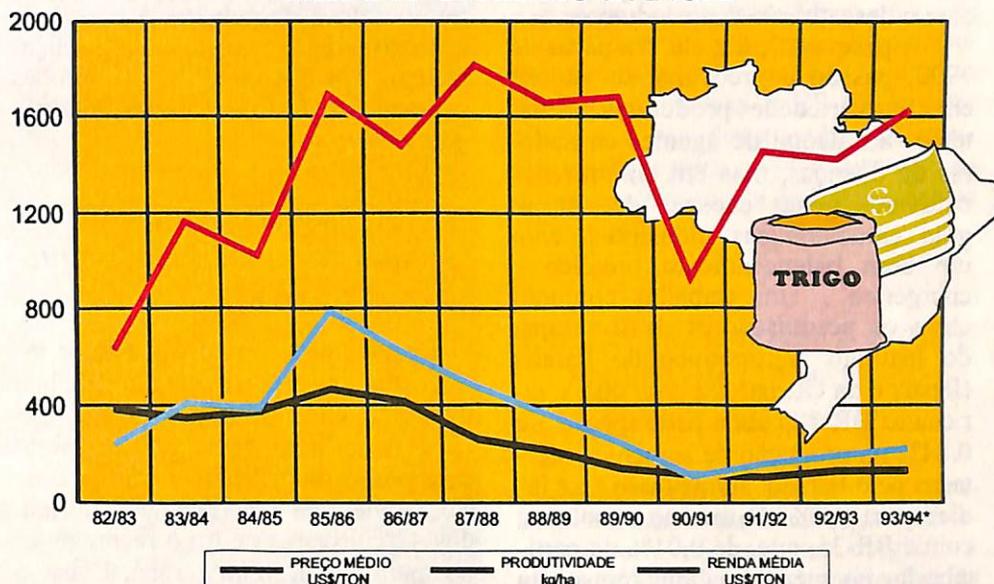
Em Cruz Alta, o aumento de área, ainda que pequeno, se dará por outros motivos. De acordo com os levantamentos feitos pelo gerente-técnico da Cooperativa dos Triticultores de Cruz Alta (Cotricruz), os resultados obtidos com a técnica do plantio direto têm animado os agricultores. Os 1.000 produtores da Cotricruz que trabalham com trigo plantaram, em 1992, apenas 15 mil hectares. Em 1993, a área passou para 25 mil hectares e, nesta safra, as estimativas indicam a ocupação de 30 mil hectares.

A insegurança dos produtores se justifica na medida em que as relações do Brasil com o Mercosul começam a se estreitar. Nosso país já obteve ganhos expressivos na sua produtividade, de até 78%, entre 1970 e 1990, e, embora existam cerca de 50 variedades de qualidade industrial superior e média, a pressão dos interesses internacionais ainda são muito fortes. Exportadores argentinos chegaram a afirmar que a elevação da alíquota do imposto de importação, anunciada pelo Brasil, irá aumentar as vendas daquele país.

Os argentinos devem nos vender 3 milhões de toneladas até o fim de 94

A Argentina é nosso principal fornecedor de trigo e, em 1994, suas vendas devem superar os 3 milhões de toneladas. O Brasil também tem comprado o cereal do Canadá, dos Esta-

PREÇO MÉDIO, PRODUTIVIDADE E RENDA MÉDIA POR ha NO BRASIL



dos Unidos e da Alemanha. Os triticultores nacionais reclamam, no entanto, da presença de subsídio nessas compras. Segundo a Fecotrig, em 1993 o trigo canadense foi cotado, no Canadá, a US\$ 152 a tonelada, e entrou no Brasil a US\$ 104 a tonelada. Fora do Brasil, o trigo estrangeiro tem prazo de pagamento de 180 dias, com juros internacionais de 6% ao ano. Aqui, o cereal é comprado à vista e, quando financiado, é pago com juros reais de 4% ao mês.

Para Paulo Silva, no mundo inteiro a agricultura é subsidiada. No Brasil, não pode ser diferente. A campanha que agora começa pretende reverter esse quadro.

Alerta: os solos descobertos podem agravar o problema da erosão

Já não se pode questionar a qualidade do trigo nacional. Apesar de todas as dificuldades impostas pelos poucos investimentos na área da pesquisa, os técnicos conseguiram desenvolver variedades com boas características para o uso industrial. No caso do Paraná, 65% dos cultivares recomendados servem para a panificação e, na opinião do pesquisador da Embrapa Sérgio Roberto Dotto, "nosso trigo é até superior ao importado".

JUMBO MATIC.

Descompactação sem desperdício.



Projetado e produzido com tecnologia de ponta em implementos agrícolas, Jumbo Matic é um subsolador/escarificador automático que elimina a camada compactada sem desperdiçar os restos de cultura ou a adubação verde, dentro da mais moderna técnica de produção agrícola.

Com mola plana no sistema de segurança dos braços e disco de corte individual, incorpora inúmeros avanços em manejo e qualidade de trabalho.

Peça mais informações sobre o Jumbo Matic, um implemento premiado na Expointer 92, ao seu revendedor JAN.

IMPLEMENTOS
AGRÍCOLAS
JAN S.A.
Não-Me-Toque - RS



Dotto atua na pesquisa do trigo em Londrina há 22 anos e está apreensivo com o desestímulo dos produtores.

“A pesquisa”, diz ele, “a partir de 1990, passou a preocupar-se não só em criar variedades produtivas e resistentes ao ataque de agentes causadores de doenças, mas em embutir nos cultivares genes capazes de dar ao grão características industriais, com um bom balanceamento protéico e energético”. Um trabalho conjunto entre os pesquisadores da Embrapa, do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) e da Ocepar fez com que a variedade BR-18, com participação de 0,84% na produção de sementes ofertadas pelo Estado, aumentasse esse índice para 9,2%. O mesmo aconteceu com a BR-35, que, de 0,01% de participação no mercado, hoje representa 11,3%.

Segundo os pesquisadores, o Brasil possui variedades promissoras. Precisa é de tempo, cerca de três a quatro anos, para que elas atinjam a qualidade ideal, e de um plano de longo prazo, na busca do reerguimento da triticultura nacional. Sérgio Dotto lembra que o descaso do governo federal pode desestabilizar os sistemas de produção de praticamente todo o Paraná, de onde sai 50% da produção brasileira de trigo. Ele observa ainda que a lavoura do cereal sustenta economicamente qualquer sistema de rotação de culturas, fundamental para manter a capacidade produtiva do

solo. No seu entender, a falta de incentivo ao plantio do trigo vai deixar muito solo a descoberto, à mercê da ação do tempo, e o Brasil desperdiçará mais dos que os US\$ 650 milhões estimados pela Ocepar com importações.

Pesquisa garante: semente de qualidade é o que não falta

De qualquer forma, o produtor interessado em utilizar sementes de boa qualidade encontra hoje inúmeras opções. Conforme levantamento feito pelo pesquisador Manoel Carlos Bassói, também da Embrapa de Londrina, dos 47 cultivares de trigo recomendados para o plantio no Paraná, 17 estão classificados no Grupo Comercial Superior, e 10, no Grupo Comercial Intermediário. Esses 27 cultivares indicam que 65% das variedades recomendadas são próprias para o uso doméstico, panificação, massas alimentícias e crackers. Apenas 35% do total, ou seja, 14 cultivares, classifica-se no Grupo Comercial Comum.

Alumínio — Além de atender às exigências dos moageiros e dos panificadores, a pesquisa precisa desenvolver trabalhos no sentido de criar variedades resistentes às principais infestações. E oferecer sementes que se adaptem às condições químicas naturais do solo, como é o caso do excesso de alumínio, presente na maior par-

te da região produtora do Rio Grande do Sul e em 40% do solo paranaense. Para este tipo de solo, foi desenvolvido o cultivar BR-23, que, devido ao seu excelente comportamento agrônomico, ocupa praticamente toda a área com alumínio cultivada com trigo no Paraná.

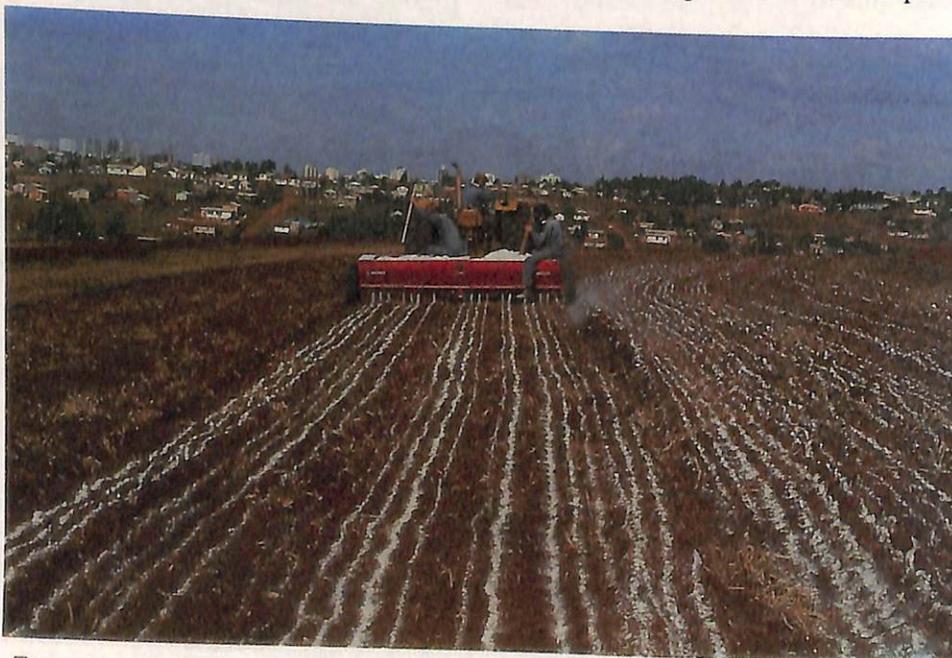
O problema é que o germoplasma resistente a solos com alumínio tóxico é oriundo do germoplasma brasileiro tradicional, em geral de baixa qualidade de panificação. O BR-23 se tornou famoso e difundido também porque, até 1990, o trigo era compra estatal garantida e, por esse motivo, nunca houve preocupação quanto ao aspecto qualidade, na sua comercialização. O grande interesse, recorda Bassói, era atingir a auto-suficiência.

A opção para fugir do BR-23, de acordo com a pesquisa, é o uso dos cultivares Ocepar 21 e CEP 24-Industrial, de boa adaptação em solos com alumínio e com qualidade para a panificação. A principal dificuldade reside no fato de que, devido à recomendação recente, ambos não têm disponibilidade de sementes para plantio em grande escala.

Cultivar Anahuac perde a batalha contra as doenças, no Paraná

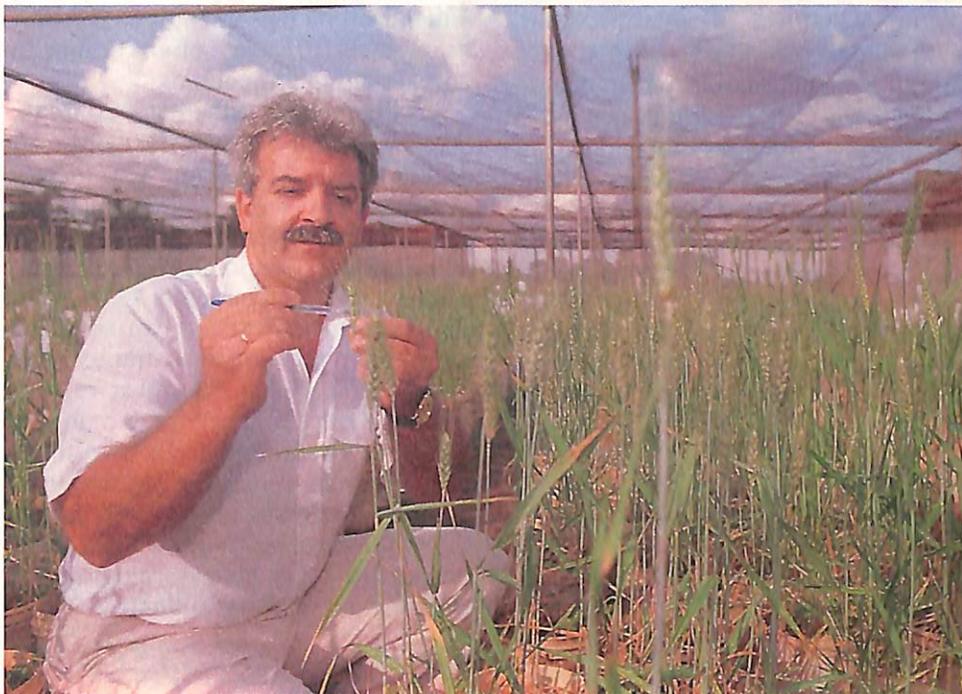
No Paraná, o cultivar Anahuac, próprio para solos sem alumínio, que chegou a ocupar 50% a 60% de toda a área semeada com trigo nesse Estado, começa a ser eliminado do cultivo, devido à quebra de resistência a algumas enfermidades e à criação e introdução de novos cultivares mais produtivos. Recomendações recentes indicam, como apropriadas para a panificação e com bom comportamento agrônomico, as variedades Trigo BR-18, Iapar 17-Caeté, Iapar 29-Cacatu, Iapar 28-Igapó, Ocepar 18, Ocepar 16 e Ocepar 14. Outra novidade importante é a época da semeadura. Segundo Manoel Carlos Bassói, para 1994 a pesquisa retardou a época de semeadura no oeste e sudoeste do Paraná, que são responsáveis por cerca de 45% do cultivo do trigo. O objetivo foi proporcionar maior segurança ao tricultor, escapando das freqüentes geadas que ocorrem naquelas regiões.

Qualidade gaúcha — A oferta de variedades classificadas no Grupo Co-



Erley de Melo Reis

Tempo bom: em 1979, a área de cultivo chegou a 3,8 milhões de hectares



Minella, do CNPTrigo: muitos resultados com poucos recursos

mercias Superior, para a safra gaúcha de trigo de 1995, será suficiente para atender a mais da metade da área plantada no Estado. O prognóstico é do chefe do Centro Nacional de Pesquisas do Trigo (CNPT), Euclides Minella, que, apesar de reclamar da falta de suporte financeiro para os melhoramentos genéticos, se mostra satisfeito com os resultados obtidos pelos pesquisadores. Segundo ele, está provado que a liquidez da lavoura será dada pela qualidade do grão e seu preço de venda. Minella garante que a

pesquisa nunca parou, embora a mudança de enfoque nos interesses do governo não tenha vindo acompanhada de uma injeção de recursos para o setor.

Ele observa que, até hoje, o CNPT não possui um laboratório completo e ressalta que seriam necessários US\$ 250 mil para a compra de equipamentos. Mesmo assim, o Centro conseguiu alguns sucessos, como o cultivar Embrapa 16, considerado muito bom para a panificação, e o BR 43, — o trigo de proveta brasileiro. “O proble-

ma do BR 43 é que foi desenvolvido quando o País buscava produtividade a qualquer preço, sem levar em conta a qualidade do grão para a posterior industrialização.” Incluído entre as variedades comuns, o BR 43, porém, não pode ser desprezado. “Vamos aproveitar a tecnologia usada no seu desenvolvimento, na busca de outros cultivares.”

CEP 24 Industrial é o grande orgulho dos técnicos da Fundacep/Fecotrigo

As cooperativas, por sua vez, também trabalham para conseguir variedades com os requisitos exigidos a partir da liberalização do mercado. De acordo com Luiz Hermes Svoboda, da Fundação Centro de Experimentação (Fundacep), — entidade vinculada à Fecotrigo —, é preciso levar em conta que os produtos de pesquisas genéticas levam tempo para apresentar bons resultados. A Fundacep tem laboratório montado desde 1972, mas, como a política então exercida não premiava a qualidade, esse aspecto foi deixado um pouco de lado. De qualquer forma, o grande orgulho da instituição atualmente é ter o cultivar CEP 24 Industrial, a prata da casa, classificado como superior. O CEP 24 é a variedade que tem a maior disponibilidade de sementes fiscalizadas, para o plantio desta safra, no Rio Grande do Sul e

DURALINER. VOCÊ LEVA TUDO, MENOS PREOCUPAÇÃO.

Duraliner é um revestimento de polietileno de alta densidade, projetado para recobrir a área interna da caçamba da pick-up. Além de valorizar o veículo, protege a pintura original, seja qual for o tipo de carga. Não requer furos e adapta-se por encaixe.

GARANTIA ILIMITADA AO PRIMEIRO USUÁRIO.



APLICAÇÕES

- Pick-ups F 1000 e A/C/D-20.
 - Único no mercado para pick-ups importadas: Toyota Hylux Cabine Dupla, Nissan, Mazda e Dodge Dakota.
 - Único original de fábrica.

DURALINER®

R. Dr. José Inocêncio de Campos, 153 - Sala 63 - CEP 13024-230 - Cambuí - Campinas - SP - Fones: (0192) 51-8767/52-6870 - Fax: (0192) 52-3765

Santa Catarina, totalizando mais de 8.000 toneladas.

Luiz Hermes explica que, graças a um convênio feito com as cooperativas mantenedoras da Fundacep, já nesta safra existem algumas linhagens em fase final de experimentação com possibilidade de lançamento para 1995/1996, que estão sendo multiplicadas. Isso permitirá uma oferta de sementes satisfatória por ocasião do plantio.

Recomendações para o Sul — Ao contrário do que ocorre no Paraná, a

opção de variedades classificadas como superiores e intermediárias, para o cultivo do trigo no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, é bem menor. O chefe do CNPT informa que cerca de 35% dos cultivares oferecidos para a safra de 1994 são bons para a panificação. Do total de 113.135 toneladas disponíveis hoje, só 9,4% são indicadas como superiores. É o caso dos cultivares Embrapa 16 e CEP 24 Industrial, que melhor se adaptam aos solos ácidos, com alumínio tóxico, e produzem grãos com boa força de

glúten. Para essas regiões, entretanto, a maior oferta de sementes (65%) ainda está classificada como comum, e 25%, como intermediárias.

É importante salientar, contudo, que, na última reunião da Comissão de Fitotecnia, Tecnologia e Semente, realizada em março, ficou clara a perspectiva de que o percentual de oferta para o Grupo Superior irá aumentar significativamente. De acordo com os técnicos, existem várias linhagens com características muito boas de força de glúten, as quais estarão prontas para ser lançadas em breve. “Não se pode esquecer”, reforça Luiz Hermes, “que, há apenas três anos, os interesses do governo foram redirecionados. E a gente leva pelo menos dez anos fazendo experimentos, até obter algum resultado”.

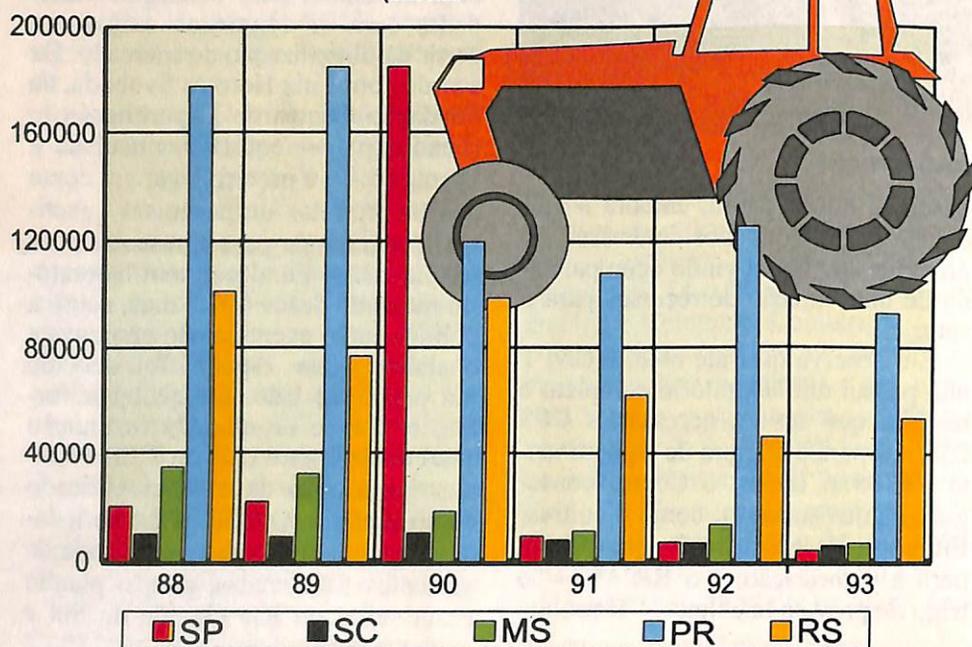
Fim das compras estatais desorientou o produtor

Produção pequena e de baixa qualidade, igual a falta de comprador. Essa equação, retrato da triticultura brasileira no início da década de 60, levou o governo a impor aos moinhos a compra do trigo nacional. Naquela época, o Brasil passava por uma série de mudanças e, em seguida, os hábitos alimentares também seriam alterados. O objetivo era incentivar a produção do cereal, disciplinar o abastecimento e melhorar a qualidade do grão. E, durante quase 30 anos, a compra estatal proporcionou ao triticultor a certeza de que “por bem ou por mal” teria mercado assegurado.

A primeira compra garantida ocorreu em 1962, ocasionando o começo de uma série de fraudes que mais tarde ficaram conhecidas como “trigo-papel”. A compra estatal, no entanto, renovava-se ano após ano, e só foi regulamentada por decreto-lei em 1967, quando se pretendeu consolidar uma política para o trigo. De 1962 a 1967, a área plantada no País saltou de pouco mais de 258 mil hectares para algo em torno de 562 mil hectares. A triticultura passou a ser considerada com olhos mais atentos, e a auto-suficiência virou questão de segurança nacional, pois o trigo era o segundo produto no qual se gastava mais divisas na importação, superado apenas pelo petróleo.

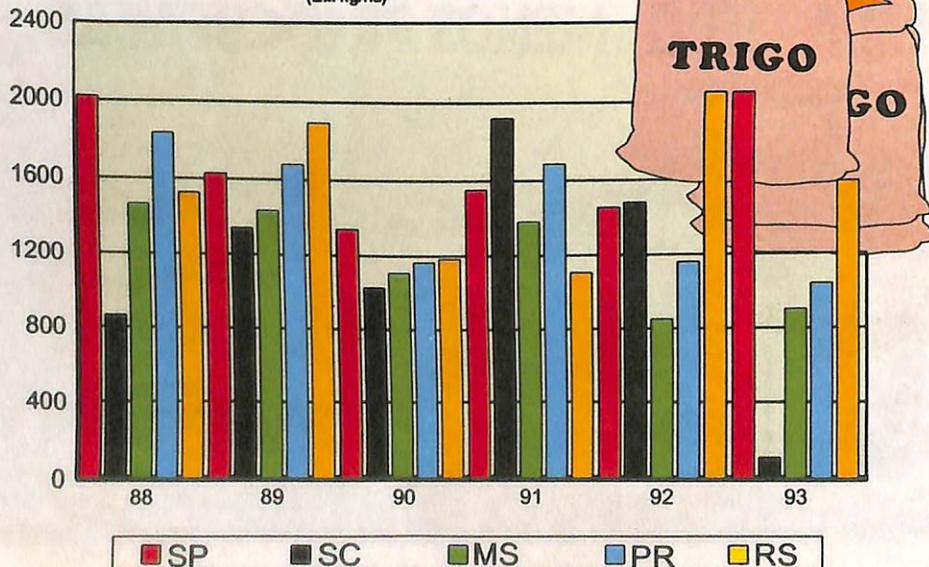
ÁREA PLANTADA POR ESTADO

(EM ha)



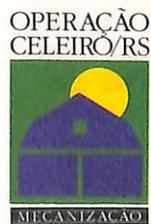
PRODUTIVIDADE DO TRIGO POR ESTADO

(EM kg/ha)



AGORA O AGRICULTOR VAI TER DUAS NOVAS MOEDAS: O REAL E O MILHARAL.

COM A OPERAÇÃO CELEIRO/RS VOCÊ TROCA MILHO POR TRATOR OU
COLHEITADEIRA MASSEY FERGUSON E TEM ATÉ 5 ANOS PARA PAGAR.
INFORME-SE NO SEU CONCESSIONÁRIO MASSEY FERGUSON.



AQUI
SEU MILHO
VALE
MILHÕES.

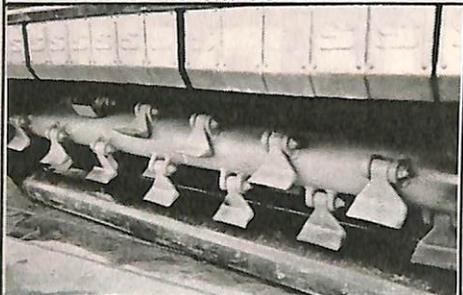


MASSEY FERGUSON
PRODUZIDO POR IOCHPE-MAXION S.A.

TRITURADEIRAS



Roça e tritura galhos
de até 10 cm de diâmetro



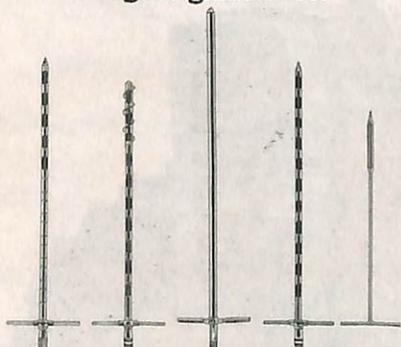
com martelos de aço forjado

LIMMAT

Importadora de Equipamentos Agrícolas Ltda.
Importer of Agricultural Equipments Ltd.
Fone (054) 231.3634
95.200-000 Vacaria - RS

CALADORES E SONDAS GEHAKA A Forma Direta e Simples de Retirar Amostras e Controlar Cereais.

Caladores para retirada de amostras
de cereais em silos, caminhões
e vagões graneleiros.



Caladores para amostragens de
produtos ensacados com
sistema de gavetas.

Televendas: (011) 844-7488
Fax: (011) 844-5975



Mecanização agrícola: apesar das indefinições, um aquecimento nas vendas

Em 1972, o então ministro da Fazenda, Delfim Netto, criou o Programa de Subsídio ao Trigo, gerado em caráter provisório e emergencial. As justificativas eram o aumento dos preços internacionais do produto e a necessidade de segurar nossa inflação em 12%. Só que o provisório ficou, e o subsídio permaneceu até 1991, favorecendo, ao longo de sua implementação, uma crucial penetração do cereal na alimentação do brasileiro, em detrimento de produtos tradicionais, como arroz, milho, mandioca e batata. Outra contribuição foi o incremento de nosso déficit público.

Numa primeira etapa, de 1972 a 1979, o subsídio se situou entre 40% e 45% ao ano, e atingiu o auge de 85%, em 1980. A área plantada saltou de 2.340.431 hectares, em 1972, para 3,8 milhões de hectares em 1979. O governo, então, começa a reduzir gradualmente o subsídio, até atingir 45% ao ano em 1985, mas, dois anos depois, ele já alcançava de novo o patamar de 85%. Para os defensores dessa política, 1987 foi o ano que justificou o acerto de tais medidas, pois o Brasil tornou realidade o que antes parecia sonho distante. Com uma área plantada de 3,460 milhões de hectares, obtém uma produção de 6 milhões de toneladas — considerada como auto-suficiência técnica, já que o consumo seria de 7 milhões de toneladas.

O fim da compra estatal e da política de subsídios, sem medidas de apoio, desorientou o agricultor, deses-

truturando a lavoura a ponto de comprometer o complexo produtivo. O trabalho “Por uma política de combate à fome”, editado pela Fecotrig, aponta que, depois de ter produzido 90% de suas necessidades, o Brasil resigna-se, hoje, a colher menos de um terço do que consome. O País perdeu US\$ 2 bilhões, entre 1990 e 1992, por ter reduzido o plantio, e se viu obrigado a gastar US\$ 1,2 bilhão com a importação do cereal.

No último inverno, segundo levantamento da Fecotrig, o Rio Grande do Sul deixou de arrecadar US\$ 180 milhões. Para cada saco de trigo colhido pelo agricultor, são arrecadados, em impostos, US\$ 10,34, considerando-se a incidência de apenas quatro tributos: Funrural, ICMS, Finsocial e PIS, sobre o valor agregado do produto, como a farinha de pão. O produtor recebe, sobre o mesmo saco, US\$ 7,34.

*A economia brasileira perdeu
US\$ 700 milhões nos
últimos dois anos*

Ao apresentar as razões para a retomada da cultura, a Fecotrig salienta que a atividade já envolveu diretamente mais de um milhão de pessoas e seu desestímulo vem determinando a ociosidade de 560 mil trabalhadores nos dois principais Estados produtores — Rio Grande do Sul e Paraná. Com a redução de área, deixou de ser consumido, em dois anos, o equivalente a 830 tratores e 525 colheitadeiras,

além de 318 mil toneladas de fertilizantes, fora os demais insumos.

A economia brasileira perdeu pelo menos US\$ 700 milhões com o solo descoberto de 1,8 milhão de hectares. De acordo com a Fecotrigo, nessa área poderiam ser produzidos 3 milhões de toneladas de trigo, reduzindo em US\$ 1,4 bilhão as importações. Além do mais, o cultivo do cereal contribui com a redução dos custos da produção das lavouras de verão em 15% a 20%, possibilitando a geração de renda adicional e menores gastos nessas atividades.

Por outro lado, é importante observar que o trigo no Brasil é, de longe, a



Pentead, do Simers: em busca dos prejuízos do passado

principal cultura de inverno e representa a única alternativa de cultivo nessa época. Só para se ter uma idéia, em um total de 2,1 milhões de hectares de culturas de inverno na safra de 1992/1993, o trigo foi responsável por 1,5 milhão de hectares. As demais foram aveia, com 295 mil hectares; feijão (terceira safra), com 227 mil hectares; cevada, com 63 mil hectares e centeio, com 6 mil hectares.

Preocupados com essa situação, os integrantes da Comissão Centro-Sul Brasileira de Pesquisa do Trigo divulgaram, em janeiro deste ano, um manifesto alertando para as condições iminentes de desabastecimento do País. No documento, os técnicos observam que os recursos gastos com a importação de 5 milhões de toneladas de trigo em 1994, a um preço médio de US\$ 140 a tonelada, seriam suficientes para financiar o plantio de 4,6 milhões de hectares, resultando em uma produção de 6,9 milhões de toneladas.

Indústria não perde as esperanças e mostra bons números

Apesar das indefinições e incertezas quanto às diretrizes econômicas federais, os setores de insumos e implementos agrícolas estão de certa forma aquecidos. As indústrias de calcá-

rio, por exemplo, mostram-se entusiasmadas com a possibilidade de uma produção recorde de 4,5 milhões de toneladas de insumos neste ano. Em 1993, foram consumidos 3,2 milhões de toneladas de corretivos e liberados US\$ 23 milhões, a fim de financiar a compra de calcário suficiente para corrigir 120 mil hectares no Rio Grande do Sul. Para 1994, estão disponíveis, no Banco do Brasil, US\$ 15 milhões, que permitirão ao setor se manter trabalhando a plena capacidade.

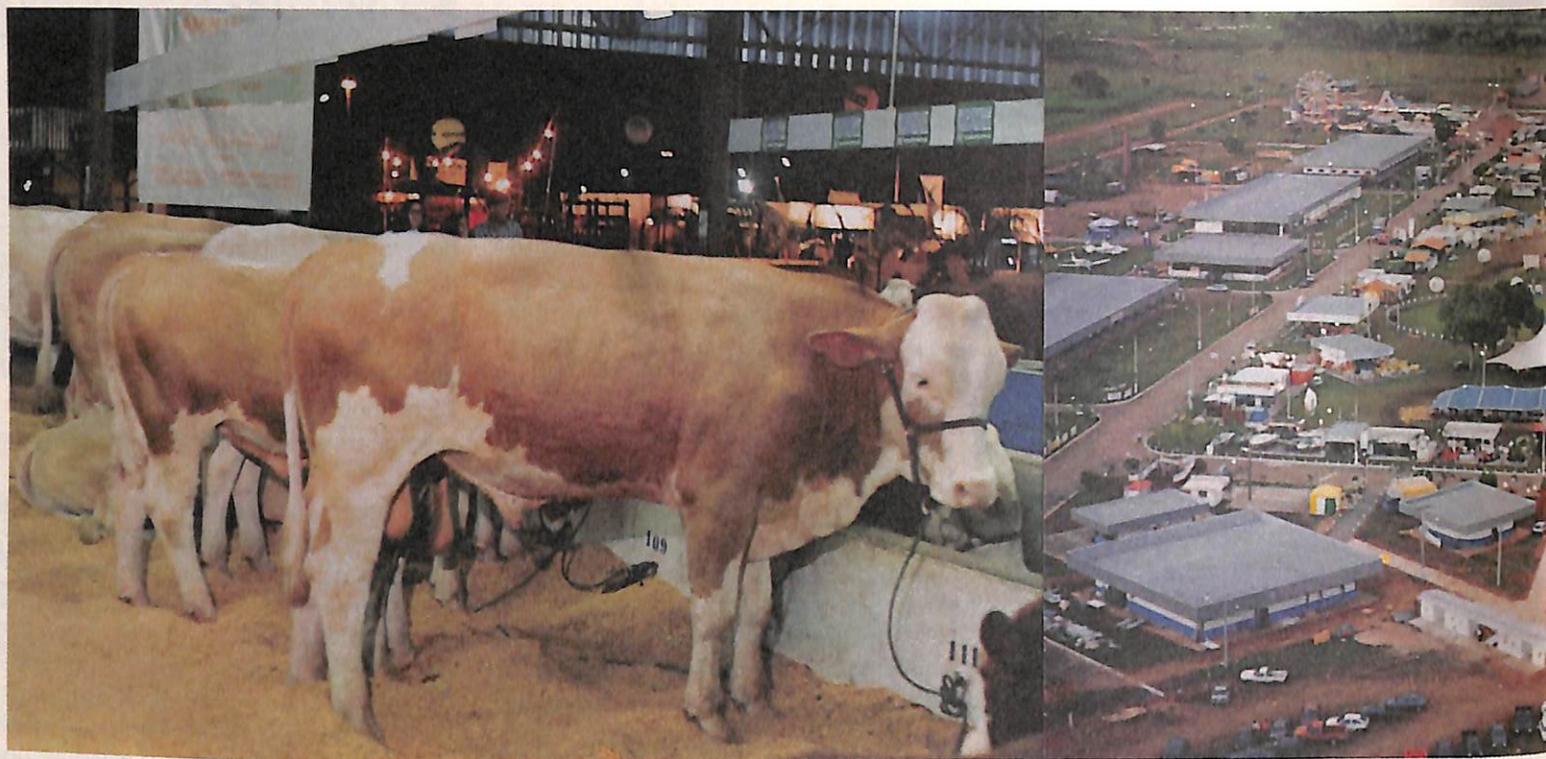
Também a indústria de máquinas agrícolas está aquecida, com um crescimento de 87,05% nas vendas de janeiro deste ano, em relação a janeiro do ano passado. O setor vem se recuperando dos prejuízos sofridos nos últimos três anos e, conforme informações do presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers), Roberto Pentead, se o governo conseguir viabilizar a retomada do plantio do trigo, com bons preços, o agricultor vai continuar investindo em tecnologia.

No caso dos defensivos agrícolas, o item fungicidas obteve um incremento de vendas, em 1993, na ordem de 13,8%, segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Defensivos Agrícolas (Sinda). O setor como um todo teve um acréscimo na comercialização de aproximadamente 10,5%. ■

SEMEATO®

pioneirismo e liderança em tecnologia para plantio direto

FONE (054)315-1911



RONDONÓPOLIS

22ª Exposul mostra a

A feira conseguiu reunir o que de melhor existe em pecuária e maquinaria agrícola do Brasil Central.

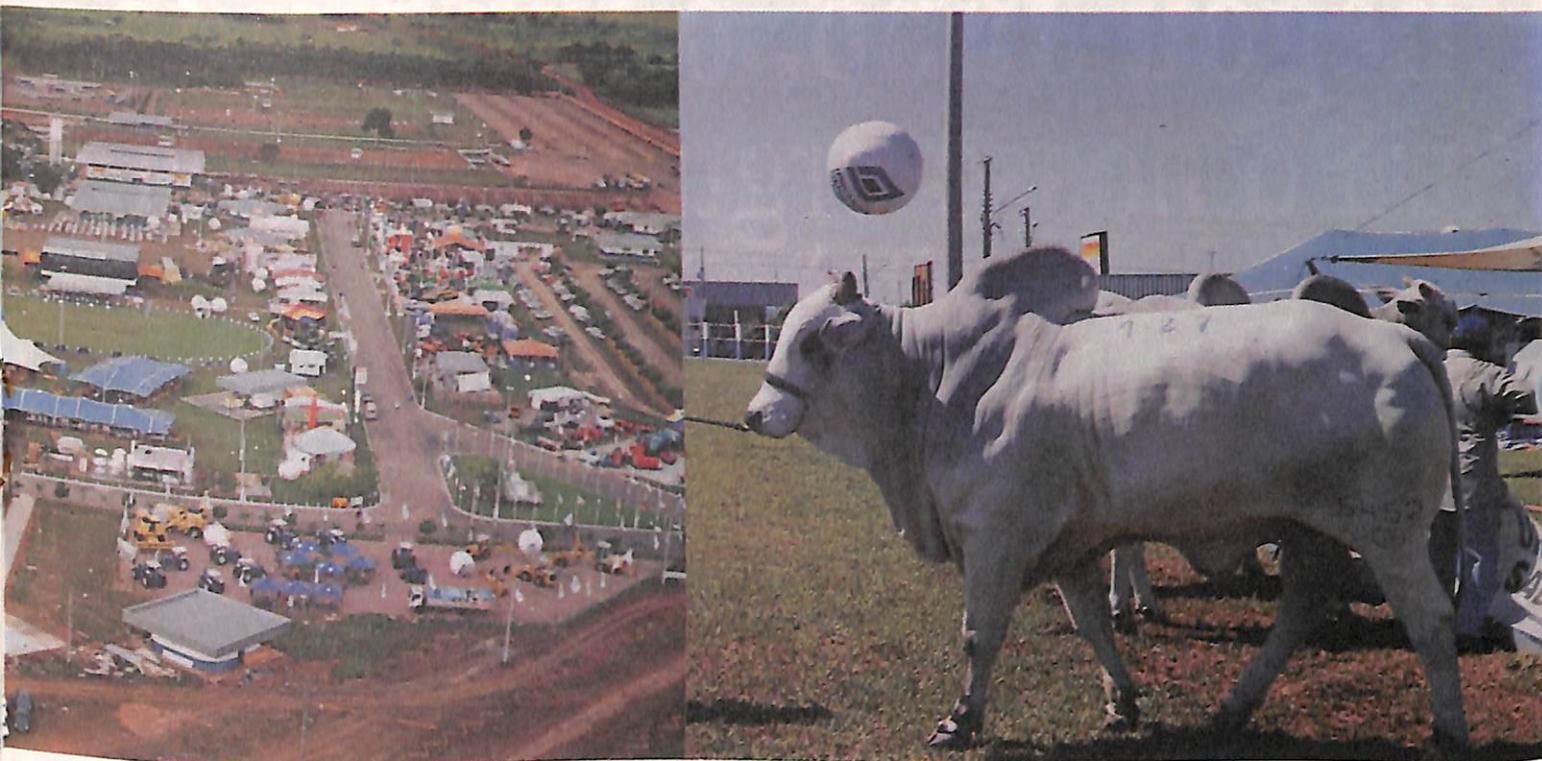
Além dos leilões, destaque para os encontros técnicos e para o show do novilho precoce

Paulo Mello

A maior feira agropecuária do Mato Grosso, realizada entre os dias 25 a 31 de março na segunda maior cidade do Estado, Rondonópolis, superou as expectativas mais otimistas dos organizadores do evento. Localizada a 200 quilômetros da capital, Cuiabá, a 22ª Exposul atraiu nada menos do que 150 mil visitantes e movimentou negócios da ordem de US\$ 32,4 milhões. As estimativas iniciais eram que as transações totalizassem algo em torno de US\$ 24 milhões.

Nos sete dias de atividade, a 22ª Exposul sediou vários eventos. Entre eles, o 1º Show Nacional do Novilho Precoce, sete leilões de raças, a 1ª Feira Nacional de Máquinas Agrícolas, campeonatos hípicas, rodeios, e ainda shows musicais, à noite, com famosos intérpretes e compositores de canções populares.

A comissão organizadora foi composta por empresários agrícolas da cidade e liderada por Blairo Maggi,



Fotos: Evlástio Alves

pujança do Brasil Central

Adolpho Vieira e Cloves Vettorato. Na opinião de Maggi, além do volume negociado diretamente na feira, é possível projetar mais dois terços deste total, algo em torno de US\$ 21 milhões, em negócios a serem concretizados durante os próximos dois meses.

O surpreendente desempenho financeiro da exposição, segundo Maggi, é um reflexo de que a Exposul de Rondonópolis vai se firmando cada vez mais como uma das maiores feiras brasileiras de negócios, com certeza a maior do Estado. Soma-se a isso o fato de ter se transformado num importante núcleo irradiador de novas tecnologias para o setor agropecuário.

Desde o início, a cidade de Rondonópolis viveu uma grande festa, que podia ser notada nas ruas pela euforia dos habitantes com a chegada de expositores, visitantes e agropecuaristas de todo o País. Os hotéis ficaram lotados, a ponto de algumas autoridades

necessitarem recorrer a amigos ou parentes para conseguir hospedagem domiciliar. Cerca de 95 empresas, entre indústrias e revendedores de tratores, implementos agrícolas, pecuaristas, agricultores de ponta, empresa vendedora de aviões, além de veículos e caminhões, e outros, participaram da mostra.

*Só a Embrasa vendeu
30% da sua produção
anual de aviões agrícolas*

Máquinas e equipamentos — Nos destaques da 22ª Exposul, estão empresas que comercializam máquinas e equipamentos agrícolas. A SLC/John Deer vendeu, em tratores e colheitadeiras, um volume de US\$ 2,2 milhões. A revendedora Gravataí, que comercializa os tratores Valmet, vendeu US\$ 1,9 milhão em equipamentos. A Caterpillar negociou o equiva-

lente a US\$ 800 mil; a Ford New Holland, US\$ 1,2 milhão; e a Mercedes-Benz, US\$ 1,08 milhão.

A Embrasa Distribuidora de Aviões Brasileiros Ltda., que comercializa as aeronaves da Embraer e da Neiva, indústria também controlada pela Embraer, faturou US\$ 2,52 milhões com a venda de 11 aviões agrícolas e duas aeronaves executivas, mono e bimotor, com capacidade para seis passageiros. Um verdadeiro sucesso.

“A feira superou nossas estimativas iniciais”, disse o diretor da empresa, Marco Antônio Ippolito Brandão, que esperava apenas fazer contatos, para concluir, possivelmente, alguma negociação no futuro. O emprego do avião pelos agricultores no Mato Grosso, em virtude das grandes extensões das propriedades, chega a ser quase tão comum quanto o trator ou o automóvel em algumas regiões do País: “É uma ferramenta de trabalho”, garantem muitos produtores ▶

Chegou Juno, o fungicida de Para o nosso orgulho e a sua tra



Depois de vários anos de pesquisa a Defesa tem o maior orgulho de apresentar seu mais novo lançamento: o fungicida Juno. Juno é um produto nacional, totalmente desenvolvido aqui no Brasil. Com ele o produtor rural passa a ter à sua disposição o que há de mais moderno no controle das doenças fúngicas em cereais de inverno. É a alta

tecnologia da Defesa em benefício do produtor. Afinal, uma empresa nacional que produz produtos para mais de 20 países pode garantir a certeza de um padrão internacional de qualidade.

Garanta sua tranquilidade. Nesta época, separe o Juno do trigo.

a Defesa. tranqüilidade.

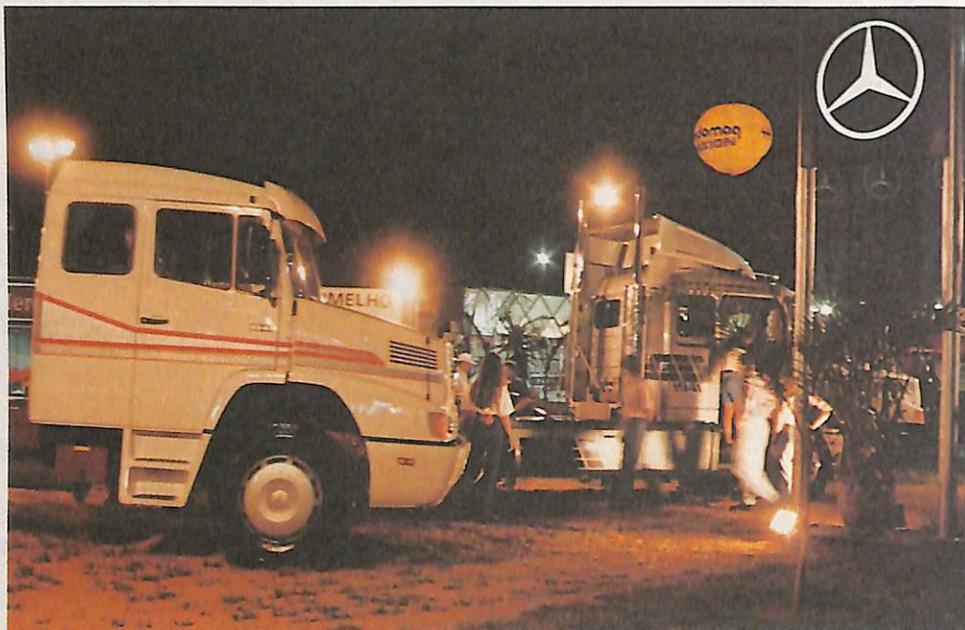
a sua colhei-
exporta seus
lhe oferecer
al de quali-
colheita, não

ADVERTÊNCIA
O uso inadequado deste produto pode causar danos à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga sempre as instruções de uso e utilize equipamentos de proteção individual. Consulte um Engenheiro Agrônomo. A RECEITA AGRONÔMICA É OBRIGATÓRIA.

Alenia
ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS NACIONAIS DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS.



AMERICA



Caminhões pesados: muitas vendas no pico da safra

de Rondonópolis.

A venda dos aviões agrícolas pela Embrasa, no caso o Ipanema, correspondeu a 30% da produção anual. Trata-se de um monomotor que custa aproximadamente US\$ 183 mil e é destinado exclusivamente à agricultura, com capacidade para carregar 750 quilos ou 680 litros de produtos, de fertilizantes ou defensivos agrícolas, explica Brandão.

O diretor da Embrasa explica que o maior número de aviões de pequeno porte, no País, está localizado no Rio Grande do Sul, mas a procura, em Mato Grosso, tem crescido muito nos últimos anos. Para se ter uma

idéia do sucesso da Exposul, continua Brandão, há de se ressaltar que, em 1993, a empresa vendeu oito aviões agrícolas: “Superamos, na feira, o volume de vendas efetuado no ano passado”.

Em termos de lançamentos, a Caterpillar Brasil S/A expôs o trator de esteira D4E SR série II, com um conceito de maior eficiência de tração, para evitar problemas de compactação no solo, conforme explica o consultor sênior da empresa, Toru Sato. No segundo dia do evento, foi feita demonstração do produto para convidados da empresa Sementes Maggi, no Dia de Campo do município de Itiqui-



Trator de esteiras: faturamento de quase US\$ 1 milhão

ra, a 110 quilômetros de Rondonópolis, com a presença de diversos produtores da região.

Além das máquinas agrícolas, tratores e aviões, a Exposul foi palco de vendas de caminhões e veículos, com procura também intensa, se considerado o aspecto eminentemente agrícola da exposição. Segundo José Thomaz Oliveira, da revendedora Scania Irmãos Lopes, dois caminhões T 113 360, que têm capacidade para 29 toneladas, foram comercializados. E, ainda, duas quotas de consórcio do mesmo veículo, considerado o carro-chefe da empresa, adquiridas por produtores da região sul do Estado. O preço do caminhão é de US\$ 95 mil, aproximadamente.

A concessionária da Volkswagen Carolina, de Rondonópolis, também considerou boa a participação na Exposul, com a venda de três automóveis, no valor médio de US\$ 28 mil, segundo o diretor da empresa, Paulo Malachini. Como a colheita estava em andamento e como o Mato Grosso se caracteriza por ter uma produção anual, o melhor momento de venda era aquele mesmo, quando “o produtor tem dinheiro”, brincou.

Leilões — Os leilões realizados durante a 22ª Exposul não decepcionaram os proprietários. Dos 750 animais de elite em exposição, 248 participaram dos sete pregões realizados, envolvendo as raças nelore padrão e mocho, gado leiteiro, simental, santa gertrudis e marchigiana, durante os sete dias da feira.

A arrecadação total dos sete leilões foi de CR\$ 405,8 milhões e, como destaque, pode ser citado o animal da raça nelore Carioca do Renovo, um macho de 43 meses, filho de Ludy de Garça e Alcova, vendido por CR\$ 8,4 milhões (cerca de US\$ 9.386) pela Fazenda Retiro Novo, de Minas Gerais, para a Agropecuária San Diego, de Paranatinga, em Mato Grosso.

Da raça marchigiana destacou-se Inédito, macho de 36 meses, de propriedade do criador Mário Hoshika, de São Paulo, e rematado por CR\$ 4,9 milhões por Alcides Parzianello, do Mato Grosso do Sul. No caso do simental, o melhor resultado ficou com New Day da Charruá, macho de 16



Blairo Maggi: feira de negócios

meses, adquirido por CR\$ 4,5 milhões pelo criador Ricardo Castro Cunha, do Mato Grosso, e vendido por Jaime Moller, do Mato Grosso do Sul.

Vale ressaltar que 185 animais de elite, envolvendo todas as raças em exposição, foram negociados ainda nas argolas e não chegaram sequer a fazer parte dos remates. Isso significou um volume de arrecadação calculado em CR\$ 348,5 milhões. O exemplo mais característico desse negócio paralelo ocorreu com o gado da raça caracu, que, dos 50 animais em exposição nas baias, teve 70% vendidos antecipadamente nas argolas, e, como consequência, os proprietários resolveram cancelar o leilão anteriormente previsto, por insuficiência de animais para o remate.

Mas também ocorreram alguns contratemplos. Focos da febre aftosa registrados dez dias antes do início da Exposul provocaram o cancelamento do Nelobaio, em que estava prevista a oferta de 1.500 a 2.000 cabeças de gado nelore e cruzados para engorda. A Secretaria de Agricultura do Mato Grosso, através do Instituto de Defesa Animal (Indea), proibiu o trânsito de animais durante a realização da feira. Dessa forma, apenas os que haviam chegado até o dia da inauguração puderam participar dos leilões, shows e exposição. Como praticamente todos os animais de elite já estavam alojados, não ocorreu qualquer tipo de problema, conforme informou a coordenação da Exposul. E o prejuízo causado pela eliminação do Nelobaio, cal-

culado em US\$ 18 mil, não desanimou os criadores, que encararam a medida como um alerta para o problema da aftosa.

Nelore — O mais concorrido leilão de elite realizado durante a feira, contando com a participação de quase 1.000 pessoas, foi o 2º Leilão AL Paulicéia de Gado Nelore, do qual participaram animais do criador Antônio Luiz de Castro, da Fazenda AL Paulicéia, de Rondonópolis, e convidados.

Nesse remate, realizado na terça-feira à noite, dia 29, foram arrecadados CR\$ 156 milhões (aproximadamente US\$ 174 mil), resultado considerado “excelente” pelos produtores. Foram vendidos 53 animais, entre nelore e nelore mocho, e a média geral de venda ficou em CR\$ 2,943 milhões (em torno de US\$ 3.290), segundo dados da empresa Boi Bom Leilões, responsável pelo evento.

O segundo animal mais caro negociado foi o macho Shallon Al Paulicéia, de 26 meses, de propriedade do pecuarista Antônio Luiz de Castro, vendido a CR\$ 5,520 milhões (US\$ 6.168) e adquirido por Jairo Dias Pereira, de Rondonópolis. Outros dois destaques foram as fêmeas Roseira Al da Paulicéia, do mesmo produtor, adquirida por Adriana Balbinoti a CR\$ 4,080 milhões (US\$ 4.560), e a fêmea Datia DA RN TE, de 62 meses, da Fazenda Renovo.

Antonio Castro considerou bom o resultado, apesar de “ser difícil avaliá-

lo, devido a ser o primeiro com as novas regras da URV”. No atual sistema, “as vendas dos animais são feitas com preço à vista, e os pagamentos podem ser efetuados em até seis parcelas, pela variação da URV”, explica. O pecuarista dedica-se à atividade, no Mato Grosso, há 18 anos, possuindo um apreciável plantel de 1.100 cabeças de gado nelore PO de elite.

O início foi em 1973, logo após ter recebido, como herança do sogro, 85 vacas, que foram divididas com os demais familiares. Três anos depois, trocou 40 novilhas nelore por um touro, ainda na cidade de Guaira, em São Paulo. Então, resolveu partir para o Mato Grosso, onde, hoje, possui uma propriedade de mais de 3.000 hectares, em Rondonópolis, e se constituiu num dos maiores criadores nacionais da raça nelore.

O Leilão dos Expositores, um remate já tradicional da Exposul, movimentou CR\$ 19,5 milhões, com a venda de 13 animais nelore PO. A média geral também foi considerada boa pelos participantes, atingindo CR\$ 1,8 milhão, segundo dados da SR Leilões, responsável pelo pregão.

O animal mais caro negociado foi o macho PO Comício, de 26 meses, pertencente à Agropecuária Mônica, adquirido pelo produtor Francisco Marchetti por CR\$ 2,4 milhões. O segundo maior remate ficou com a fêmea Empenada da MI, de 20 meses, do pecuarista Salem Zugair, negociada por CR\$ 2,2 milhões pelo criador Rui Al-



Nelore de elite: 53 animais vendidos em pista

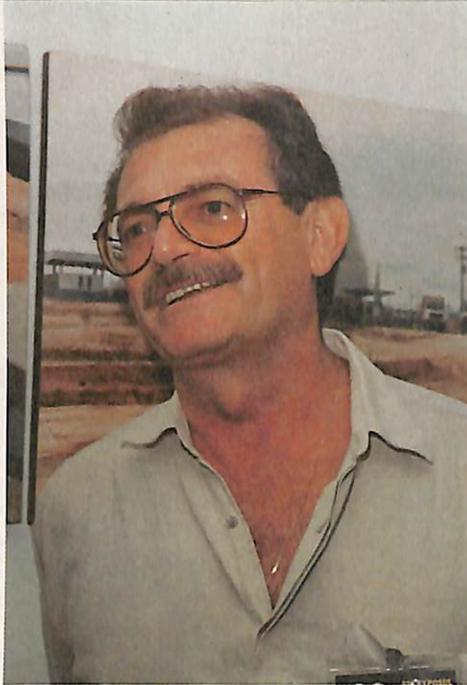
meida. Apenas um dos 14 lotes ofertados não foi vendido durante o pregão.

O pecuarista de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Cláudio Garcia Souza, considera a feira uma ótima oportunidade para troca de informações e divulgação das raças bovinas. Criador de nelore há 33 anos, explica que a busca da tecnologia e avanço no setor é obtida pelo tripé básico: precocidade, fertilidade e conformação. “É preciso procurar a melhoria genética, para obter melhores produtos”, diz.

Após 25 anos de árduo trabalho, conseguiu obter um animal exemplar, campeão em muitas provas específicas, o Vasuveda PO, “um excelente reprodutor”, afirma orgulhoso. Souza possui atualmente 400 matrizes PO, utiliza inseminação artificial e transferência de embriões, para o desenvolvimento dos animais nelore, que vende em todo o País. Anualmente, produz algo em torno de 2.000 bezerros, e, em muitos casos, é o responsável também pela engorda: “Ofereço o produto final.”

Altas temperaturas do Centro-Oeste não assustam o simental

A partir de 1990, passou a se interessar pelo simental. Com a ajuda da filha, Leda Souza, zootecnista, e de mais três filhos, o pecuarista matogrossense começou, aos poucos, a aumentar o plantel de animais dessa raça



Cloves Vettorato: missão cumprida

européia.

Simental — Apesar de não ter obtido uma média excelente, o I Leilão Simental do Mato Grosso foi considerado pelo criadores “um bom começo”, em termos de divulgação da raça. Foram vendidos todos os 40 animais ofertados, proporcionando um volume de recursos de CR\$ 77,7 milhões (US\$ 89,9 mil). O principal objetivo, de difusão do simental na região, foi alcançado, apesar de que se esperasse uma arrecadação 20% superior.

A média geral do leilão ficou em CR\$ 1,942 milhão (US\$ 2.248), e os pagamentos, efetuados em até seis parcelas, com variação pela URV. Os lotes compunham-se de animais PO, PC e POI (do Canadá).

O único animal POI, pertencente aos criadores Tarcisio Herkert e filho,

André, foi negociado por CR\$ 2,770 milhões (US\$ 3.000), abaixo da expectativa inicial: “O animal vale, pelo menos, US\$ 4.000”, disse André Herkert. Apesar disso, afirmou que não houve arrependimento porque alguns contatos locais foram efetuados, e o simental causou “boa impressão”, durante a exposição de raças, outro evento concorrido.

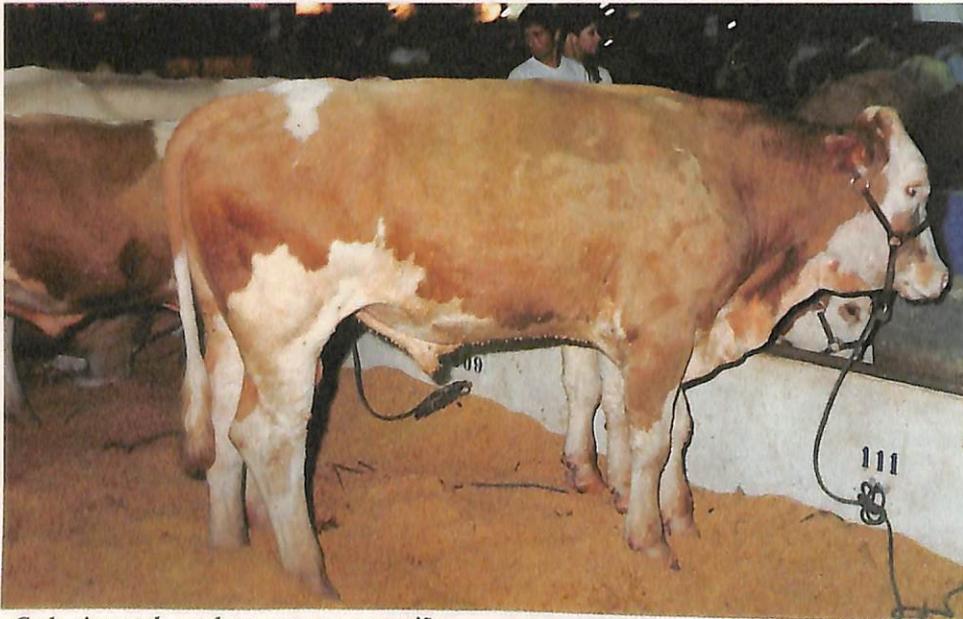
O interesse pelo simental começou há seis anos, conta André, de apenas 21 anos, quando seu pai comprou os primeiros lotes no Paraná. Hoje, eles criam a raça na propriedade localizada em Campo Grande. Apesar da dupla aptidão, fornecendo tanto leite como carne, com índices de desempenho elevados, os Herkert estão destinando sua produção exclusivamente para a carne, explica.

Outra característica do simental, segundo o veterinário Marco Antônio Mendonça, consultor do pecuarista, é sua “fácil adaptação” aos diversos climas do Brasil: “Existem criadores tanto na Região Sul do País como na Centro-Oeste, onde a temperatura é totalmente diferente”, esclarece.

Leilão a campo — Nem só de produtores de elite se fez a Exposul. No domingo, dia 27, foi realizado o leilão Nelore a Campo, sendo ofertados 52 animais destinados a corte para engorda. O total arrecadado foi de CR\$ 30,96 milhões, e a média geral foi de CR\$ 646,3 mil, de acordo com a SR Leilões.

Novilho precoce — Durante a 22ª Exposul foi apresentado o 1º Show Nacional do Novilho Precoce, destinado à divulgação do conceito da produção da carne bovina com mais qualidade, baseado na melhoria tecnológica. Foram três dias de apresentação, participando 75 animais vivos, de 11 raças, produtos oriundos de cruzamentos industriais.

Do total, 51 animais foram escolhidos e abatidos, para que as carcaças obtidas pudessem ser julgadas e tipificadas por técnicos do setor. Nesse julgamento foram considerados aspectos em relação ao teor de gordura, análise técnica da carne produzida e outros itens. Do júri fizeram parte o diretor-técnico da Associação Brasileira do Novilho Precoce (ABNP), Albino Luchiarri Filho, e o especialista escocês Raymond Smith, que veio ao Brasil especialmente para esse evento. ▶



Gado simental: um bom começo na região



O que importa são os anos que virão.

*DDG a granja

DISCAGEM DIRETA GRATUITA

Das 8:30 às 20:30

► DISQUE

051 800 21 06

ENTRE EM CONTATO
COM A GENTE



Você tem dúvidas
sobre sua
assinatura?

*** MAIS UMA VANTAGEM EXCLUSIVA PARA O ASSINANTE**

Agricultura?
Exposições?

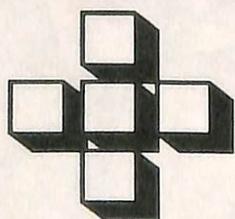
Quer saber algo
sobre pecuária?

Alguma
sugestão?

LIGUE PARA A GRANJA E TENHA A SUA RESPOSTA

Sr. Empresário: funcionário saudável trabalha muito melhor.

A SERVIMED coloca a saúde de sua empresa em primeiro lugar. Com atendimento eficiente, coloca a sua disposição assistência médica-hospitalar e odontológica especializada.



SERVIMED
SAÚDE LEVADA A SÉRIO

Conheça nossos planos de saúde.
Solicite um visita.



(051) 342.4242

Sedes próprias: Porto Alegre, Gravataí e Cachoeirinha.

As raças que participaram da apresentação foram marchigiana, simental, aberdeen-angus, santa gertrudis, caracu, piemontês, limousin, hereford, holandês e charolês, representando as européias; e o nelore.

Segundo informou o diretor-técnico da ABNP, o novilho precoce começa a despontar no País, e o potencial de melhoria tecnológica do Mato Grosso nesse campo é muito forte. Na sua opinião, o pecuarista, hoje em dia, pode ser visto como um industrial, cujo produto de venda é a carne.

O presidente da ABNP, Luiz Fernando Levy afirma que o Mato Grosso do Sul é onde o conceito de novilho precoce está mais difundido em sua essência, com a previsão de abate de 400 a 500 mil cabeças/ano, daqui há dois ou três anos.

No Estado, o novilho precoce já é uma realidade, mas está sendo desenvolvido de forma mais acentuada a partir deste ano. No Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, o novilho precoce já está acontecendo "de forma significativa", segundo o presidente da Associação Nacional do Novilho Precoce.

Um dos aspectos mais importantes, necessitando ser ressaltado, de acordo com Levy, é que "o novilho precoce não é exclusividade de uma raça", o que faz com que, progressivamente, possa ser difundido no País. Embora seja evidente que algumas características serão diferentes entre uma e outra espécie, o fundamental é o conceito da "precocidade do abate".

Albino Luchiari explica que o desenvolvimento tecnológico na área de produção bovina visa à elaboração de um animal pronto para ser abatido com menor idade, teor de gordura inferior, proporcionando ganhos para o pecuarista, que obtém, dessa forma, um boi pronto com maior rapidez e praticamente com o mesmo peso, em torno de 16 arrobas (uma arroba corresponde a 14,689kg). E o consumidor também é beneficiado, porque passará a contar com uma carne de melhor textura e sabor.

A média de abates no Brasil, entre três e quatro anos, é totalmente diferente no caso do novilho precoce, que "fica pronto em praticamente 18 a 24 meses". Luchiari ressalta ainda a importância da gordura do animal no fornecimento das carcaças: "A gordu-



Limousin: 18 arrobas com 22 meses de confinamento

ra não pode ser simplesmente ignorada, porque possui um papel fundamental de proteção da carne”, afirma. E acrescenta que, após o acondicionamento nas câmaras frigoríficas, as carcaças têm, na gordura, uma espécie de escudo protetor, evitando o ressecamento e a perda de suas características básicas.

Segundo o zootecnista Arlindo Vilella, um dos organizadores do Show do Novilho Precoce, “a produção mato-grossense de carne bovina atingiu um excelente grau de desenvolvimento do programa de novilho precoce”. Ele esclarece que um dos fatores que propiciam esse estágio avançado é a integração existente entre a agricultura de grãos, na região, com a pecuária de corte.

Resultado — De acordo com Vilella, alguns animais de várias raças não foram classificados por não terem atingido o padrão de classificação exigido pela mostra. Os critérios utilizados pelas comissões organizadora e julgadora objetivavam o atendimento padrão de mercado elite da Comunidade Econômica Européia (CEE). O que não significa, porém, que a raça tenha sido desclassificada, mas somente o exemplar concorrente.

Outro aspecto ressaltado por Vilella foi a classificação, para efeito de julgamento, da raça simental. Os representantes foram separados pela comissão julgadora em animais PO inteiros, cruzados inteiros, cruzados

castrados e fêmeas. Os demais animais das diversas raças foram classificados somente em três categorias, quais sejam, inteiro, castrado e fêmea.

Os campeões da raça marchigiana foram do pecuarista Miranda Soares, do Mato Grosso, tanto o animal inteiro como o castrado. Da raça simental os vencedores foram os seguintes: animal inteiro PO, de Tarcísio Herkert, do Mato Grosso do Sul; animal castrado, do pecuarista Augusto Alves Pinto, do Mato Grosso; animal inteiro cruzado, da Agropecuária Maggi, de Rondonópolis; e simental fêmea, do produtor Ricardo Giacometi, do Mato Grosso.

O vencedor aberdeen-angus inteiro foi da Agropecuária Maggi; e o animal castrado, do pecuarista Anore Rubayat, de Mato Grosso do Sul; a fêmea, da Agropecuária Maggi. O nelore em julgamento concorreu em duas categorias, animais castrados e inteiros. O primeiro vencedor foi da Agropecuária Basso, de Mato Grosso, e o segundo, do pecuarista Antônio Luiz de Castro, também de Rondonópolis.

No julgamento da raça piemontês, o animal castrado premiado foi da Agropecuária Superga S/A, do Mato Grosso do Sul. O hereford premiado inteiro é de propriedade da Agropecuária Basso, enquanto que o charolês fêmea premiado foi da Agropecuária Três Saltos, do Mato Grosso. A Agropecuária Basso também ficou com a premiação do limousin fêmea.

Os animais classificados e destinados ao abate técnico em frigorífico fo-

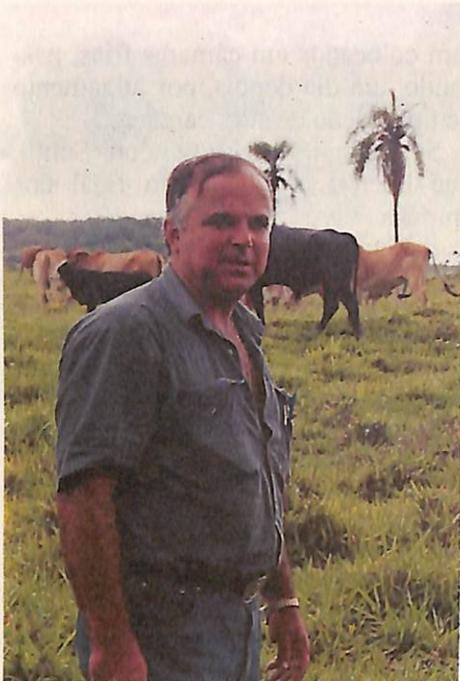
ram colocados em câmaras frias, passando, um dia depois, por julgamento de tipificação de suas carcaças.

Segundo o juiz Raymond Smith, que liderou o julgamento final dos animais vivos e das carcaças, os exemplares expostos apresentaram-se com tipificação suficiente para serem comercializados no mercado europeu, assim como nos Estados Unidos e Japão. No entanto, ele ressaltou que o maior entrave para o acesso a esses mercados continua sendo o “baixo nível sanitário do rebanho brasileiro”.

De acordo com Smith, é vital para a pecuária do País um combate efetivo contra doenças, como aftosa e brucelose, e controle residual químico. Pelo que observou no Centro-Oeste, e que pode refletir a situação da pecuária nacional, em muito pouco tempo o Brasil será um dos maiores fornecedores de carnes especiais para mercados exigentes. Programas como o novilho precoce são reflexo da preocupação da pecuária brasileira em adaptar-se a esses mercados e obter um rígido controle da questão sanitária, imprescindível para as exportações.



Novilho precoce: carcaças que atendem até ao padrão europeu



Adolfo Vieira, do Sindicato Rural: "A feira superou as expectativas"

Governo do Estado dá combate sem tréguas à febre aftosa

Aftosa — O presidente do Instituto de Defesa Animal, Paulo Antônio Costa Bilego, informou que continua forte o programa de combate à febre aftosa no Estado. "A descoberta de novos focos da doença, nas vésperas da inauguração da Exposul foi casual, e poderia ter acontecido em qualquer da-



ta", completou. No entanto, o Mato Grosso vem conseguindo diminuir a propagação da doença, e o número de focos vem se reduzindo nos últimos anos.

Pelos dados do Indea, de janeiro até o final de março foram detectados 16 focos em todo o Estado, sendo que seis localizados na região de Rondonópolis. Em 1993, o total de focos foi de 60, o que significa mais de 60% inferior ao número registrado no ano anterior,

que havia atingido 156. "Isso demonstra que o trabalho tem surtido efeito", afirma Bilego. Segundo o Indea, a partir do ano 2000 o problema da aftosa já deverá estar sendo superado no Brasil.

À época da Exposul, os animais localizados nas imediações foram todos vacinados, num raio entre 25 e 30 quilômetros. De acordo com o presidente do Indea, foram aplicadas mais de 10 mil doses de vacinas naqueles dias.



- SEM TRAUMAS
- SEM MOVIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS
- SEM MÃO DE OBRA
- SEM ACIDENTES
- SEM INTRANQUILIDADE, IRRITABILIDADE E "STRESS"
- SEM PERDA DE PESO

DESVERMINAR O REBANHO SEM PERDAS E SEM TRABALHO

BIOSAL-VERM

EIS A REVOLUÇÃO!

VERMIFUGO *
MINERALIZADO
COMPACTADO
PARA RUMINANTES

* ALBENDAZOLE



SÃO PAULO : Rua da Consolação, 57 - 5º andar - Caixa Postal 9054 - Tel.: 231-4100 (PBX) - Fax: (011) 231-4798
 PORTO ALEGRE : Rua Dona Margarida, 1211 - Caixa Postal 2521 - Tels.: 343-1544 / 343-1050 - Fax: (051) 343-1544

Desenvolvimento passa pelo zebu



A união dos pecuaristas do Rio Miranda prova que é viável alavancar a economia da região

Najar Tubino

A última quinta-feira de cada mês é sagrada, para os pecuaristas da Associação Rural do Vale do Rio Miranda, no Mato Grosso do Sul: nesta data, lá estarão eles leiloando o seu gado de corte. E não foi diferente no final de março, quando as 1.500 cabeças arrematadas chegaram a render mais de US\$ 200 mil. Mas, para transformar um local distante dos grandes centros e carente de estradas num *point* da pecuária, só mesmo a mão de homens determinados, como o empresário Wladimir Zacarias, que retomou a presidência da associação, transformando-a na entidade mais poderosa, sob o ponto de vista econômico, na região.

O empresário, dono da Rede de Pneus Zacarias e da Só Ovos, é apenas um dos exemplos de produtores que conseguiram alavancar a economia de Miranda, considerada a porta

de entrada do Pantanal. Como ele, também os dirigentes de grandes grupos econômicos do País apostaram suas fichas naquele imenso verde. É o caso dos grupos Ometo, Votorantim e Bradesco, que criaram a Fazenda Bodoquena, com 250 mil hectares.

A fazenda cresceu tanto que conquistou a independência financeira das empresas que a criaram, na década de 70. De lá para cá, a Bodoquena consegue manter um rebanho estacionário de 85.000 cabeças e 3.000 cavalos, a maioria da raça crioula. O plantel de crioulos, aliás, já conta com a genética de BT Salitre (ganhador de um Freio de Ouro, comprado por US\$ 15 mil). Anualmente, a fazenda abate nada menos do que 20.000 cabeças de gado azebuado e se utiliza, na reposição do plantel, da melhor tecnologia disponível em pecuária em qualquer canto do País: controle de reproduto-

res e fêmeas, balança eletrônica, sêmen de qualidade, etc.

Todo esse controle da criação, no entanto, ainda não chegou às demais propriedades da região, separadas por imensos verdes e ligadas, em grande parte, por vias fluviais e pequenos aviões. Tanto é assim que ainda não se sabe, com precisão, qual o volume de gado que circula no Pantanal. As estatísticas mais lúcidas apontam algo em torno de 2 milhões de cabeças, que fazem o tradicional sobe-e-desce, anualmente, em função das enchentes.

Tal quadro deixa a descoberto, à primeira vista, uma certa interrogação sobre o controle da aftosa naquela região, o que vem dando dores de cabeça nos dirigentes da Associação Rural. Por isso, os empresários estão firmemente decididos a acabar com a doença e voltar a exportar carne. 

Conciliar os interesses do capital e do trabalho não é tarefa para qualquer um. O Grupo SLC, no entanto, conseguiu um modus operandi que faculta aos trabalhadores a participação nos lucros do empreendimento. Com isso, crescem a produção, a produtividade, e melhoram-se as condições de vida como um todo nesse interiorzão do Brasil

Monica Martinez Luduvig

Uma ilha de prosperidade num mar de cerrado



A conquista do Centro-Oeste brasileiro revelou uma região de solo argiloso e topografia, que, com a introdução da mecanização agrícola, tornou-se, por excelência, importante celeiro de grãos do País. A mais de 800 metros acima do nível do mar, num ponto privilegiado, em que não há histórico de falta de chuva, encontra-se a Fazenda Planalto. Com área total de 15.750 hectares, localiza-se no município de Costa Rica, distante 400 quilômetros de

Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, quase na divisa com Goiás. A Planalto é considerada, em volume e produção, a fazenda mais representativa da Agropecuária Schneider Logemann Ltda., uma empresa da *holding* da qual também faz parte a SLC Indústria e Comércio, tradicional fabricante de colheitadeiras do Rio Grande do Sul.

O segmento agropecuário do grupo engloba mais cinco propriedades estrategicamente distribuídas pelo País:



Fotos: Marcos Mizzi

duas no Rio Grande do Sul (Coronel Bicaco e Tucunduva), uma em Goiás (Lousiania), uma no Maranhão (Balsas), e o mais novo empreendimento do ramo, a Fazenda Planorte, em Campo Novo dos Parecis, em Mato Grosso. No total, estarão plantando 25 mil hectares para a safra 94/95, e a estimativa é que essa cifra dobre na virada do milênio.

A Fazenda Planalto, adquirida pelo grupo em 1985, tem, atualmente, 9.665 hectares de soja e 2.208 hecta-

res de milho, bem como 50 hectares dedicados a pesquisa própria e em conjunto com a Empresa de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul (Empaer).

“A vocação de nossa fazenda é a agricultura”, ressalta Luiz Fernando Schuch, gerente da Planalto. Colhendo uma safra anual (“Fizemos tentativas com a safrinha, mas chegamos à conclusão de que é melhor ter uma única safra”), a Planalto apresenta índices de produtividade muito mais ex-

pressivos do que a média brasileira: são 57 sacos de soja e 126 de milho extraídos, por hectare. “Já chegamos a colher 68 sacos de soja e 159 de milho”, orgulha-se Schuch.

Os resultados, considerados excelentes, devem-se muito ao nível técnico da equipe, à tecnologia empregada, ao manejo de solo, à rotação de cultura, à utilização de variedades de grande potencial produtivo e ao emprego de variedades resistentes às principais doenças da lavoura. Atualmente, 42% da área é cultivada com a variedade seriema, 30%, com savana, 17%, emgopa, 6%, cristalina, e o restante com outros tipos.

Cinqüenta hectares são reservados exclusivamente para a pesquisa

Plantio direto — Os nove anos de experiência da fazenda levaram à adoção do preparo mínimo, considerado um passo intermediário entre o processo tradicional e o plantio direto. Os 39 tratores (o maquinário total conta com 24 colheitadeiras, 19 plantadeiras e 18 veículos, entre caminhões, kombis e carros) tocam o preparo do solo de maneira diferenciada. “Procuramos sempre ter muito cuidado com a umidade do solo. Buscamos trabalhá-lo em condições favoráveis, nem muito seco, nem muito úmido, dentro do sistema de preparo reduzido”, salienta Schuch.

As ervas que nascem do solo gradeado são dessecadas, e o cultivo mínimo é feito sobre a massa verde. Este ano, o plantio direto representou apenas 5% das terras cultivadas, mas a estimativa é que a área total passe gradualmente a ser trabalhada nesse sistema.)

Dos 50 hectares de pesquisa, realizada em nível de lavoura, brotam experimentos representativos e aplicáveis à realidade. Um deles está sendo a avaliação de culturas com potencial



Schuch, o gerente: "Nossa vocação é a agricultura"

para formação de palhada, que servirá como proteção de solo no inverno e como cobertura para plantio direto na safra de verão. Das nove espécies pesquisadas (guandu, crotalária, júncea, girassol, nabo forrageiro, milheto, sorgo, aveia-preta e milho), o milheto tem se revelado a mais promissora. "É uma cultura tropical que, por ter bom sistema radicular, suporta bem o período de seca, propiciando também excelente reciclagem de nutrientes", explica Mário Reneu Gabe, agrônomo responsável pela propriedade. Além disso, o milheto apresenta bom mercado para ração e sementes.

Outra prática adotada tem sido a redução da população. De 350 mil a 400 mil plantas por hectare, hoje a cifra não excede a 350 mil pés. "Essa escolha já está revertendo em aumento de produtividade, pois a planta se torna mais resistente às doenças", justifica Gabe. A opção implica ainda a diminuição de gastos com sementes, que são utilizadas, atualmente, na proporção de 48kg/ha, contra a média de 80-100kg/ha, empregados hoje no Rio Grande do Sul, por exemplo. Outra medida eficaz é a utilização de sementes de qualidade com tratamento fúngico.

Agroquímicos — Os agrotóxicos são item oneroso no orçamento da soja em grande escala. Em 1993, por exemplo, eles foram responsáveis por gastos de US\$ 558 mil na propriedade. Gabe conta que já foram realizados testes com defensivos fisiológi-

cos de princípio ativo à base de difluzenuron. "Eles funcionam bem, mas ainda são caros, se comparados aos defensivos mais empregados", alega.

Ele lembra que os agrotóxicos devem ser aplicados buscando-se condições favoráveis de umidade do ar, para não haver volatilização do produto, de preferência com baixas temperaturas e ventos de não mais que 10 quilômetros por hora — o que leva a efetivar as aplicações de herbicidas geralmente à noite.

A cada ano, aplicam-se fertilizantes somente depois de serem realizadas novas análises de solo, com macro e micronutrientes, e também análise foliar. Informações a que são acrescentadas

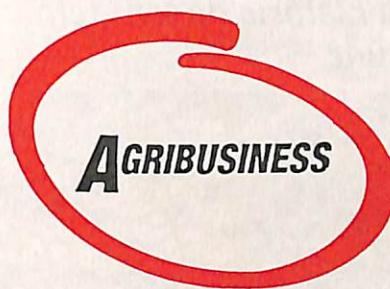
a produção obtida na última safra e a produtividade desejada. Essa é a equação que determina os níveis de nutrientes a colocar no próximo ano. Na safra 93/94, por exemplo, foram aplicados 390kg/ha da fórmula 0-25-20 com 2% de enxofre mais micronutrientes. A safra 94/95 deverá receber 0-25-25, para obter 57 sacos/ha de produtividade ou 3.420kg/ha, no caso da soja. O incremento de potássio, segundo o agrônomo responsável, é, devido, principalmente, à busca de maior resistência da planta às doenças.

Mais eficiente fazenda da Agropecuária Schneider Logemann Ltda., a Planalto enfrenta problemas com doenças à altura da magnitude de seus milhares de hectares cultivados. A mais temida, constatada em 91/92 em Minas Gerais, além de já ter sido rastreada em Goiás, Mato Grosso e, mais recentemente em São Paulo, é a do nematóide-do-cisto-da-soja, identificada em 1915 no Japão e, em 1952, nos Estados Unidos. Nesses países, apesar das altas cifras dispendidas com pesquisas, até hoje não foi encontrado nada efetivo para combatê-la além da rotação de cultura, um paliativo com o fim de evitar proporções epidêmicas.

No combate a essa e outras doenças (como cancro-da-haste, mancha olho-de-rã e a antracnose), pragas (lagarta-da-soja e percevejo) e doenças fúngicas de final de ciclo, a fazenda está investido seriamente na rotação de cultura, principalmente na dobradiça soja/milho. O que acaba le- ▶



Visão social: crianças em idade escolar têm até microônibus



Em julho de 1989, A GRANJA inaugurou em suas páginas uma seção permanente, usando em seu cabeçalho um termo que na época causou algum espanto: *agribusiness*.

Pela primeira vez, o conceito de *agribusiness* começou a ser usado de maneira didática e permanente na mídia impressa do Brasil.

Neste sentido, A GRANJA apenas dá continuação à sua tradição de sempre ser a primeira a mostrar novidades, novos conceitos, novos posicionamentos, novas fronteiras. A GRANJA sempre foi e será um veículo de conteúdo altamente inovador.





Criação extensiva: a base ainda é a braquiária

As metas visadas são antecipar a idade de entoure para dezoito meses e obter machos 1/2 sangue nelore prontos para o abate aos 18 meses em confinamento ou 30 meses a campo —

contra os 36 meses necessários hoje em dia — com média de 16 arrobas e melhor aproveitamento de carcaça. Espera-se também obter fêmeas mais férteis, precoces e com melhor habili-

dade materna, o que influi no maior peso do bezerro na hora da desmama.

Nesse programa de inseminação, o entoure é reduzido para 65 dias por ano, contra a monta natural atualmente empregada, cujo controle é realizado da metade de outubro a março, quando os touros seguem para pasto à parte. Prevê-se o incremento na taxa de natalidade, com o aproveitamento de todas as novilhas nascidas para inseminação e a obtenção de terneiros mais valorizados para a venda.

Na pecuária atual, o gado alimenta-se do pasto de braquiária, com suplementação no cocho de sal e premix, sendo administrada silagem durante as secas mais pronunciadas. O confinamento permitirá ainda o aproveitamento de resíduos na alimentação, otimizando os recursos. “É a experiência com este início de programa de inseminação que nos dará a amplitude do programa total, que estaremos implementando nos próximos anos”, justifica Schuch. 

PRODUTOR:

PLANEJE COM SEGURANÇA A COMERCIALIZAÇÃO DE SUA SAFRA.

SAFRAS & Mercado é o mais completo e isento sistema de informações, consultoria e planejamento agroeconômico do Brasil, desenvolvido de forma a assessorar permanentemente o moderno agribusiness brasileiro.

INFORMATIVOS DIÁRIOS DE MERCADO

Todos os dias na primeira hora da manhã: Cotações, intenções de compradores e vendedores, negócios realizados e preços praticados, tendências do mercado, leilões, câmbio e indicadores econômicos em boletins especializados elaborados pela equipe de consultores e analistas de mercado de SAFRAS & Mercado. Via FAX.

RELATÓRIOS SEMANAIS E QUINZENAIS DE ANÁLISE AGROECONÔMICA

Completa avaliação agroeconômica da produção e do mercado, com investigação e análise das variáveis que influenciam os preços, a oferta e a demanda, previsões próprias de safras, tendências do mercado nacional e internacional, planejamento da produção e da comercialização, relações de troca, política agrícola e oportunidades de negócios e investimentos (soja, milho, arroz, carnes). Via Correio Aéreo.

Aproveite nossa promoção especial em URV

Preencha os dados e remeta-nos hoje mesmo. Se preferir, envie este via FAX e ganhe um brinde surpresa; ou ligue agora mesmo para um dos fones abaixo para maiores esclarecimentos ou para conhecer nossos demais produtos e opções de sistemas on line via computador, que incluem informações o dia todo e também acesso automático às bolsas de mercadorias ou de valores.

Assinale o seu interesse conforme as opções abaixo									
Diários					Semanal		Quinzenais		
<input type="checkbox"/> ARROZ	<input type="checkbox"/> SOJA	<input type="checkbox"/> BOI	<input type="checkbox"/> MILHO	<input type="checkbox"/> CARNES	<input type="checkbox"/> SOJA	<input type="checkbox"/> ARROZ	<input type="checkbox"/> MILHO	<input type="checkbox"/> CARNES	
<input type="checkbox"/> TRIGO	<input type="checkbox"/> ALGODÃO	<input type="checkbox"/> FEIJÃO	<input type="checkbox"/> CAFÉ						
Empresa/Nome: _____					Cargo: _____				
Endereço: _____			Caixa Postal: _____		FAX: _____				
Cidade: _____		Estado: _____		Fone(s): _____		CGC/CPF: _____			

SAFRAS
& Mercado

Tendências do Mercado Agrícola e Planejamento Agroeconômico.

Av. Otávio Rocha, 115 - 11º andar - Caixa Postal 10.338 - CEP 90020-140 - Porto Alegre - RS
Fones: (051) 224.7039 - (041) 234.5904 - (011) 889.8092 - (011) 884.7653 - FAX: (051) 224.9170 - (041) 234.6388 - (011) 884.8016

EXPO/LONDRINA



Foto: Divulgação

Cinco mil animais trocam de endereço

Os organizadores, desta vez, não tinham do que se queixar: o movimento de vendas surpreendeu até as expectativas mais otimistas.

Nas máquinas, o faturamento chegou a US\$ 6 milhões

Ana Paula Rodrigues

A 34ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, 28ª Nacional e 2ª Internacional conseguiu um faturamento bruto de US\$ 11 milhões, cifra que poderá chegar a US\$ 17 milhões com os negócios entabulados na feira.

O secretário da Agricultura e presidente da Sociedade Rural do Paraná,

José Carlos Tibúrcio, disse que os valores apurados “superam as melhores expectativas da diretoria” da entidade, que não esperava tamanho crescimento nos vários setores que compõem a feira.

Segundo José Carlos Tibúrcio, do total apurado US\$ 6 milhões referem-se à comercialização de carros nacio-

nais e importados, além de máquinas e equipamentos agrícolas; US\$ 2 milhões, a leilões de animais; US\$ 1 milhão, a material genético (sêmen e embriões) comercializado por 14 centrais de inseminação; US\$ 1 milhão, a setor de alimentos, e outros US\$ 1 milhão, ao segmento de diversões.

O secretário aponta um crescimen-

Raça simental entrou com o maior número de animais de elite em pista

to surpreendente de 40% no número de expositores no setor industrial, e de 35% no setor de animais, entre leiloados, julgados e comercializados, no período da exposição, o que demonstra que Londrina está se especializando e se tornando referência como banco genético da pecuária brasileira.

Em termos de público, o volume de pagantes mais que dobrou este ano, em relação ao ano passado, com 412 mil pessoas passando pelas bilheterias

do Parque de Exposições Ney Braga, contra 200 mil em 93, levando a diretoria da Sociedade Rural do Paraná a estimar em 850 mil o número de visitantes na 34ª Exposição, considerando crianças, não pagantes, excursões de escolas e criadores, além de expositores e credenciados.

José Carlos Tibúrcio observou ainda que não foi contabilizada a economia informal gerada pelo evento, que, nos 11 dias, empregou mais de 7 mil

trabalhadores dentro do parque.

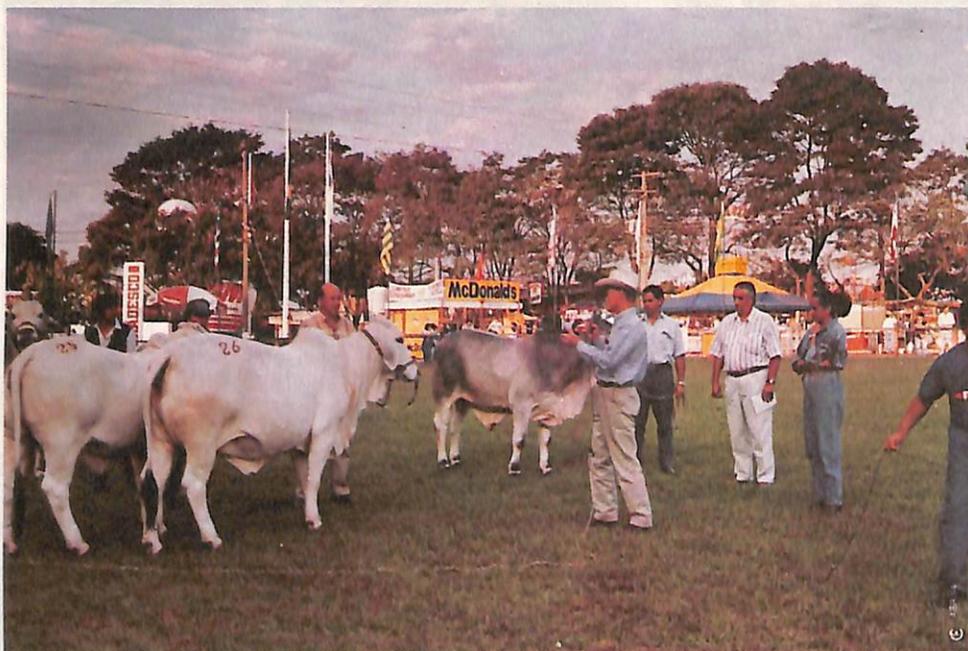
Como promoção de porte internacional, este ano estiveram presentes à feira dez representações de embaixadas e consulados de vários países, contra apenas dois em 93, e ainda comitivas de criadores da Argentina, Paraguai, Uruguai, Canadá e França, consolidando a exposição de Londrina como evento internacional de representatividade no setor.

Leilões — A comercialização de aproximadamente 5 mil animais, nos recintos de leilões do Parque Ney Braga, somou US\$ 2 milhões. Grandes momentos marcaram os remates da Expo/Londrina. O primeiro leilão, que foi o de gado de corte, ofertando 1.983 cabeças, bateu o recorde paranaense em volume de vendas e também o recorde da empresa leiloeira Programa Leilões, responsável pela organização dos remates realizados na Exposição.

O total comercializado nesse leilão atingiu US\$ 397 mil, e cada cabeça alcançou preço médio de US\$ 200. Aliás, a liquidez foi excelente nos leilões de gado para cria, recria e engorda. Nos três pregões de corte realizados posteriormente foram comercializados mais US\$ 465,578 mil, com o remate de aproximadamente 3.320 animais. Só os bovinos de corte movimentaram mais de 40% do total comercializado. A média geral de preço atingiu US\$ 200.

Os leilões de gado elite também apresentaram excelente liquidez, com a comercialização de 715 cabeças. Entre as raças européias, a melhor média de preço e o maior volume de vendas couberam ao gado limousin. Os 51 lotes ofertados alcançaram US\$ 204,5 mil, com preço médio de US\$ 4 mil por animal. As fêmeas foram os animais mais disputados, obtendo preço médio de US\$ 4,6 mil. Os machos custaram, em média, US\$ 2,9 mil. Os lotes melhor cotados foram os das fêmeas Hydra, de 28 meses, e Cannelle da JJ TE, de 17 meses, arrematadas, respectivamente, por US\$ 10,7 mil e US\$ 10 mil.

Outro grande destaque foi o remate de embriões marchigiana, onde a palavra de ordem foi tecnologia. Através dos avanços tecnológicos já é possível detectar, a partir do 65º dia de gestação, o sexo do embrião. O leilão, que apresentou quatro embriões sexados,



O estreado brahman: primeiro julgamento e leilão no Brasil



O consagrado simental: grande campeão e os criadores Luiz Turquino, Sinésio Venozzo, Jaime Moller (juiz) e Geraldo Rodrigues

mostrou que o criador quer saber exatamente o que está comprando.

Os embriões — todos fêmeas — foram arrematados por um preço médio de US\$ 5,09 mil, enquanto os outros seis, sem sexo definido, tiveram preço médio de US\$ 2,1 mil.

Entre os embriões com sexo definido, estavam duas fêmeas filhas da Zuca da Quatro Irmãos, a vaca mais premiada da raça no Brasil, que foram arrematadas por US\$ 7,014 mil cada.

No leilão de animais vivos marchigiana, as fêmeas foram outra vez disputadas do início ao fim do pregão. Elas alcançaram preço médio de US\$ 2,5 mil, e os machos, de US\$ 2,2 mil. O pregrão ofertou 56 animais. A liquidez foi total, alcançando um volume de comercialização de US\$ 120,1 mil, com preço médio de US\$ 2,1 mil. O animal mais cotado foi Inopia da Santana, 28 meses, arrematado por US\$ 5,5 mil.

O nelore, mais uma vez, comandou as vendas entre os zebuínos

Ainda entre as raças européias, a simental foi a que ofertou o maior número de animais elite, levando para a pista 86 cabeças, sendo 39 fêmeas e 47 machos. A matriz simental mais bem contada foi a Nadine da Primavera, de 20 meses, arrematada por US\$ 7 mil. O macho de maior cotação foi o animal Melhor TE da Santa Ignês, de 28 meses, adquirido por US\$ 5,8 mil. Os dois leilões simental — foram realizados um de macho e outro de fêmea — movimentaram US\$ 200 mil.

Destques zebuínos — A maior oferta de bovinos de elite ficou por conta das matrizes e reprodutores nelore, com 100 animais e comercialização de US\$ 125 mil. Foram realizados os leilões Nelore Integração, com um preço médio de US\$ 1,2 mil; Nelore Campo, com média de US\$ 833, e Nelorextra, com US\$ 1,6 mil por cabeça.

A raça brahman, que realizou o primeiro leilão no País durante a Expo/Londrina, obteve uma excelente receptividade. Foram arrematados 21 animais, somando um total de US\$ 33,1 mil. A média ficou em US\$ 1,5 mil, com o lote de maior cotação, o animal Pílagas 2174 MR Montana 66, de 35 meses, sendo arrematado por US\$ 5,4 mil. ■



Máquinas & parcerias aceleram negócios

Na esteira da pecuária, Londrina vem se consolidando como uma grande feira de negócios do agro. Só este setor, por exemplo, movimentou metade do faturamento: US\$ 6 milhões.

Argentinos voltam - Das delegações estrangeiras que visitaram Londrina, a da Argentina, certamente, foi uma das que saiu mais satisfeita. Os empresários daquele país conseguiram um compromisso oficial para instalação de um pavilhão exclusivo para a feira de 95. "Os empresários procuram parcerias, e os nossos países precisam complementar suas economias", destacou o cônsul argentino no Paraná, Jaime Berserman. A idéia do diplomata é trazer tecnologia em pecuária leiteira e ovinocultura, setores bem desenvolvidos no seu país.

Novidade salva a mandioca - Uma das sensações da Feira foi, sem dúvida, a apresentação de uma colheitadeira de mandioca, totalmente projetada na Alemanha e já testada a campo para as condições do Paraná. O equipamento foi trazido a Londrina pela Interplan (genética e tecnologia de ponta), de Itararé/SP, que promete comercializá-lo, em escala industrial, dentro de três meses. A representante da empresa no Brasil, Valda Camargo, revela que cada máquina deve

custar em torno de US\$ 10 mil. Ela garante que o equipamento é capaz de colher mandioca de 2 ou 3 hectares, em oito horas de trabalho, além de diminuir as perdas e danos do material colhido. O folheto da empresa informa que a colheitadeira corta e quebra a estrutura do solo em volta das plantas por meio de duas barras de ferro verticais e laterais e de um bico horizontal ajustado na base.

Trator versus soja - A soja, definitivamente, virou moeda nos estandes de máquinas agrícolas. E quem apostou alto nessa tendência foi a Transparaná, que vem fechando um grupo de 100 produtores com o seu Consórcio Nacional Massey Ferguson. O consórcio possibilita ao agricultor adquirir tratores modelo 290, de 85cv, pagando 260 sacas de soja a cada seis meses. A grande vantagem do plano, segundo o pessoal da área de vendas, é a opção do consorciado de adquirir um trator de maior valor, pagando a diferença. No caso de optar por uma máquina mais barata, o agricultor leva a diferença de preço em implementos agrícolas. O primeiro sorteio está marcado para o dia 13 deste mês e vai contemplar dez consorciados, que podem ter direito até a seguro, se aceitarem pagar 11 sacas a mais no semestre.

Negócios em ritmo de festa

Desta vez, a feira tem caráter internacional e testes a campo com máquinas e implementos

Luiz Fernando Boaz

Santa Rosa, distante 500 quilômetros da capital gaúcha, está em clima de festa. Ali vem acontecendo a 10ª Feira Nacional da Soja — Fenasoja, evento que iniciou no último dia 30 e se estende até 8 deste mês. Um público superior a 200 mil pessoas deve percorrer os 46 hectares do Parque Alfredo Leandro Carison, com mais de 400 expositores e sete pavilhões cobertos. A mostra é realizada desde 1966, sendo que, a cada edição, novidades são incorporadas. Neste ano, ela passou a ter caráter internacional, visando a efetivação do Mercosul, a partir de janeiro de 95. E, seguindo uma tendência das principais feiras mundiais, promove a 1ª Expodinâmica, onde a tecnologia de máquinas e equipamentos é demonstrada a campo, nas condições de trabalho.

A região noroeste do Rio Grande do Sul, na qual Santa Rosa e mais 54 municípios estão inseridos, responde por 30% da produção de soja gaúcha, de um total estimado em 6 milhões de toneladas. Com toda essa força em grãos, era natural que surgissem fabricantes de máquinas e implementos agrícolas, o que de fato ocorreu. Hoje, com a presença da SLC e Maxion, 70% das colheitadeiras automatizadas nacionais são produzidas por ali. E, no tocante a implementos, podem ser destacadas as empresas Semente, Fankhauser, entre outras. Além da mecanização, a pecuária é forte, pois é considerada a primeira



bacia leiteira do Estado, sendo responsável ainda por 39% da produção, abate e industrialização de suínos, com aproximadamente 1 milhão de animais.

Para o presidente da Fenasoja, Rogério Kerber, este ano há uma motivação toda especial para efetivar com

sucesso mais uma edição da mostra. “Estamos sentindo um estímulo maior em todos os segmentos, vindo em benefício e concretização dos negócios. Tudo isso provoca o incremento na produção, e, embora o aparente clima de festa, partimos firme para o lado comercial. Já o caráter internacional nos aproxima dos vizinhos e seus mercados. Por falar nisso, apenas em colheitadeiras, temos a informação de que 57% das vendas dentro da Argentina são de produtos brasileiros.”

Durante a Fenasoja, uma programação intensa vem sendo desenvolvida, com várias palestras técnicas, demonstrações de maquinário e shows. No aspecto tecnológico, o aporte é oferecido pela Embrapa, Emater e pelo Instituto Tecnológico Argentino. Outro ponto que merece destaque é o reconhecimento da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) de o evento ser de referência nacional para o setor de máquinas e implementos agrícolas.

Dentro do programa oficial, foram agendadas as seguintes palestras para o dia 4: sobre sanidade animal, a cargo de Tânia Maria de Paula Lira, secretária nacional de Defesa Sanitária Animal; o presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL), Frederico Durr, aborda a importância do leite no Mercosul; o ex-ministro Antônio Cabrera vai focar o agronegócio. No dia seguinte, é esperada a presença do ministro da Agricultura e Reforma Agrária, Sinval Guazelli.



Os spas também entram na onda naturalista

Os chamados pacientes vips pagam, e muito bem, para manter sua saúde de forma natural, sem os inconvenientes da alopatia. Muitos spas têm, inclusive, farmácia de manipulação própria

Carolina Bahia

Por todo o Brasil, o tratamento das doenças através de ervas medicinais está virando uma verdadeira mania. Em tempos de altas desenfreadas nos preços dos remédios, o trabalho do Movimento Comunitário Saúde Natureza, que atua no Rio de Janeiro desde 1988, tem alcançado bons resultados. Através da utilização de remédios à base de plantas, o farmacêutico e presidente da entidade, Marcos Sporn, promete curar a população com receitas que custam três vezes menos do que as indicadas pela medicina tradicional. Os resultados? Não poderiam ser mais eficientes. Segundo Sporn, 95% dos pacientes ficam curados. Entretanto, se esses chás e tinturas são uma solução para a população de baixa renda, para a classe alta é uma opção. Essa, paga para viver melhor.

Só no ano passado, foram distribuídas 15 mil unidades à comunidade carente da capital. As pessoas que se dirigem ao Hospital Paulino Werneck, na Ilha do Governador, geralmente saem de lá com uma receita "fitoterápica", e o remédio, gratuito, debaixo do braço. Ao todo, são oito voluntários trabalhando, entre agrônomos e biólogos, mais alguns médicos fitoterapeutas. Nesse caso, aos agrônomos cabe o papel de ensinar às escolas públicas o modo correto de cultivar as ervas. E é daí que sai a fonte de matéria-prima barata para os remédios.

Só que Sporn, além de ajudar os necessitados, possui a sua Farmácia de Manipulação. Lá, ervas, tinturas, chás, misturas, são comercializados. E o público fiel mora na zona sul do Rio de Janeiro. São pessoas de classe alta que optaram por um modo de vida

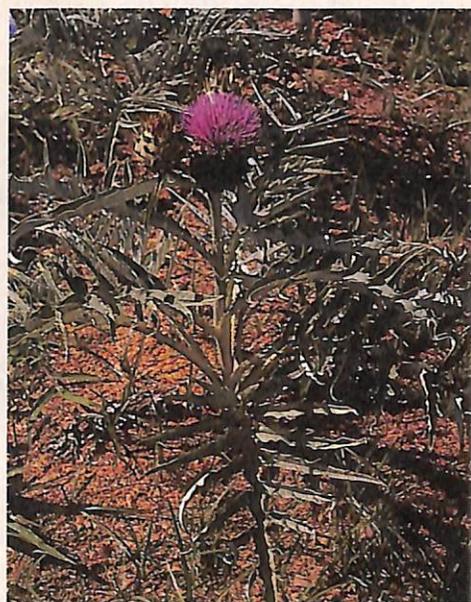
mais saudável e acreditam no poder curativo das plantas.

Ervas nos spas — Os pacientes "vips", nos spas especializados em saúde e estética, estão sendo tratados com marcela, guaco, alecrim e outras ervas bem conhecidas pelo povão. No Rio Grande do Sul, em Gramado, a 116 quilômetros de Porto Alegre, o Kur Hotel, que trata dos artistas mais famosos do Brasil, não abre mão dos medicamentos naturais, desde que passem por rigorosas seleções e pesquisas científicas quanto a seus efeitos. O próprio hotel possui uma farmácia que atende aos consumidores em geral. Lá, são encontrados mais de 20 diferentes tipos de produtos. Porém, mesmo trabalhando preferentemente com ervas, o spa não deixa de medicar os seus pacientes com antibióticos, quando necessário.

Alcachofra (*Cynara scolimus*)

Atualmente, a maneira mais comum de se encontrar a alcachofra é em cápsulas, devidamente embalada e rotulada para a comercialização nas farmácias e supermercados. Indicada para os problemas digestivos, pode até ser um bom remédio para a ressaca.

Na sua forma natural, apresenta folhas grandes, de cor acinzentada e sabor amargo. A propagação se dá por sementes ou por mudas nascidas na base da planta, as quais devem ser plantadas no outono/inverno, para florescer no verão. O espaçamento ideal é de 1,20 a 1,50 metro entre linhas e



Fotos: Luiz Fernando Lemmerz

1,20 metro entre as plantas. Gasta-se ao redor de 50 gramas de sementes para plantar um hectare. As mudas são preparadas antes, em viveiro.

A alcachofra prefere os climas temperados-quentes, entretanto as altas temperaturas do verão propiciam o aparecimento de pragas e doenças. No planalto, o ideal é que se proteja o solo com uma cobertura morta. Os solos profundos, ricos e drenados são os mais recomendáveis. Para fins medicinais, devem ser colhidas as folhas, à medida que se apresentem com o máximo de crescimento. O rendimento fica em torno de 3.000 a 3.500 quilos de folhas frescas por hectare.





Maracujá (*Passiflora edulis*)

O maracujá é conhecido por suas propriedades calmantes, sendo encontrado inclusive sob a forma de xaropes. É uma planta trepadeira, perene, que se propaga através de sementes. As mudas são feitas em sacos plásticos, à meia sombra, e transplantadas quando atingirem aproximadamente 20 centímetros.

Depois da sementeira em estufas, que dura mais ou menos de março a setembro, o transplante não pode passar da primavera. A condução é em espaldeiras (cercas). O espaçamento fica em 4 metros entre as cercas e 2,5 entre as plantas. O clima ideal para o maracujá é de tropical a subtropical, com boas chuvas, bem distribuídas, especialmente durante a frutificação.

Essa planta gosta de solos areno-argilosos e até argilosos, ricos em matérias orgânicas. Os solos sujeitos a encharcamentos devem ser evitados, pois podem causar doenças fúngicas, levando ao apodrecimento das raízes.

Para efeito medicinal, é indicada a colheita de flores e folhas. As folhas, de setembro a fins de maio, e as flores e frutos, de novembro a maio. Quem quiser o fruto do maracujá, que produz também um suco muito nutritivo, deve colhê-lo quando adquire um tom amarelo-limão ou se desprende do pé. A produtividade é boa. Inicia, geralmente, com 8.000 quilos/hectare, aumentando, no segundo ano, para 20.000 quilos/hectare. A mistura do maracujá com erva-cidreira, na medida certa, pode servir de excelente calmante, especialmente para problemas de insônia.

Confrei (*Symphytum officinalis*)

O confrei não pode ser ingerido de maneira nenhuma. Isso quer dizer: desista dos chazinhos dessa erva; caso contrário, poderá estar provocando até uma hemorragia interna. Entretanto,



sob a forma de pomada, ela é capaz de milagres no tratamento da pele, principalmente no caso de queimaduras. Em alguns hospitais no Rio de Janeiro, o medicamento tem sido usado com sucesso no tratamento de queimados.

Típico das zonas frias, seu cultivo também é possível nos climas temperados e subtropicais. Propaga-se através de touceiras, estacas de raízes ou de folhas. Não existem sementes no Brasil. O espaçamento fica entre 80 centímetros e 1 metro entre as linhas. Cerca de 50 e 80 centímetros, entre as plantas na linha. A colheita das folhas é feita no segundo ano e, das raízes, do segundo ou terceiro ano em diante. Das raízes e folhas fabricam-se as pomadas cicatrizantes. 

SEMENTES DE FORRAGEIRAS

- FORRAG. VERÃO E INVERNO
- ADUBOS VERDE
- SORGO FORRAG.
- MILHO CARGILL
- SORGO GRANIF.

 **Agro Natura** SEMENTES

BR 116 - km 284 - Eldorado do Sul - RS
Rua Vitor Valpirio, 705 - B. Anchieta - POA
Fone/Fax (051) 343-7575

COMUNICAÇÃO RURAL

■ ATÉ ONDE O TELEFONE NÃO CHEGA ■
TELEFONIA MONOCANAL
TELEFONIA CELULAR - RÁDIO VHF/UHF

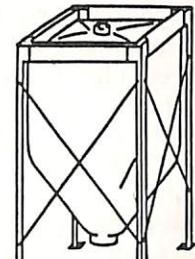
★ Produtos com tecnologia padrão Internacional ★
Aprovados pelo SENACOM

ESTAMOS CADASTRANDO REPRESENTANTES

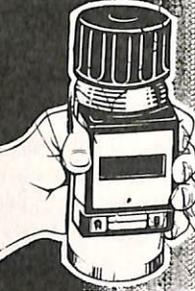
Q-TEL Q-ONE IND. ELETRO-ELETRÔNICA LTDA.
FONE (011) 491 7010 - FAX (011) 491 2869
R. PIRASSUNUNGA, 93 - CEP - 06780-150 - TABOÃO DA SERRA - SP

MEDIDOR UMIDADE **SILO-25 ton**

SASO-35 COM PONTEIRO **485 URVs**
SASO-55 DIGITAL **657 URVs**



EM **LONA** DE TREVIRA PARA **RAÇÕES. CEREAIS.**
VOCÊ MESMO MONTA EM 3 HORAS **BAIXO CUSTO**
PROCURA-SE DISTRIBUIDOR



VALSAN R. Sergipe, 475 - 6 A - CEP 01272-900
Tel: (011) 256 0855 - Fax: (011) 214 8060

NEWMAQ

FAÇA FENO!
Um ótimo negócio.

Conjuntos de Fenação nacionais e importados, novos e usados, peças, assistência técnica e fios de sisal para enfardadores.

SODE - NOGUEIRA - MAINERO
NEW HOLLAND - MENEGAZ - SEMEATO

FALE COM QUEM ENTENDE
Newmaq Comércio e Representações Ltda.
Fones: (011) 34 7704 - Fone/Fax: (011) 35 2913

PARA ANUNCIAR AQUI **DISQUE**

RIO GRANDE DO SUL E

SANTA CATARINA (051) 223 1822
PARANÁ (041) 253 3137
SÃO PAULO (011) 220 0488
RIO DE JANEIRO (021) 256 8724
BRASÍLIA (061) 225 6248 e 225 5934

SEMENTES FISCALIZADAS. QUEM LEVA O ASSUNTO A SÉRIO, LEVA CRA.

Forrageiras • Cereais • Hortaliças • Análise Laboratorial

CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS, Estrada da Arroezeira, 90
Fone (051) 481 3377 - Fax (051) 481 3838 Cxp. 30 CEP 92990-000 Eldorado do Sul RS



Semente é o nosso chão

FORMA D

MANGA

Mosca-da-fruta não vai mais tirar o sono de japoneses

Jorge Duarte

A manga brasileira pode entrar no fechado mercado japonês de frutas *in natura*. Para conseguir isso, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), através de seu Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura Tropical (CNPMPF) — Cruz das Almas/BA, estabeleceu um contrato com a Valexport, empresa que reúne 38 associações, cooperativas e empresas para desenvolver uma técnica que permita o atendimento aos rígidos padrões de qualidade japoneses.

A Valexport está investindo US\$ 250 mil em financiamento da pesquisa, compra de aparelhos, computadores e até alimentação para insetos, para que a Embrapa/CNPMPF estabeleça o padrão de tratamento que garanta a eliminação completa da chamada mosca-da-fruta. A mosca põe seus ovos no fruto, e os importadores querem a garantia de que as mangas não introduzam a praga em outros países.

Não há uma estimativa oficial de quanto pode render o mercado japonês, mas hoje as exportações de manga apenas para a Europa rendem cerca de US\$ 25 milhões, com o envio de cerca de 20 mil to-



Se a praga for controlada, o novo mercado pode ser ainda maior que o da Europa. Por isso, a Embrapa já entrou em campo para ajudar o produtor

neladas anuais. Os empresários do setor estimam que o potencial seja ainda superior no Japão.

Tratamento hidrotérmico: é por aqui que o Brasil vai abrir novos mercados

O tratamento hidrotérmico, à base de imersão dos frutos em água quente, foi desenvolvido pela Embrapa/CNPMPF e o Laboratório de Mosca-das-Frutas da Universidade de São Paulo, a partir da suspensão das importações pelos Estados Uni-

dos, em 1987. O motivo é que o tratamento anterior, à base de dibrometo de etileno, foi considerado cancerígeno. Com apenas uma etapa, o novo sistema possibilitou a abertura do mercado americano há cerca de três anos, mas ainda foi insuficiente para atender o japonês, que exige três fases.

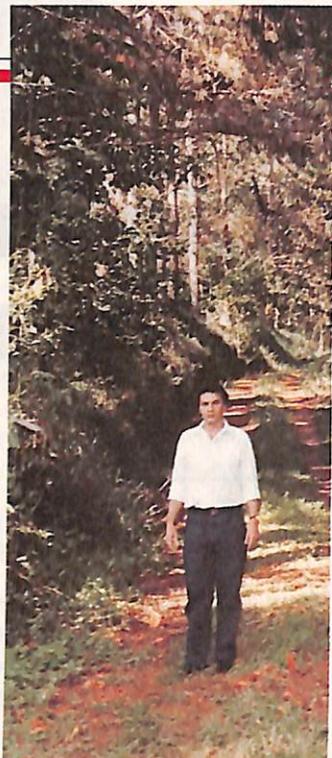
O pesquisador Antônio Nascimento explica que outro objetivo do trabalho é permitir o aproveitamento de 30% da produção de manga, que hoje não pode ser exportada porque possui peso acima do ideal para o tratamento. O estabelecimento de um tempo menor para o tratamento hidrotérmico, que seria reduzido de 90 para 75 minutos, representaria um ganho adicional para a indústria e maior aceitabilidade dos frutos produzidos.

O presidente da Valexport, Aristeu Chaves, diz estar satisfeito com os resultados obtidos. “Esta parceria com a Embrapa está dando certo. Conseguimos, juntamente com a USP, abrir os mercados americano e europeu, realizamos o levantamento completo da mosca-da-fruta no Nordeste brasileiro e há a expectativa de entrar no difícil mercado japonês. Temos, agora, produtos mais saudáveis e competitivos”. 

Embrapa

São Paulo quer dar um salto na fruticultura

Positivamente, o secretário de Agricultura de São Paulo está decidido a reorganizar o setor de fruticultura daquele Estado e torná-lo mais competitivo no mercado internacional. Com esse objetivo, Roberto Rodrigues vem articulando o apoio do setor frutícola, para uma ofensiva em várias frentes: estudo de viabilidade econômica, pesquisa de novos cultivares, desburocratização do comércio e investimentos em infra-estrutura básica. O primeiro passo foi a criação da Câmara Setorial de Fruticultura, que vai ouvir desde o produtor até o industrial. A meta final de Rodrigues é elevar as exportações anuais brasileiras de frutas in natura dos atuais US\$ 132 milhões para US\$ 1 bilhão, num prazo de sete anos.



Um grande defensor das florestas

O professor Elias Silva, da área de Recursos Naturais da Universidade Federal de Viçosa/MG, é o que pode ser considerado um defensor da silvicultura. Depois de estudar a fundo a questão ambiental no enfoque de florestamento/reflorestamento, ele catalogou 96 medidas para amenizar os impactos no setor. Entre elas, estão a melhoria da diversidade biológica e da qualidade de vida nas regiões de exploração, a reavaliação dos modelos de extração de madeira e a integração de objetivos ecológicos aos econômicos. O estudo de viabilidade elaborado pelo técnico é aplicável em qualquer ponto do País. O que possibilita ao Brasil chegar aos 16 milhões de hectares com este tipo de cultivo, até o ano 2000.

Governo vem escondendo até o dinheiro do café

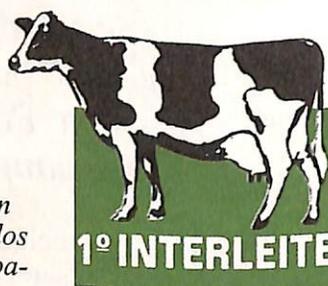
Efetivamente, o Ministério da Indústria e Comércio está inviabilizando a pesquisa do café no País, ao não liberar US\$ 5 milhões para a alavancagem do setor no próximo quinquênio. A denúncia partiu do agrônomo Florindo Dalberto, do Instituto Agrônomo do Paraná, durante o Simpósio Internacional de Café Adensado, realizado recentemente em Londrina/PR. O pedido de recursos, segundo ele, foi apresentado há mais de um ano, pelos técnicos integrantes do Consórcio Brasileiro de Pesquisa Cafeeira



Imprensa livre no agribusiness

Em cerimônia realizada em Porto Alegre, a Associação Riograndense de Imprensa (ARI) concedeu o título de colaborador emérito a Hugo Hoffmann, diretor-presidente de A Granja. A revista, no entender da ARI, vem cumprindo a contento seu papel na ampla liberdade de expressão, informação e divulgação, no Brasil todo. Afinal, são 50 anos lado a lado com o produtor rural.

Simpósio vai dar "leite"



Mesmo possuindo do um dos maiores rebanhos leiteiros do mundo — cerca de 18,5 milhões de cabeças —, o Brasil está entre os lanterinhas em termos de produtividade. Enquanto uma vaca mexicana produz anualmente cerca de 1.113kg, a brasileira estacionou nos parques 769kg/ano, o que coloca o País em paridade com criatórios sem nenhuma tradição no setor, como o do Irã, por exemplo. A fim

de debater essa e outras disparidades, está sendo organizado o 1º

Simpósio Internacional sobre Produção Intensiva de Leite, já conhecido como o 1º Interleite, no início de agosto, em São Paulo. Os organizadores esperam a visita dos maiores especialistas americanos e canadenses, que irão discutir desde aspectos genéticos até a produção final do leite. Informações pelo fone (011) 288-0972, ou pelo fax (011) 283-1532.



PD: só não entra nessa quem não quer

Agora, o produtor não tem mais desculpas para deixar de investir em plantio direto, nem mesmo com relação a máquinas. Quem anda fazendo o maior sucesso no berço do PD, os Campos Gerais, no Paraná, é o triturador Triton, fabricado pela Jan, de Não-Me-Toque/RS. Ele vem sendo recomendado pela maior autoridade do assunto no País, Manoel Henrique Pereira, o Seu Nonô, que preside a Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha.



Soja promete muito em 94

Técnicos, produtores, industriais e até o ex-ministro da Economia, Delfim Netto, discutiram o complexo soja em Porto Alegre, no início de abril. O quinto fórum nacional da

oleaginosa mostrou a preocupação com as doenças na lavoura, com a formação de parcerias comerciais e com a exclusão do setor do plano de estabilização do governo. Os especialistas também previram um segundo semestre "movimentado" para a commodity, principalmente em função dos baixos estoques norte-americanos. A grande novidade, no entanto, foi a idéia de se implantar uma bolsa só para a soja no âmbito do Mercosul, defendida pelo argentino Rogelio Ponto, da Bolsa de Comércio de Rosário.

As últimas fichas dos gaúchos

Quem está com a boca nas orelhas com a recuperação ascendente da safra gaúcha (23% da produção nacional de grãos) é o presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul. Hugo Giudice Paz, no entanto, tem uma explicação para esse avanço: "Os agricultores, descapitalizados, apostaram todas as suas fichas. Ou plantavam, ou quebravam de vez". Não foi desta vez, ainda, o crash.



Curtas

A CANADENSE Alta Genetics aproveitou a Feira de Londrina/PR para lançar o sistema de vendas de sêmen e embriões por cartão de crédito. A meta é aumentar em 20% as vendas, com esta modalidade.

OS CURSOS de capacitação do Senar e da Andef já formaram quase 100 instrutores para aplicação de defensivos no norte do Paraná, em 94. Os formados, por sua vez, devem treinar 40.000 aplicadores, até dezembro.

A COOPERATIVA Central Agrícola Sul Brasil, com 8.000 associados em sete Estados, está fechando as portas. A segunda maior produtora de hortaliças do País não suportou o peso das dívidas, avaliadas em US\$ 35 milhões.

Anote aí

O PRÊMIO Gerdau Melhores da Terra antecipou para 31 de maio o final do prazo de inscrições para os implementos agrícolas que concorrem na categoria Destaque. Para a categoria Novidade, foi fixada a data de 15 de julho. Os troféus serão entregues durante a próxima Expointer, em Esteio, que começa em agosto. Informações pelo fone (051) 254-4117.

O QUARTO Simpósio de Controle Biológico começa no dia 15/05, em Gramado/RS. A promoção da Embrapa prevê a realização de oito minicursos, 12 conferências, 11 mesas-redondas, seis painéis e um workshop. No total, serão discutidos 350 trabalhos científicos, de 25 países. Inscrições: fone (0532) 21-2122, ou fax 21-2121.

Agrishow'94

Cerca de 200 expositores estrangeiros e nacionais prometem movimentar negócios estimados em US\$ 300 milhões, durante a 1ª Feira de Tecnologia Agrícola em Ação, que começa no dia 4 de maio, em Ribeirão Preto/SP. São 108 hectares divididos entre es-

tandes e campos de demonstrações agrícolas, para produtos e serviços do agribusiness. Os interessados em participar do Agrishow'94 podem obter mais informações ligando para a Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), fone (011) 222-0666.

Os EUA querem recuperar terreno

Depois do choque do ano passado com as inundações nos Estados Unidos, que redundaram numa destruição da safra e, por consequência, dos estoques mundiais de grãos, é possível que tenhamos, este ano, um início de recuperação da normalidade da oferta. O caminho já está aberto pela boa produção sul-americana, especialmente de soja, que vem mostrando um volume recorde, superior a 38 milhões de toneladas. O Brasil, sozinho, no total de grãos produzidos, deve superar a casa dos 70 milhões de toneladas, com bom crescimento em relação ao ano anterior.

Mas os sinais mais importantes de uma possível recuperação da oferta vem dos Estados Unidos mesmo, responsáveis pela debacle passada. As primeiras intenções de plantio dos agricultores americanos mostram claramente uma tendência de crescimento em praticamente todas as principais culturas.

A área de plantio de soja deve crescer uns 3%, a de milho, mais de 7%, a de arroz, 13%, a de girassol, quase 17%. e a de algodão, 3%. São números preliminares, pois o plantio nem começou, mas já demonstram uma intenção muito clara de expansão, decorrente, em boa parte, da própria elevação dos preços mundiais dos grãos, como consequência dos reduzidos estoques atuais. Chama a atenção, todavia, o pouco incremento da área do milho. Esperava-se mais, até porque a situação dos estoques do produto é crítica, depois da quebra do ano passado, com uma redução de 40 milhões de toneladas na safra dos Estados Unidos.

Mas a definição da nova safra americana (e do Hemisfério Norte como um todo) depende de muita coisa, particularmente do clima daqui para a frente. Os meses de junho e julho são especialmente críticos, e até lá viveremos ainda à mercê de possíveis oscilações fortes nos preços. Isso é natural, eis que os estoques da temporada anterior estão se esgotando e chegarão, no fim do atual ano comercial,

aos seus níveis mais críticos dos últimos anos. A safra, portanto, precisa se recuperar, sob pena de vermos preços explodindo, em patamares não vistos desde o início da década de 70. É um momento crucial este que viveremos nos próximos dois ou três meses.

De olho nesses próximos meses estão os produtores brasileiros de soja, que ainda têm boa parcela da safra nas mãos e esperam colher algum proveito de eventuais anormalidades climáticas no decorrer do desenvolvimento da produção agrícola americana. É esperar para ver.

Brasil colhe boa safra

Enquanto isso, discute-se o tamanho da nova safra brasileira, atualmente em final de colheita. A principal dúvida é se ela é recorde ou não, o que importa pouco. O importante é que é uma boa safra, a terceira numa seqüência. A produção deve chegar a 70,8 milhões de toneladas. Embora um volume expressivo e 5% superior a 1993, ficaria abaixo da safra recorde de 1989, de 72 milhões de toneladas. O aumento da área cultivada, o clima predominantemente favorável, o maior investimento em tecnologia e os bons resultados esperados no Nordeste são os elementos básicos a permitir essa avaliação, apesar dos números serem ainda preliminares, principalmente quanto à safra nordestina e à safra de inverno.

Essa boa notícia vem em uma hora importante, pois poderá contribuir para a consolidação do plano de estabilização da economia, ao controlar os preços agrícolas e permitir um menor volume de importações.

Soja lidera o crescimento

O ganho de produção na soja é o destaque da safra de grãos em 1994 no Brasil, embora, em termos relati-

vos, tenha ficado abaixo dos 14% de crescimento estimados para o feijão e o algodão. No caso da soja, tivemos a perfeita combinação entre aumento da área cultivada em 7%, maiores investimentos nas lavouras e clima favorável em grande parte do cultivo, o que deverá confirmar novo recorde de produtividade. Os 31% colhidos recentemente vêm confirmado essa tendência, com obtenção de rendimentos médios acima do normal para o período e além do esperado. Os resultados preliminares estão trazendo a possibilidade, inclusive, de que a safra possa superar os 24,2 milhões de toneladas da estimativa atual. Com isso, o País deverá ficar livre da incômoda situação de importador de soja, como aconteceu em 92/93, e ainda garantir prováveis recordes em volume de exportação de grão e farelo, com receita estimada, nas vendas de todo o complexo, em US\$ 3.437 milhões, cerca de 15% acima dos US\$ 3.137 milhões de 1993.

Maiores divergências no milho

É justamente no milho onde residem as maiores diferenças entre os números de mercado e os oficiais. A estimativa mais realista é de 28,8 milhões de toneladas, abaixo das realizadas pela Conab e IBGE, mas mantendo coerência com o comportamento do mercado, com o fluxo de consumo e com os volumes de importações. Havendo uma produção superior a 31 milhões de toneladas, não seriam necessárias importações na casa das 800 mil toneladas, como é a previsão para o ano comercial 94/95. Em função do provável aumento de 3,5%, em relação ao ano passado, o abastecimento deverá ser tranquilo nesta temporada, diminuindo a necessidade de compras externas, que, em 1993, ficaram em torno de 1.200 mil toneladas.

Silmar C. Müller



Maçã amarga no PR

Pelo segundo ano consecutivo, os produtores de maçã do Paraná estão enfrentando preços baixos na hora de vender e altos custos na hora de trabalhar. Há casos de agricultores que chegam a desembolsar US\$ 4.000 no pomar e não conseguem mais de US\$ 1.000 no escoamento da safra. A disparidade entre custo e preço já provocou a erradicação de 25% dos pomares de Guarapuava, o maior produtor daquele Estado. Além dos atravessadores, os tradicionais culpados, os produtores ainda se queixam da baixa produtividade das macieiras, da falta de qualidade das frutas e dos altos custos pós-colheita. Segundo o presidente da Associação dos Fruticultores locais, Ralf Dengler, só o dinheiro gasto em classificação e armazenagem consome 25% do preço de uma maçã.



Caracol limpa o pomar

O caracol-rajado, também conhecido como caramujo do café, é a grande novidade no controle de cochonilhas, uma praga que suga tronco, ramos e folhas da laranjeira, reduzindo a produção em até 30%. Conforme os técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a presença de 20 a 100 caracóis por árvore

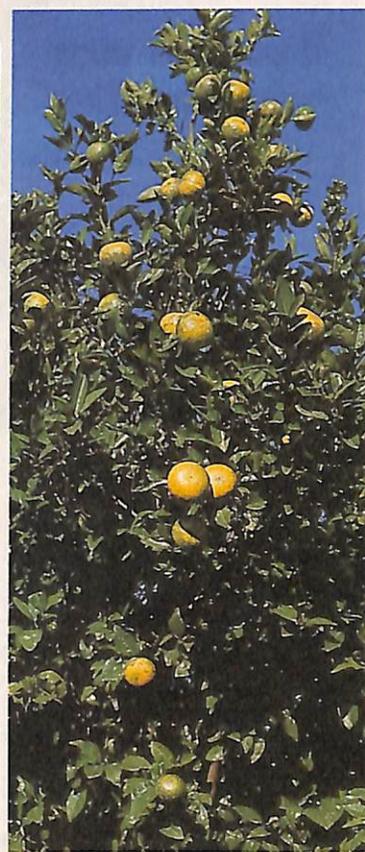
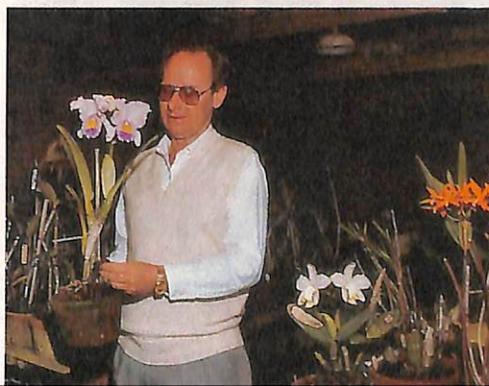
reduz em 80% as pragas, sem interferir no meio ambiente. É preciso, porém, escolher o caracol certo, para evitar novas dores de cabeça, com mais um problema. A cor desse especialista em "limpeza" é rajada, diferente das espécies brancas (comum em Sergipe) e *Auris* sp (da Bahia), que trazem prejuízos.

Uma "banana" para a sigatoka

O Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas/BA, trabalhou durante dez anos para produzir uma variedade de banana que fosse cultivada em todo o País e, ainda, resistisse à sigatoka-amarela, doença que pode quebrar em 50% a produção. O esforço, no entanto, valeu a pena. A variedade Pioneira ainda oferece um aumento de 10% a 20% no tamanho e peso do fruto, tem porte baixo (o que evita tombamento) e produz três meses antes do cultivar Prata Anã. Os bananicultores interessados podem solicitar mudas ou outras informações com o pesquisador Sebastião de Oliveira e Silva, pelo fone (075) 721-2120.

Banco de beleza

Botânicos brasileiros já conseguiram catalogar 250 espécies nativas de orquídeas na área do Distrito Federal. Todo o material genético está, agora, no banco de germoplasma do Jardim Botânico de Brasília, criado com a ajuda da Embrapa. A conservação e o estudo desses materiais permitirão que se crie tecnologias de cultivo para suprir o mercado de plantas ornamentais. Além disso, esse trabalho vai destruir o mito de que as orquídeas se dão bem apenas em áreas úmidas, o que não ocorre nos cerrados, onde a seca castiga a região por metade do ano.



Estrelinha ataca de novo

A safra paulista de laranja, estimada em 280 milhões de caixas (40,8 quilos cada uma) pode quebrar em até 20% devido à ação do fungo denominado *Goesporioides colletotrichum*. A previsão é dos agrônomos de Cordeirópolis/SP, preocupados com a expansão da doença, conhecida vulgarmente como estrelinha. Oriunda da América Central, a moléstia impede o desenvolvimento dos frutos, causando sua queda prematura. O agrônomo Francisco Laranjeira, do Instituto Agrônomo de Campinas, teme que a ocorrência de ventos e chuvas disseminem o mal por todos os pomares da região. Ele acredita que a única forma de deter o avanço da estrelinha é pulverizar as árvores ainda sadias, antes da abertura dos botões. Os técnicos, no entanto, estão divididos nessa questão: enquanto alguns recomendam pulverização com fungicidas à base de benomil, outros acham que o ideal é aplicar produtos à base de cobre.

O popular com base científica

A busca de tecnologias simples e baratas, para facilitar a vida do pequeno produtor, é uma constante na Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri), da Universidade de Campinas/SP. Essa linha de pesquisa tem contemplado a sabedoria popular, isto é, algumas convicções resultantes da vivência no meio rural são estudadas de forma científica e, se comprovada sua eficácia, passam a ser difundidas. O açafreão, por exemplo, é tido como repelente de insetos, a partir do que é percebido visualmente. Baseada nisso, a engenheira-agrônoma Andréa Barbosa Santos está desenvolvendo estudos — em nível de mestrado — sobre o efeito repelente do açafreão em insetos que atacam o milho. “O resultado será confirmado em breve, com a conclusão das análises estatísticas”, avalia Andréa.

Gafanhoto na mira da pesquisa

O pesquisador Bonifácio Magalhães, que trabalha no Centro Nacional de Recursos Genéticos, em Brasília/DF, persegue há dois anos uma forma de controlar biologicamente a praga do gafanhoto. Os estudos se concentram, basicamente, no desenvolvimento de bioinseticidas à base de microorganismos entomopatogênicos (que causam doenças em insetos), principalmente fungos. É que no Brasil, como no resto do mundo, o controle químico desta praga tem se apresentado problemático, pois estes produtos têm alta persistência no meio ambiente, o que depõe contra a ecologia. Pelos resultados de laboratório, até o momento, Magalhães acha possível chegar ao controle biológico de forma satisfatória, uma solução moderna que não agride o meio ambiente e nem torna os gafanhotos resistentes.



Geadas não derrubam eucalipto

O setor florestal ganhou uma bela alternativa de plantio com a espécie de eucalipto *dunni*, que apresenta grande tolerância à geada, um sério problema para os madeireiros da Região Sul. A opção, até então, era a *viminalis*, adotada com sucesso na fase de implantação, mas sensível às baixas temperaturas. O Centro Nacional de Pesquisa de Florestas (CNPFF), da Embrapa, há 15 anos vem trabalhando com a *dunni*, que, além de resistir ao frio, tem maior produtividade, rápido crescimento e tronco bastante reto, o que proporciona um melhor resultado na industrialização. Com todas essas vantagens, era natural que a demanda por mudas fosse elevada. No ano passado, o CNPFF ofereceu ao mercado cerca de 10 milhões, o que facilitou o acesso ao produtor. Outras informações pelo fone (041) 359-1313.

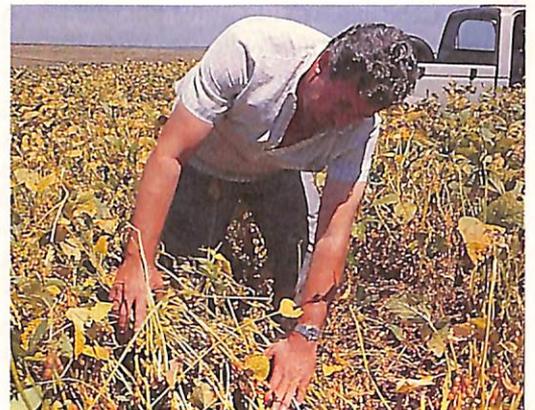
Mandioca do sertão

As cinco variedades de mandioca melhor adaptadas ao semi-árido nordestino foram identificadas por várias instituições de pesquisa, entre estas o Centro



Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura Tropical (CNPMPF), da Embrapa, na Bahia. Mais de mil tipos diferentes foram avaliados, sendo escolhidos os que apresentaram maior produção de raiz, resistência à seca e a doenças. Nada menos do que 70% do Nordeste se caracteriza pelo baixo índice de chuva, tornando vital a identificação de plantas fortes, que possam ser cultivadas em áreas marginais com boa produtividade.

A pesquisadora Wania Fukuda, do CNPMPF, explica que esse trabalho deve estar concluído em dois anos, mas já estão disponíveis os primeiros resultados positivos. “Em 93, foram distribuídas 800 mil manivas-sementes entre dez variedades de mandioca selecionadas para outros ecossistemas do País.”



Soja para diferentes épocas

Um novo cultivar de soja acaba de ser lançado pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). Trata-se do IAC-17, mais produtivo, resistente a pragas e doenças. Ele é indicado para a região da Alta Mogiana Paulista, zona em que se encontra a maior produção de soja do Estado, e deve substituir o IAS-5, que hoje ocupa 60% dessa área. A produtividade média alcançada com o IAC-17 é de 3.000kg/ha, 16% superior ao tradicional, não apresentando problemas de redução na altura das plantas, quando semeado em diferentes épocas. O IAC dispõe de 40 mil sacos de sementes para quem estiver interessado em avaliar pequenas áreas na propriedade, já na próxima safra. Maiores detalhes pelo fone (0192) 41-5110.



Um carocinho antieconômico

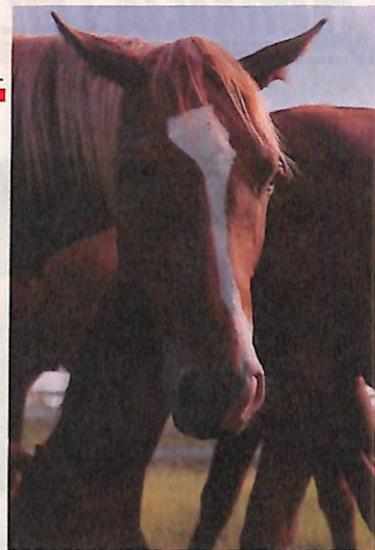
Uma doença de caprinos e ovinos denominada mal-do-caroco, conhecida nos meios científicos por linfadenite caseosa, é produzida por bactéria e causa enormes prejuízos aos criadores. A moléstia compromete a saúde dos animais, atingindo sua eficiência reprodutiva e ganho de peso, com o surgimento de abscessos ou caroços, que, na verdade, são acúmulos de pus nos gânglios superficiais ou internos. Em geral, os caroços localizam-se na região abaixo das orelhas, no pescoço, perto do queixo, paletas, vazio e virilha. Podem aparecer também no úbere e proximidades dos testículos. A bactéria, que penetra nos animais através de ferimentos, arranhões ou umbigo da cria recém-nascida, chega a ocasionar caroços entre o couro e a carne, ou mesmo atingir os órgãos internos, se configurando em pequenos ou grandes processos inflamatórios nos pulmões, fígado, rins ou baço.

O pesquisador Carlos Eugênio Soto Vidal, do Centro Nacional de Pesquisa de Caprinos (CNPIC), da Embrapa, em Sobral/CE, recomenda ao produtor que examine sempre os animais, tratando as feridas e arranhões com iodo e isolando aqueles que apresentarem caroços. Ao adquirir produtos de fora, esses devem ser mantidos separados por cerca de três meses, para só depois juntarem-se aos demais. “O momento ideal para abrir o absces-

so”, continua Vidal, “é quando começam a cair os pêlos de cima do caroco. Com um aparelho de barbear, eles são eliminados e, após o serviço, incinerados, para evitar os riscos de contaminação. Após, colocam-se iodo forte (solução a 10%) e repelente (mata-bicheira) em volta da ferida, a fim de impedir que as moscas iniciem uma bicheira. O animal deve ser mantido preso até que o local esteja cicatrizado”, finaliza.

Este curso ninguém quer

O bezerro está com febre alta (40°C a 41°C), sem apetite, olhos lacrimejantes, diarreia amarelo-clara em abundância? Muito cuidado, pois ele tem os sintomas da enfermidade conhecida por “curso-branco”. Essa moléstia origina um estado infeccioso em que o organismo apresenta um ou mais focos, caracterizando um quadro de septicemia, seguido de eliminação de fezes com forte mau cheiro, desidratação e exaustão. O passo seguinte é morte rápida. O curso-branco é provocado pela bactéria *Escherichia coli*, (a temível causadora da dor-de-barriga), a qual acaba invadindo o sangue e se reproduz com rapidez espantosa, principalmente nos primeiros dias de vida. O animal adoece porque ingeriu água ou alimentos contaminados por excreções de outros infectados. Para evitar esse problema, antes de mais nada, o pecuarista precisa se preocupar com as condições que oferece ao rebanho. As ideais são as seguintes: as vacas devem parir em locais limpos e secos; o cordão umbilical, desinfectado; não afastar o filhote da mãe nas primeiras 12 horas de vida, para que ele consiga mamar o colostro; evitar o contato com os doentes; por fim, proporcionar água e alimentação saudável.



Eficácia nacional

Nada menos do que 50% do rebanho equino paulista contraiu a encefalomielite, uma doença transmitida por mosquitos. A moléstia atinge o sistema nervoso e pode provocar até aborto. Por outro lado, o Instituto Biológico (IB), de São Paulo, através de uma técnica moderna, a partir do cultivo celular, está fabricando uma vacina de melhor qualidade e mínimos efeitos colaterais, produzida de ovos embrionários, caso da estrangeira. Segundo Ivane-te Kotait, pesquisadora do IB, a vacina desenvolvida aqui é compatível com a importada e tem a vantagem de custar até quatro vezes menos e, além disso, apresenta imunidade mais específica.

Na trincheira contra a fome

A silagem é um recurso que ajuda o produtor a amenizar problemas com a falta de alimento nos períodos críticos dos campos, tanto na seca como no inverno. Tal conservação de forragens, muito utilizada em bovinos de leite, requer certos cuidados, para que haja êxito no empreendimento.

O silo do tipo “trincheira” ainda é uma das melhores opções devido à facilidade em carregar-descarregar. Porém, muita atenção com a vedação, já que dela depende o sucesso do trabalho, bem como o teor de umidade do material a ser preservado, que deve representar entre 63% e 70% do peso total da planta. Informações junto à Emater ou Casas de Agricultura de sua região.



Lote de nelore mocho: garantia de bom preço em Uberaba

A meca do zebu entra no cenário mundial

A Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ) oficializou 29 leilões de elite nesta 60ª Exposição Nacional de Gado Zebu e 1ª Internacional das Raças Zebuínas, mostra que teve início no dia 25 de abril e se estende até o dia 10 deste mês. No ano passado, a Expozebu movimentou US\$ 6 milhões na comercialização de animais, e a expectativa atual é elevar tal valor, uma vez que o zebu leiteiro valorizou 10% na moeda americana. Entre as inúmeras novidades no evento, talvez a principal seja a presença

de 59 exemplares da raça brahman, procedentes dos EUA, Argentina e Paraguai. Além disso, 17 Estados brasileiros estão em Uberaba, superando em 21% as inscrições da edição anterior, o que consolida esta região mineira como a meca do zebu no Brasil.

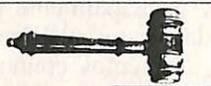
O regulamento ora adotado na Expozebu a qualifica como a mais exigente do gênero no País. Na categoria "Melhor Novilho Precoce", explicou Rômulo Kardec, presidente da ABCZ, somente foram admitidos animais com idade máxima de 18 meses e

peso mínimo de 450kg. Antes, era permitidos até 24 meses e 400kg. "O rigor na adoção de peso mínimo estimula a precocidade das raças. Hoje, não é possível pensar em zebu, sem levar em conta a sua função social, que é a de produzir alimentos. E a precocidade constitui um dos fatores que promovem o melhoramento do rebanho", arrematou Kardec.

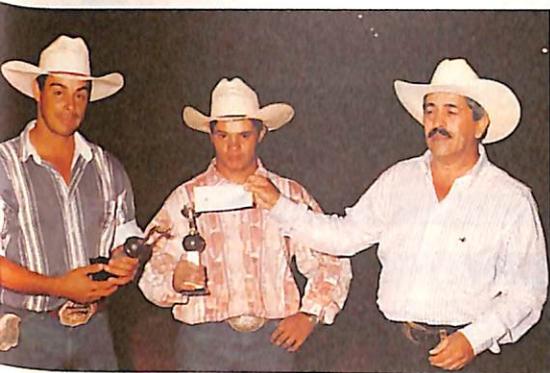
Exposições e feiras Nacionais

XXIII Exposição Estadual Agropecuária	02/5	Carapina/ES
LX Exposição Nacional do Gado Zebu	03/5	Uberaba/MG
I Expomuller 94	06/5	L. Muller/SC
XIX Feira Estadual de Bezerros	08/5	Clelândia/PR
XLIX Exposição Agropecuária	14/5	Goiânia/GO
XV Exposição Feira Agropecuária	15/5	Jequié/BA
XXIV Exposição Feira Agropecuária	15/5	Floriano/PI
XVII Expoleite	17/5	Esteio/RS
IX Exposição Agropecuária	19/5	Rio Claro/RJ
XXX Exposição Agropecuária	21/5	Dourados/MS
XII Exposição Feira Agropecuária	22/5	Araguaia/PA
V Feira e Exposição Agropecuária	25/5	Jaciara/MT
Exposição Agropecuária	25/5	Currais Novos/RN
XI Exposição Regional de Animais	26/5	Araripina/PE
V Exposição Agropecuária	30/5	F. Araguaia/TO

O BRASIL BATE O MARTELO



Leilão	Local	Data	Animais vendidos	Preço total	Preço médio	Maior valor
V Festival Itapuã (andaluz)	São Paulo/SP	05/4	29	CR\$ 209 milhões (US\$ 224 mil)	CR\$ 7,2 milhões (US\$ 7,6 mil)	CR\$ 12,2 milhões (US\$ 13 mil)
Marca Estrela (crioulo)	Gualba/RS	08/4	19 fêmeas	CR\$ 19 milhões (US\$ 19 mil)	CR\$ 1 milhão (US\$ 1,0 mil)	CR\$ 1,8 milhão (US\$ 1,8 mil)
Touro do Futuro (santa gertrudis)	Tietê/SP	09/4	36	CR\$ 52,5 milhões (US\$ 52,5 mil)	CR\$ 1,45 milhão (US\$ 1,45 mil)	CR\$ 7,8 milhões (US\$ 7,8 mil)
II Leilão Produção Marchigiana	Araçatuba/SP	09/4	321	CR\$ 132 milhões (US\$ 132 mil)	CR\$ 411 mil (US\$ 411)	CR\$ 3,5 milhão (US\$ 3,5 mil)
Haras Marca Sol	Porto Feliz/SP	09/4	81 QM e appaloosa	342.550 URVs	4.230 URVs	80.000 URVs (QM Macho)
3º Leilão Top Interagro	São Paulo/SP	12/4	30 puros-sangues lusitano	CR\$ 268 milhões (US\$ 257 mil)	CR\$ 9 milhões (US\$ 8,6 mil)	CR\$ 18 milhões (US\$ 17,2 mil)



Festa do QM teve caráter nacional

Rancho QM festeja a laço os seus 20 anos

Para comemorar a passagem dos 20 anos de fundação do Rancho Quarto de Milha, de Presidente Prudente/SP, foi realizado, recentemente, o torneio Laço de Ouro. A competição apresentou provas de seis balizas, três tambores, laços de bezerro e em dupla, com a participação de cavaleiros de várias regiões de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O total em valores premiados atingiu US\$ 6 mil, constando ainda um Uno Mille, que ficou com a dupla vencedora Paulo Sérgio Gervazoni e João Carlos Polido, de Regente Feijó/SP. Rolando Neto, presidente do Rancho Q&M, fez a entrega de US\$ 800,00 a Giuliano e Roberval Guimarães, de Goiânia/GO pelo terceiro lugar do laço em dupla.

Yamin dá um banho de oferta no dia 14

O empresário e criador paulista Amilcar Yamin (duchas Corona) está reduzindo o plantel de gado leiteiro das raças holandês e pardo-suíço da Fazenda São Judas Tadeu do Chapadão, em Porto Feliz/SP. A decisão, para alegria dos leiteiros espalhados por aí, foi tomada a fim de concentrar esforços na criação de limousin, disse o produtor. Essa raça rústica de corte vem sendo importada da Europa e aclimatada no Brasil por ele há mais de cinco anos. "Trata-se da única raça capaz de produzir bezerros a

ONDE O MARTELO VAI BATER



Leilão	Local	Data	Oferta	Informações
24º Leilão VR	Uberaba/MG	01/5	Grupo VR	(034) 336-3900
6º Leilão Ases do Mocho	Uberaba/MG	02/5	Nelore	(034) 336-5644
Leilão de Jersey	Bull's Grill/SP	02/5	Jersey	(0123) 22-9066
IV Leilão das Estrelas do Leite	Uberaba/MG	05/5	Zebuínos	(034) 336-3900
31º Leilão LB (Grupo Manah)	Brotas/SP	07/5	Touros e novilhas	(011) 831-8122
2º Leilão Quarto de Milha	Jockey/SP	13/5	QM	(011) 814-1844
VIII Grande Leilão Velocidade	Porto Feliz/SP	14/5	QM	(011) 814-1844
Feilões de Qualidade Corona	Porto Feliz/SP	14/5	Holandês e P. Suíço	(011) 575-1233
Leilão SLN	São Paulo/SP	17/5	QM	(011) 814-1844
Leilão Noite de Prata	Esteio/RS	19/5	Charolês	(055) 222-7822
7º Leilão Leiteiro	Vargem G. do Sul/SP	21/5	Holandês	(0196) 22-3845
Leilão Jersey	Bull's Grill/SP	24/5	Jersey	(0123) 22-9066
Leilão Qualidade Garantida	S. J. da Boa Vista/SP	28/5	Holandês	(0196) 23-4441
Leilão OJC (Haras Império)	Palace/SP	30/5	Mangalarga	(011) 262-7104

campo com o nelore em todas as áreas de pastagens brasileiras", destaca Yamin.

A primeira venda ou "feilão", como o criador gosta de chamar a mistura de feira com leilão, ocorreu no último dia 23 de abril, quando foram ofertadas 100 fêmeas e 30 machos, todos PO. Agora é a vez da se-

gunda oportunidade, marcada para 14 de maio, na própria fazenda (Rodovia Marechal Rondon, Km 127,5), onde cerca de 100 animais entrarão em pista. E, para o dia 20 de agosto, Amilcar agendou o Limousin Qualité Corona, com ventres e reprodutores PO, além de receptoras com prenhez de embriões importados. É aguardar e conferir.



Leite superpremiado: genética com taça e registro



	MODELO	TIPO	PREÇO		MODELO	TIPO	PREÇO
AGRALE	4100	HSE-24 ST	11.498.181,	MAXION	MF 265/4 E		URV 33.519,
	4300	HSE-24 ST	20.608.371,		MF 275		URV 29.270,
AGRALE/DEUTZ	BX-60		37.144.569,		MF 275/4		URV 37.678,
	BX-4.60		47.680.406,		MF 275/4 E		URV 36.478,
	BX-90 E		48.846.001,		MF 272		URV 28.981,
	BX-4.90		63.589.605,		MF 290		URV 34.468,
	BX.100		57.729.798,		MF 290/4		URV 43.482,
	BX-4.110		70.567.256,		MF 290RA		URV 27.945,
	BX-4.130		83.770.970,		MF 292		URV 37.383,
	BX-4.130	SH	77.069.305,		MF 292/4		URV 46.116,
	BX-4.150		100.047.745		MF 297		URV 40.807,
	BX-4.150	SH	92.040.238,		MF 297/4		URV 48.921,
CASE	580H AX		78.263.259,		MF 299		URV 47.223,
	W 18D		115.071.380,		MF 299/4		URV 58.507,
	W 20D		128.504.097,		MF 630		URV 52.257,
	W 36D		225.313.851,		MF 640		URV 64.808,
	W 30D		183.205.292,		MF 660		URV 77.703,
CATERPILLAR	888 CKE		198.502.503,		MX 9150		URV 69.993,
	D4E-SR		URV 113.647,63,		MX 9170		URV 75.875,
	D6E-SR		URV 199.267,04,				
CBT	D5E-DD		URV 143.383,70,				
	8240		42.703.080,	TM 12	c/teto solar simples	86.343.000,	
	8440		43.692.465,	TM 12	c/teto solar duplo	90.959.000,	
	2105	TMM/STD	47.488.074,	TM 14	c/teto solar simples	102.822.000,	
	8060	4x4	68.629.602,	TM 14	c/teto solar duplo	112.036.000,	
	8450	4x4	59.947.059,	TM 17	c/teto solar simples	117.737.000,	
	8060		53.381.346,	TM 17	c/teto solar duplo	124.040.000,	
	8260	4x4	68.632.159,	TM 25	c/teto solar duplo	136.916.000,	
	8240	CC	36.239.251,	TM 25	cabine/duplo	142.027.000,	
	8440	CC	37.208.051,	TM 31	c/teto solar duplo	186.387.000,	
FORD	2105	CC	44.638.806,	TM 31	cabine/duplo	193.350.000	
	4630		URV 30.943,				
	5630		URV 36.276,	STA MATILDE			
	5630	TR	URV 48.846,	SM 370	C	53.722.609,	
	6630		URV 39.306,	SM 400	CR	35.427.989,	
	6630	TR	URV 51.417,	SM 500	CR	35.905.424,	
	7630		URV 47.299,				
	7630	TR	URV 59.786,	685	4x2	33.073.984,	
	7830	TR	URV 68.872,	685	4x2F	31.031.518,	
FIATALLIS	8030	TR	URV 73.348,	685	4x4F	40.986.654,	
	7D		68.730.689,	685	4x4	43.020.205,	
	FD9C0		89.940.362,	785	4x2	38.997.587,	
	FD9E0		89.642.167,	785	4x2F	42.225.168,	
	FA120		93.323.420,	785	4x4	51.250.085,	
	14CTC0		145.755.874,	785	4x4F	46.448.258,	
KOMATSU	14CTE0		142.903.442,	885	4x2	46.288.363,	
	D30E		117.188.090,	885	PCR	35.008.530,	
	D50A		158.203.920,	885	4x4	59.352.475,	
	D60E		248.171.840,	985	4x2	51.276.489,	
	D60F		301.593.260,	985	4x4	66.731.696,	
	D65E		259.064.060,	1180	4x4	69.512.354,	
	D73E		290.491.820,	1280	4x2	56.769.551,	
MAXION	MF 235		URV 20.748,	1280	4x4	76.923.435,	
	MF 235 E		URV 20.109,	1580	4x4	95.365.652,	
	MF 265		URV 25.693,	1780	4x4	108.534.537	
	MF 265 E		URV 24.923,	TC 11		11.369.952,	
	MF 265/4		URV 34.543,	1040 STD		24.763.334,	
				1050D STD		34.301.783,	

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA



MÜLLER

SUPERTRATORES

	MODELO	TIPO	PREÇO
IDEAL	9070	grão	URV 65.713,
	9070	arrozeira	URV 62.552,
	9075	grão	URV 73.029,
	9075	grão turbo	URV 77.053,
	9075	arroz	URV 74.144,
	9075	arroz turbo	URV 78.230,
LAVRALE	L 300	arrozeira/direto	47.363.400,
	L 300	p/cereais	46.248.100,
	L 300	p/milho	51.893.210,
LEILA	LEILA 2	esteira	URV 34.671,81,
	LEILA 2	roda	URV 31.329.73,
	LEILA 1	esteira	URV 30.077,22,
	LEILA 1	roda	URV28.406,18,
MASSEY FERGUSON	3640	arrozeira	URV 63.591,
	3640	grão	URV 62.050,
	5650	grão	URV 65.490,
	5650	arrozeira	URV 66.033,
	5650	grão turbo	URV 70.897,
	5650	arroz turbo	URV 69.487,
	MX 90	grãos	URV 75.419,
	MX 90	grãos turbo	URV 78.572,
	MX 90	arrozeira	URV 75.862,
	MX 90	arrozeira turbo	URV 78.990,
	6845	grão	URV 75.419,
	6845	grãos turbo	URV 78.572,
	6845	arrozeira	URV 75.862,
	6845	arroz turbo	URV 78.990,

	MODELO	TIPO	PREÇO
N. HOLLAND	TC 55	arroz irrigado	URV 74.570,
	TC 55	trigo e soja	URV 75.648,
	TC 57	arroz irrigado	URV 84.428,
	TC 57	trigo e soja	URV 85.669,
SANTA MATILDE	5105		64.261.712,
	1200		60.202.836,
SLC	6300	versão básica (S/PC)	89.291.701,
	7300	versão básica (S/PC)	111.189.239,
	7500 turbo	versão básica (S/PC)	109.059.406,
	7700 turbo	versão básica (S/PC)	114.095.847,
	6300	versão arrozeira (S/PC)	90.542.670,
	7300	versão arrozeira (S/PC)	110.766.723,
	7500 turbo	versão arrozeira (S/PC)	106.511.100,
	Série 300	plataformas	
	PC 314R	cutte 14 pés rígida	18.067.586,
	PC 316R	cutte 16 pés rígida	18.114.708,
	PC 314F	cutte 14 pés flexível	19.058.339,
	PC 316F	cutte 16 pés flexível	19.134.255,
	PC 319F	cutte 19 pés flexível	24.002.594,
	PM SLC 204	p/milho 4 linhas regul.	21.427.473,
	PM SLC 205	p/milho 5 linhas regul.	24.734.599,
	PM SLC 206	p/milho 6 linhas regul.	27.871.944,
	CE SLC	conjunto de esteiras 6 R	23.990.909,

OBS: 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em abril. 2) Preços para as regiões Sul e Sudeste. 3) Não confirmaram preços: Fiat Allis e Case

TM31

MÜLLER

O PRODUTOR MERECE ESTA FORÇA!

(021)390-7650

NOVIDADES NO MERCADO

■ Trator para os sem-máquinas

A Valmet está lançando o modelo 685 ECO, idealizado para os pequenos produtores, que necessitam maximizar o uso de um trator com baixo custo. Ele tem 62cv de potência, transmissão de seis velocidades à frente e duas à ré e custa por volta de US\$ 14.000, cerca de 30% mais barato que os similares. Além de acessível ao bolso do agricultor e versátil na lida com a terra, o ECO é o primeiro trator literalmente verde e amarelo da empresa. **Valmet do Brasil S.A., Rua Verbo Divino, 1.061, Chácara Santo Antônio, CEP 04719-002, São Paulo/SP, fone (011) 521-3099, fax 461-3914.**



■ Banco de energia

O armazenador de energia XTE 750 foi projetado para instalação junto ao acionamento de portões, para cobrir a falta de energia elétrica. Ele é todo automático e apresenta autonomia de funcionamento de até quatro horas, sem nenhuma interrupção. Depois que o fornecimento de luz é restabelecido, o XTE 750 tem suas baterias recarregadas e pode ser utilizado de novo. O equipamento é comercializado em 110v ou 220v, com frequência de 60hz. **Soltec Engenharia de Energia S.A., Rua Dr. João Inácio, 1.116, CEP 90230-181, Porto Alegre/RS, fone (051) 337-2429, fax 337-1811.**



■ Água para os pequenos

O Micro Pivô 3 ha é um equipamento especialmente projetado para irrigar áreas de até 3 hectares de agricultura intensiva, como alfafa, cenoura, beterraba, alho, melancia, uva, etc. O pivô não incorpora componentes eletrônicos, o que dispensa mão-de-obra especializada na sua manutenção. A empresa fabricante oferece garantia de um ano e presta um serviço de pronto-atendimento em qualquer localidade do País. **Fundição Industrial Auto Técnica F.I.A.T., Av. Coativa, 287, CEP 04517-000, São Paulo/SP, fone (011) 542-4095, fax 542-7168.**



■ Ave de classe

A ave temperada Classy conseguiu o selo "Melhor Lançamento do Ano", na pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Supermercados (Abrás). O produto foi desenvolvido com o objetivo de atender às exigências do consumidor moderno, que demanda alimentos práticos, saudáveis e com apresentação sofisticada. Os miúdos vêm embalados separadamente, no interior da ave, que tem acondicionamento fechado a vácuo. A Classy pesa entre dois e três quilos, possui peitos e coxas mais carnudos e baixo teor de gordura. **Ceval Agro Industrial, Rodovia Jorge Lacerda, km 20, CEP 89110-000, Gaspar/SC, fone (0473) 32-0211.**



■ Caterpillar é pau para toda obra

Com potência variável entre 80cv e 125cv, o D4E SR Série II incorpora diversas inovações tecnológicas, com grande versatilidade de operação. O mesmo equipamento faz aplicações com lâmina, traciona implementos e pode utilizar o ríper para trabalhos de escarificação. Uma das maiores inovações, aliás, é a altura de levantamento da lâmina, que atinge um metro, tornando mais fácil a construção de terraços. Outras características: sistema hidráulico com válvula derivadora, motor 3304 Caterpillar de cinco marchas, banco mais ajustável, etc. Caterpillar Brasil S/A, Rua das Nações Unidas, 22.540, Santo Amaro, CEP 01449-010, São Paulo/SP, fone (011) 247-1011.



■ Lixo tóxico seletivo

Os tanques estacionários Kabitudo foram planejados para abrigar todo e qualquer resíduo proveniente de aplicação com agroquímicos, afastando o perigo das contaminações ao meio ambiente. O modelo da foto foi projetado para receber até 2.500 litros de efluentes de nicarbazin e pode ser transladado por poliguindastes. Kabí Indústria e Comércio S/A, Estrada Velha da Pavuna, 3.631, CEP 20765-170, Rio de Janeiro/RJ, fone (021) 591-4242, fax 591-0097.

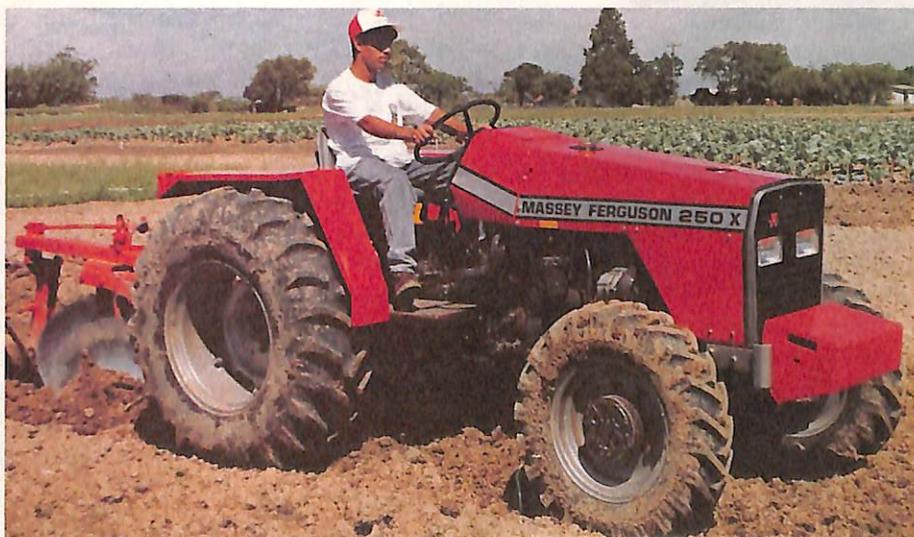


■ Um pulverizador que ignora o vento

Já circula no mercado um pulverizador de barras com sistema próprio de ventilação, que melhora o padrão de qualidade da aplicação de defensivos agrícolas. Com o Columbia Vortex, o agricultor não precisa se preocupar com o vento natural, pois a ação da máquina anula seu efeito, permitindo uma aplicação sem deriva. A cortina de ar gerada pelo Columbia também auxilia a penetração do produto químico no interior das plantas, o que otimiza o controle de pragas e doenças. Máquinas Agrícolas Jacto S.A., Rua Dr. Luiz Miranda, 1.650, CEP 17580-000, Pompéia/SP, fone (0144) 52-1811, fax 52-1916.

■ Este topa qualquer parada

O MF 250X está sendo oferecido ao mercado nas versões standard, estreito, 4x2 e 4x4. O trator atende a todas as tarefas em agricultura, fruticultura e horticultura, com excelente desempenho, economia e versatilidade. Vem equipado com motor Perkins de 51cv, com oito velocidades à frente, levante hidráulico completo, tomada de força e barra de tração. Iochpe-Maxion S/A, Av. Guilherme Schell, 10.160, CEP 92420-000, Canoas/RS, fone (051) 477-4433.



Sem extensão não há solução

Recentemente, tive oportunidade de visitar o Rio Grande do Sul, Estado irmão da província de Shiga, no Japão, com o propósito de avaliar o intercâmbio na área de biotecnologia.

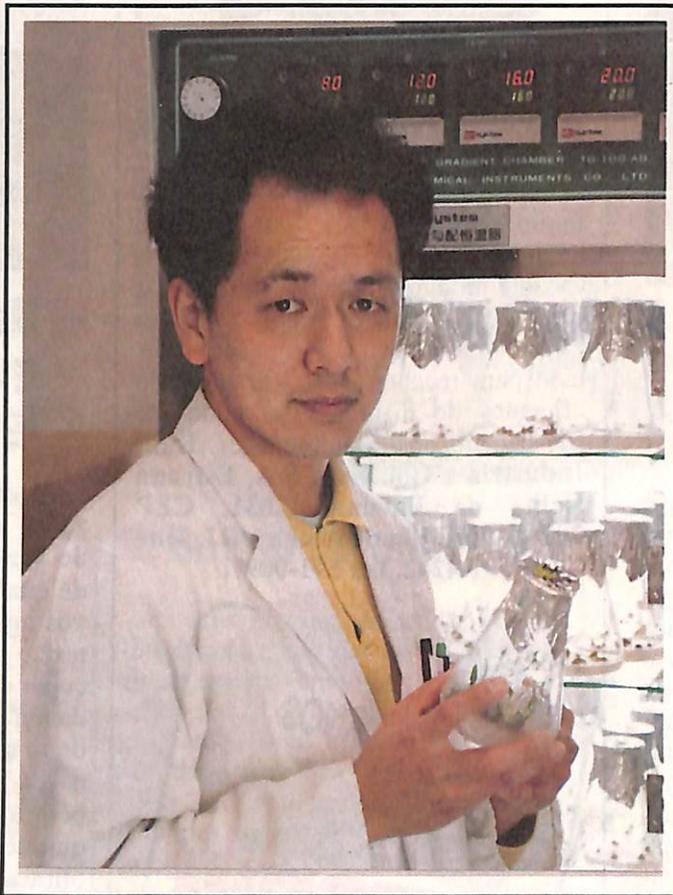
Durante minha curta estada, de cinco dias, pude visitar notáveis instituições, tais como a Fundação de Ciência e Tecnologia, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul e o Instituto de Pesquisas Agrônomicas. Bastante impressionado com o nível da pesquisa conduzida nessas entidades, surpreendeu-me também quão bem seus resultados são implementados em áreas agrícolas.

Proponho-me examinar, dentro do tema proposto, a organização da pesquisa e a difusão da tecnologia para o progresso da biotecnologia.

Já que o Instituto de Testagens Agrícolas da prefeitura de Shiga, ao qual pertencço, é uma instituição de pesquisa local, ele tem a dupla missão de desenvolver novas tecnologias e de contribuir com a região através da difusão das mesmas.

Sendo a biotecnologia um campo recente, e suas tecnologias, de última geração, tendendo a atrair intensamente a atenção do público, os pesquisadores vêm-se tentados a conduzir suas pesquisas na direção de novos enfoques. Convém não esquecer, porém, que os esforços devem dirigir-se à difusão de descobertas científicas para as propriedades agrícolas.

Com respeito à difusão há, no Japão, um antigo dito que afirma "Enquanto a ciência agrícola prospera, a agricultura declina". Isso significa que, não importa o quanto os programas de governo e as pesquisas em



Harushige Kitamura trabalha na Estação de Agricultura Experimental, em Shiga, no Japão

agricultura prevaleçam, eles serão inúteis se não forem efetivamente adotados no meio rural. Para solucionar esse problema, o governo do país e dos municípios estabeleceram conjuntamente o sistema de difusão de melhoramento da agricultura.

Trata-se, resumidamente, do seguinte: primeiro, os engenheiros que compõem o grupo de difusão proporcionam orientação individualizada aos produtores rurais, compatível com seus níveis de tecnologia agrícola e situação financeira. Outros engenheiros, da equipe de tecnologia profissional, reúnem as observações do grupo de difusão, analisam e examinam esses dados e submetem os resultados aos institutos de pesquisa e departamentos administrativos. Os membros dessas equipes são licenciados nacionalmente e, graças a eles, os órgãos

em questão podem, efetivamente, fazer frente aos problemas, expondo e difundindo ao homem do campo as descobertas obtidas no setor agrícola.

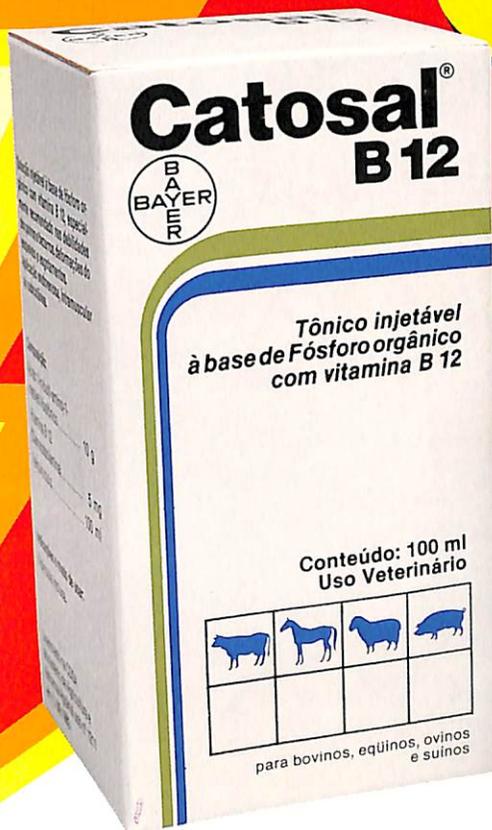
Alguns podem supor que a coordenação da pesquisa e da difusão de tecnologia é relativamente fácil no Japão, devido ao pequeno tamanho do país. Embora isso seja em parte verdadeiro, os esforços são contínuos na busca de facilitar a coordenação entre administração, pesquisa e difusão, a fim de, realmente, ir ao encontro das necessidades do produtor rural e propagar resultados de pesquisas, via educação, o que é feito de modo similar ao do ensino público.

No Japão, é idéia corrente que a promoção de habilidades individuais deve contribuir para o desenvolvimento do grupo como um todo, concepção que prosperou a partir do sistema de emprego vitalício, peculiar ao país, resultando na formação de uma nação com poucas discrepâncias internas, não apenas em tecnologia, mas na sociedade em geral. Em contrapartida, entendendo que países ocidentais, aí incluindo-se o Brasil, são nações onde valoriza-se o individualismo, em que há grande empenho em melhorar as habilidades de pesquisadores e institutos de pesquisa, encarados individualmente.

Muitos desses países são bem maiores e mais ricos em recursos naturais do que o Japão. Para maximizar tais vantagens e eficazmente aplicá-las na agricultura, acreditado que essas nações precisariam promover e fortalecer sistemas que facilitassem a pesquisa a partir de várias perspectivas, a coordenação eficiente das descobertas científicas e a difusão de novas tecnologias para toda a propriedade rural. ■

ENERGIA JÁ!

Menor
custo/dose
do mercado



- Maior concentração de fósforo orgânico do mercado.
- Acelera o ganho de peso.
- Melhora o rendimento físico do animal.
- Aumenta a produção de leite.
- Prepara melhor os animais para provas e leilões.
- Estimula a libido dos reprodutores.
- Acaba com a anemia.
- Pode ser aplicado por qualquer via injetável em todas as idades e estados fisiológicos dos animais.
- Não tem efeitos colaterais, nem é tóxico.

Consultas sobre este produto

TeleBayer
Discagem Direta Gratuita
0800-115546

**O MELHOR ESTIMULADOR PARA
CAMPEÕES E CAMPEÃS**

Bayer

Se é Bayer, é bom.

D4E SR Série II.

Você vai colher os frutos dessa nova safra.

Versatilidade é a principal característica desse trator que oferece alta produtividade e total eficiência na agricultura. Graças a uma série de modificações, o D4E SR Série II melhorou ainda mais o seu desempenho e está preparado para atender também algumas necessidades da construção rural.

Além de ter maior capacidade e velocidade para os tradicionais trabalhos no campo, a nova versão do D4E SR ganhou uma lâmina que realiza outros trabalhos, como a abertura e conservação de estradas, aterros, curvas de nível e

açudes, entre outros.

O D4E SR Série II também deve sua versatilidade às 5 marchas, das quais a primeira e a segunda dão os 80 hp necessários aos trabalhos de construção que utilizam a lâmina. As outras, com 125 hp, atendem funções como subsolagem, puxar grades, adubadores e outros implementos. Agora, veja as

outras vantagens que a Caterpillar acrescentou ao D4E SR. Sua versão Série II é uma máquina pra ninguém botar defeito:

- Faróis halógenos.
- Duas opções de lâminas com capacidades de 1,28 m³ ou 1,90 m³, além de maior levantamento para aumentar a produtividade.
- Melhor visibilidade.
- Novo controle hidráulico com válvula derivadora.
- Embreagem do volante com nova bomba, garantindo melhor desempenho.
- Novo processo de fabricação da coroa e troca do pinhão com material mais resistente, aumentando a vida útil do comando final.
- Novo visual com decalques mundiais da Caterpillar.

Depois de tudo isso, pode-se dizer que o mercado ganhou um novo trator.

D4E SR Série II, uma nova safra de soluções.



CATERPILLAR®

